

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos: Memórias da  
Escola e da Cidade**

Maísa de Almeida Braga

Santos

2008

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos: Memórias da  
Escola e da Cidade**

Maísa de Almeida Braga

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação da Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Bittencourt Granjo.

Santos

2008

Dados Internacionais de Catalogação  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos - UNISANTOS  
*SibiU*

---

B813e BRAGA, Maísa de Almeida  
Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos: Memórias da Escola e da Cidade /  
Maísa de Almeida Braga - Santos:  
[s.n.] 2008.  
199f. ; 30 cm. (Dissertação de Mestrado - Universidade Católica de Santos, Programa em Educação)

I. BRAGA, Maísa. II. Título

CDU 37(043.3)

---

COMISSÃO JULGADORA

---

---

---

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Santos, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por ter traçado este caminho.

Agradeço a minha mãe Odelã e meus avós Harley e Maria por toda a ajuda e incentivo, compreensão de minhas ausências e incentivo ao meu trabalho.

Agradeço à Professora Doutora Maria Helena Bittencourt Granjo, minha orientadora, pela sua dedicação, paciência, incentivo e por ter me apresentado ao mundo da historiografia, um “obrigado” é muito pouco por todo o seu empenho.

Agradeço aos grandes amigos e companheiros de jornada Joelma, Marcos e Rafael, que colaboraram diretamente na elaboração desta Dissertação.

Agradeço aos demais e queridos amigos que compreenderem minha ausência por todo este período.

Agradeço a Dinis, que mesmo do outro lado do oceano, esteve presente e incentivando-me todos os dias.

## RESUMO

Este trabalho tem por finalidade resgatar a memória, o cotidiano e a experiência escolar do alunado tanto quanto as relações da escola com as famílias às quais pertenciam os alunos do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos.

O período escolhido para a referida pesquisa se apresenta entre os anos de 1900 a 1950, pelo fato de, neste período, terem ocorrido as transformações que determinaram a constituição que a cidade conserva até o momento.

Inicialmente o trabalho discorre sobre a história da cidade de Santos desde seu início, até a época da implantação do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, o primeiro grupo escolar público da cidade.

A partir deste momento, o foco da pesquisa é a unidade escolar em questão, desde os esforços políticos empregados para a criação do grupo escolar, até a construção do prédio definitivo que abrigou milhares de alunos.

Finaliza abordando, o alunado e seu cotidiano escolar e familiar.

**PALAVRAS-CHAVE:** História, Memória, Escola, Cidade, Alunos, Cotidiano.

## **ABSTRACT**

This work has for purpose to rescue the memory, daily and the pertaining to school experience of pupils in such a way how much the relations of the school with the families which belonged the pupils of the School Group Dr. Cesário Bastos. The period chosen for the related research if presents enters the years of 1900 the 1950, for the fact of in this period having occurred the transformations that had determined the constitution that the city conserves until the moment. Initially the work discourses on the history of the City of Santos since its principles, until the time of the implantation of the Pertaining to School Group Dr. Cesário Bastos, the first public pertaining to school group of the city. From this moment the focus of the research is the pertaining to school unit in question, since the efforts politicians used for the creation of the pertaining to school group, until the construction of the definitive building that sheltered thousand of pupils. It finishes approaching pupils and its daily pertaining to school and familiar.

**KEY-WORDS:** History, Memory, School, City, Pupils, Daily



## Índice de Figuras

Figura 1: Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, em 1916 .....	11
Figura 2: Igreja do Valongo .....	23
Figura 3: Região dos Quartéis: Gravura de Benedicto Calixto.....	23
Figura 4: Estação Ferroviária do Valongo .....	25
<b>Figura 5: Cesário Bastos.....</b>	<b>35</b>
<b>Figura 6: Primeiro Prédio do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos .....</b>	<b>40</b>
<b>Figura 7: Alunas e Corpo Docente, em 1902.....</b>	<b>41</b>
<b>Figura 8: Alunos do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, turma de 1902.....</b>	<b>42</b>
<b>Figura 9: Projeto Plano Diretor do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos .....</b>	<b>47</b>
<b>Figura 10: Primeiro Pavimento do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos. ....</b>	<b>48</b>
<b>Figura 11: Segundo Pavimento do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos. ....</b>	<b>49</b>
<b>Figura 12: Terceiro Pavimento do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos.....</b>	<b>50</b>
<b>Figura 13: Novo Prédio do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos.....</b>	<b>51</b>
<b>Figura 14: Seção feminina, turma de 1940.....</b>	<b>54</b>
<b>Figura 15: Turma de 1946.....</b>	<b>93</b>
<b>Figura 16: Dr. José Cesário da Silva Bastos.....</b>	<b>104</b>

## Índice de Tabelas

Tabela 1: Nacionalidade da alunas .....	56
Tabela 2: Naturalidade das alunas por regiões do Brasil .....	57
Tabela 3: Naturalidade das alunas - Estado de São Paulo .....	57
Tabela 4: Nacionalidade dos pais das alunas .....	60
<b>Tabela 5: Profissão dos pais das alunas. ....</b>	<b>61</b>
<b>Tabela 6: Nacionalidade dos alunos.....</b>	<b>70</b>
<b>Tabela 7: Naturalidade dos alunos por regiões do Brasil.....</b>	<b>71</b>
<b>Tabela 8: Naturalidade dos alunos - Estado de São Paulo .....</b>	<b>72</b>
<b>Tabela 9: Nacionalidade dos pais dos alunos .....</b>	<b>73</b>
<b>Tabela 10: Profissão dos pais dos alunos. ....</b>	<b>76</b>

## Sumário

<b>RESUMO.....</b>	<b>4</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>5</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
SANTOS, UMA CIDADE, VÁRIAS HISTÓRIAS.....	18
<b>CAPÍTULO II</b>	
A ESCOLA DR. CESÁRIO BASTOS: O NASCIMENTO DE UMA ESCOLA.....	36
<b>CAPÍTULO III</b>	
OS ALUNOS E SUAS FAMÍLIAS .....	53
<b>CAPÍTULO IV</b>	
HISTÓRIAS DE VIDA DE UMA ESCOLA .....	79
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>96</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>99</b>
<b>ANEXOS</b>	
ANEXO – A: Biografia Dr. Cesário Bastos .....	104
ANEXO – B: Listagem - Naturalidade das Alunas e Alunos, Nacionalidade dos Pais das Alunas e Alunos, Profissão dos Pais das Alunas e Alunos do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos.....	106
ANEXO – C: Entrevistas .....	140
ANEXO – D: Quadro de Atividades e Profissões .....	187

## INTRODUÇÃO

A História se forma através da palavra, da escrita, dos monumentos, é a memória viva e eternizada. Muito difícil dizer que o historiador não sofre influência no momento em que descreve a História. Por mais que ele se mantenha neutro, a primeira coisa a ocorrer é um caso de amor com os acontecimentos, com os fatos, com a memória, com o objeto de estudo, é isto que o faz investigar, que aguça sua curiosidade. Foi justamente essa situação que me chamou a atenção para este tema.

Cursei Bacharelado em Química e logo a seguir, Licenciatura em Ciências, trabalhei como analista química por alguns anos, mas descobri que minha verdadeira vocação é o magistério. Sempre ministrei aulas na área de exatas, até que numa oportunidade me deparei com o mundo da historiografia.

Veio-me um enorme sentimento de curiosidade a respeito de muita coisa. Muito desse interesse teve origem na inquietação no que diz respeito aos rumos da educação pública no Brasil que me moveu rumo ao curso de Mestrado em Educação na linha de pesquisa a que se refere à Educação e Formação Humana.

A seguir, fui cativada pela História da Educação. Sentia necessidade de saber como funcionava uma escola nos primórdios da implantação das instituições escolares (como já havia dito antes, era uma inquietação minha), pois, assim, poderia entender melhor a atual educação brasileira.

Então me veio a idéia de pesquisar O Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, o primeiro Grupo Escolar da cidade de Santos. Minha intenção foi resgatar o cotidiano escolar daquela época, a memória de um tempo, de uma escola e, por conseqüência, de uma cidade. Este projeto tem como objetivo resgatar a memória, o cotidiano e a experiência escolar do alunado e as relações da escola com as famílias às quais pertenciam os alunos do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos.

Procurando recuperar outras versões do passado, a produção historiográfica do cotidiano procurou focalizar inicialmente a experiência de sujeitos históricos de diferentes etnias, classes e gêneros: setores populares, grupos étnicos marginais, camponeses, operários. (MATOS, 2002, p.24).

A Escola Cesário Bastos se destacou por sua suntuosidade e sobriedade, formou ilustres e desconhecidos, mas acima de tudo, formou cidadãos santistas de várias gerações. Uma escola que começou em 1900 com apenas cinco salas de aula, em uma casa no centro da cidade de Santos e desenvolveu-se espantosamente, tornando-se um modelo de educação na década de 1950 e chegando a ter 2000 alunos. Agora tem seu espaço físico reduzido à metade, bem como sua clientela e seus dias como escola estão contados.



Figura 1: Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, em 1916, Acervo do site Novo Milênio.

Para a realização do referido trabalho, utilizei-me de bibliografia existente com temáticas relacionadas à cidade de Santos. Fernando Teixeira da Silva, Maria Suzel Gil Frutuoso, Ana Lucia Duarte Lanna, Wilma Terezinha Fernandes de Andrade, Alcindo Gonçalves, Adeldo Gonçalves, André Rosemberg vieram contribuir com a história da formação da cidade, do operariado e do porto.

Maria Izilda Santos de Matos, Maria Aparecida Franco Pereira, Rosa Fátima de Souza, Marta Maria Chagas de Carvalho, António Nóvoa contribuem relevantemente para o entendimento da educação, cultura e a situação da imigração, vigentes no

referido período, a fim de se obter informações referentes ao cotidiano, à educação e à vivência de toda uma época com o intuito de se absorver o conhecimento e embasamento necessário. Para a elaboração do quarto capítulo que trata das entrevistas, contribuíram Marieta de Moraes Ferreira, Janaína Amado, Peter Burke e José Carlos Sebe B. Meihy, auxiliando na contextualização, pesquisas e entrevistas relacionadas à História Oral e História de Vida dos ex-alunos.

Para a produção deste trabalho, foram utilizados vários tipos de fontes: primárias, tais como livros de matrículas e plantas da escola, além de fontes secundárias, como livros que abordam temas relacionados à cidade de Santos e à educação na cidade e no Brasil, durante a época que pretendo estudar. Foram realizadas entrevistas relativas às histórias de vida dos ex-alunos do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos. A opção escolhida foi a de apresentar um panorama da identidade dos alunos e realidade da escola e suas relações com a cidade de Santos. O fato de se optar por este painel mais abrangente não permitiu que se seguissem todas as opções sugeridas pelas fontes, que, dada a sua riqueza, abrem caminho para pesquisas posteriores. Um maior aprofundamento do trabalho ficará por conta de posteriores investigações e trabalhos.

O enfoque prioritário do trabalho foi a relação entre história, memória e cotidiano. As histórias do cotidiano vêm acrescentar conteúdos riquíssimos ao conhecimento do passado, fornecendo importantes subsídios ao desenvolvimento e composição da história.

Contudo, a influência mais marcante parece ter sido a descoberta do político no âmbito do cotidiano, o que levou a um questionamento sobre as transformações da sociedade, o funcionamento da família, o papel da

disciplina e das mulheres, o significado dos fatos e gestos cotidianos. Assim, o renascer dos estudos do cotidiano se encontra vinculado a uma redefinição do poder das instituições públicas e do estado para a esfera do privado e do cotidiano, com uma politização do dia-a-dia. (MATOS, 2002, p.22).

A história abriu amplamente a interdisciplinaridade, pois o cotidiano tem mostrado uma variedade de influências presentes em cada fato. Experiências que anteriormente eram excluídas do relato histórico mostram-se agora essenciais para a compreensão da realidade.

A preocupação do historiador do cotidiano é restaurar as tramas de vidas que passavam despercebidas, procurar perceber, a partir da história de pessoas antes consideradas irrelevantes, os indícios de mudanças e permanências dos segmentos históricos.

Desde os anos 60 e 70, no momento em que a história oral foi introduzida efetivamente na área da historiografia, houve uma preocupação por parte dos historiadores discutirem as questões entre história e memória.

A memória coletiva hoje faz parte dos estudos históricos sejam em dimensões acadêmicas ligadas diretamente ao contexto sociocultural, ou mesmo em áreas ligadas à história diplomática e política. Dar sentido ao passado através da memória é um recurso fundamental, porém convém não esquecer que tais pesquisas devem ter presente a importância do conhecimento relativo à forma pela qual se constituem as lembranças.

Aqui, a relação lança sombras na direção oposta: não se trata apenas de entender as dimensões da memória coletiva no contexto da história, mas sobretudo de entender como a historicização formal e autoconsciente vem se transformando numa dimensão cada vez mais



importante de como lembramos o passado e entendemos sua relação com a vida e a cultura contemporâneas. (THOMSON, FRISCH, HAMILTON, 2002, p.78).

A história se envolve nos processos de memória coletiva conectando-se com o passado, o relacionado ao presente com o intuito de se constituir em preparação para o futuro. A lembrança ocorre sempre em um contexto determinado, aspectos culturais e tempos históricos não podem ser desprezados.

Segundo Burke (1992), a história passa agora a demonstrar novas abordagens, ela se interessa por toda atividade humana, pois a história tradicional oferece uma visão de cima, centrada nos grandes feitos. Esse fato obriga o historiador a buscar parcerias com cientistas de outras áreas.

Ultimamente os historiadores vêm se preocupando com a opinião das pessoas comuns, suas experiências e sua cultura popular, porém a história não deixa de ser objetiva, o que não significa cair na ingenuidade de se acreditarem capazes de reconstruir o passado, exatamente como aconteceu.

É importante salientar que há uma preocupação por parte dos historiadores com o mundo das experiências comuns, de forma a encarar o cotidiano como problemática e focar os comportamentos e valores daqueles que o construíram.

As entrevistas realizadas objetivaram a coletânea de histórias de vida dos ex-alunos bem como de seus familiares com o objetivo de relacionar a influência da escola nestas famílias e vice-versa. Nos livros de matrícula, que fornecem dados tais como naturalidade dos alunos e nacionalidade dos pais destes alunos, buscou-se obter dados necessários para o desenvolvimento da pesquisa a fim de que se pudesse responder às inquietações e desvendar o caminho percorrido pela instituição.

Outras fontes de pesquisa foram os livros de matrícula da seção feminina e masculina da escola entre 1929 e 1950. A pesquisa começou com documentos de 1929, por serem os mais antigos encontrados e escolheu-se o período dali até início da década de 1950, pelo fato de, neste período, terem ocorrido as transformações que determinaram a constituição que a cidade conserva até o momento. Além dessa fonte já mencionada, foi muito importante para a realização do trabalho a bibliografia a respeito da cidade e da escola em Santos.

O primeiro capítulo aborda alguns aspectos marcantes da história da cidade de Santos, desde o início da colonização na região, datada de 1510, quando a Ilha de São Vicente foi escolhida por Cosme Fernandes, o “Mestre Bacharel”, como moradia e, por consequência, abrigou um pequeno porto no canal que separava as ilhas de São Vicente e Santo Amaro, porto esse que deu origem, tempos depois, à Vila de Santos, proporcionando ao leitor um conhecimento básico sobre a história da Cidade de Santos, até os idos de 1900, época da fundação da Escola.

O segundo capítulo trata da história do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, o primeiro Grupo Escolar da cidade de Santos, que começou a funcionar com o nome de Grupo Escolar de Santos, mas logo o nome mudou para Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, como forma de homenagear seu criador. Este capítulo se destina a descrever os caminhos percorridos desde a sua fundação até os anos de 1950, pelo fato de, neste período, ter ocorrido transformações que determinaram a constituição da cidade, a qual se conserva até o presente momento.

O terceiro capítulo trata da análise do material encontrado no Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, que consiste em livros de matrícula das sessões feminina e masculina a partir do ano de 1929 até o ano de 1950. Nestes documentos, existem informações

significativas tais como: naturalidade das alunas e alunos, além da nacionalidade e profissão dos pais destes, o que possibilita se fazer várias inferências e estabelecer relações em cujo encaixe não foi possível caminhar plenamente neste momento. Fica a sugestão para posteriores trabalhos.

O quarto capítulo descreve as histórias de vida de seus ex-alunos, seu cotidiano escolar a relação desses alunos com os colegas de escola, com as professoras, com a família, a influência da Escola em suas vidas.

Para a composição deste último capítulo, foi essencial a leitura do último livro do historiador José Carlos Sebe B. Meihy, *Augusto & Lea (2006), um caso de (des) amor em tempos modernos*. Buscou-se seguir as sugestões do autor para contar as histórias de vida dos ex-alunos do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos e mesmo na coleta dos depoimentos.

As implicações de uma colaboração, por sua vez, ditavam formas de condução de entrevistas. O diálogo seria uma decorrência natural da interação. A cordialidade e o compromisso com a construção da conversa/entrevista deveriam ser abertos para gerar a franqueza capaz de dar forma, ritmo e rumo a um tema. Assim consagrava-se a lógica que diz que a história de vida é mais espontânea e não compostas de questionários fechados nem os esquemas herméticos de perguntas e respostas. (MEIHY, 2006, p.136).

Para que se possa trabalhar com história oral, é necessário compreender para explicar, o que se torna imprescindível compreender a problemática das questões para depois explicá-la de modo claro a fim de se atingir os objetivos propostos pela

pesquisa. A opinião e o esclarecimento do entrevistador são fundamentais neste aspecto. O fato de escolher certas passagens das entrevistas demonstra um critério de seleção das mensagens que mais se destacaram através da voz dos ex-alunos, fatos marcantes em suas vidas escolares e cotidianas, visto que nas transcrições das entrevistas, muitas informações ainda estão à disposição do leitor.

Para expor os resultados das entrevistas, foi seguida ainda a sugestão de Meihy na referida obra, foi escolhido o tratamento individual da contribuição de cada entrevistado de forma a compor aquilo que o autor chama de transcrição. A riqueza dos depoimentos conseguidos, que dadas as condições do trabalho no prazo concedido ao mestrado não puderam ser totalmente explorados neste momento, estão na íntegra nos anexos na esperança que possam ser úteis a outros pesquisadores.

## **CAPÍTULO I**

### **SANTOS, UMA CIDADE, VÁRIAS HISTÓRIAS**

Antes de tratar especificamente das questões elencadas anteriormente, é necessário discorrer um pouco sobre a cidade de Santos, pois é nela onde se situa a escola que se tornou objeto de pesquisa.

Uma cidade que surgiu em função de um porto e que até hoje, gira em torno dele.

Santos localiza-se na região central do litoral de São Paulo, ligando o litoral Norte ao Sul, sendo a Baixada Santista a mais recortada desta costa, destacando-se nela duas ilhas: a de S. Vicente e a de Santo Amaro, separadas do continente por um lagamar e um canal. A Baixada Santista localiza-se entre Bertioga e Mongaguá, do oceano Atlântico até as encostas da Serra do Mar.

Vista da baía, a paisagem geográfica é como um anfiteatro natural, limitada por duas pontas avançadas: Itaipu à esquerda e a ponta da Ilha de Santo Amaro à direita, tendo à frente a ilha de S. Vicente e, ao fundo, a muralha da Serra do Mar. (ANDRADE, 1989, p.02)

Em 1501, Cosme Fernandes, o “Mestre Bacharel”, foi degredado de Portugal pelo Rei D. Manoel I por razões políticas e religiosas. Já no Brasil, foi abandonado pelos comandantes de expedição André Gonçalves e Américo Vespúcio na região onde hoje se situa a cidade de Cananéia. Mestre Bacharel conseguiu sobreviver graças a alianças feitas com os nativos que ali habitavam e em 1510, percorreu o litoral rumo ao

norte, estabelecendo-se na Ilha de São Vicente (onde hoje se localiza as áreas insulares dos municípios de São Vicente e Santos). Fundou o porto de São Vicente na entrada do canal que separa as ilhas de São Vicente e Santo Amaro (município de Guarujá) e, por conseqüência, o primeiro povoado brasileiro no lado ocidental da Ilha de São Vicente.

Em 1532, Martin Afonso de Souza chegou à Ilha de São Vicente como donatário, e por ordem do Rei de Portugal Dom João III, Cosme Fernandes foi obrigado a retornar a Cananéia. Porém, esse retorno não se fez de forma pacífica. Cosme Fernandes travou luta contra os homens de Martin Afonso, causando várias mortes em ambos os lados.

Martin Afonso ofereceu vantagens aos moradores, tais como: distribuição de terras, incentivo ao cultivo de cana-de-açúcar, bem como a construção de engenhos, de modo a garantir a fixação do povoado na região e, assim, espantar as idéias de ocupação por parte dos espanhóis que muito cobiçavam o local.

A esposa de Martin Afonso de Souza, Ana Pimentel, faz a doação de terras de sesmaria em uma área continental chamada Jurubatuba para Brás Cubas, escudeiro e criado de Martin Afonso, que mais adiante compra as terras na Ilha de Guaiaó (São Vicente), transferindo o porto para a enseada de Enguaguaçu, local onde até hoje se localiza o porto de Santos.

A origem de Santos foi, portanto, bem modesta.

O ancoradouro interior teve dupla função: tanto atendia às naus e caravelas quanto às embarcações dos moradores das imediações, pois foi a princípio um porto de canoas.

A transferência do uso do porto da Ponta da Praia para o Enguaguaçu foi iniciativa de Brás Cubas e o acerto da escolha foi tão bom que o porto de Santos se localiza ali até hoje. (ANDRADE, 1989, p.12).

Esta mudança de local para o comércio de mercadorias muito contribuiu para o desenvolvimento da região, elevando o povoado à categoria de Vila, Vila de Santos, pois o porto melhor localizado em águas tranquilas, de maior profundidade e mais vigiado (uma vez que do Monte Serrat se podiam avistar as embarcações que adentravam ao canal) era atrativo às embarcações mercantes.

Foi em Santos que se criou o primeiro hospital do Brasil. Em 1543, a Irmandade de Misericórdia construiu o Hospital de Todos os Santos, homônimo do hospital existente em Lisboa. A intenção era atender não somente a população local como também as tripulações das navegações que atracavam na região, uma vez que os europeus eram muito susceptíveis às doenças tropicais.

A década de 40 marcou progressos para a “nova povoação”, como repetidamente se referiu frei Gaspar. A transferência do porto em 1541, a construção de casas, a criação da Irmandade da Misericórdia, a construção do hospital, da capela de Santa Catarina, o estabelecimento de engenhos de açúcar – o da Madre de Deus, no continente na outra margem do lagamar do Caneu, do de S. João no atual centro da cidade, o de S. Jorge dos Erasmos, a meio caminho da vila de S. Vicente, a criação do gado miúdo, a instalação da Câmara Municipal, a reacomodação dos povoadores, a vinda, de Portugal, das mulheres casadas, que permitiram o aparecer da primeira geração branca ao lado da geração mameluca, os novos casamentos e outras ocorrências justificaram plenamente a elevação de Santos a categoria de vila. Um desastre, em 1541, atingiu a vila de S. Vicente que foi inundada pelas águas do mar [...] Entretanto, esta tragédia, que obrigou os moradores a reconstruírem a vila mais adiante, nada teve a ver com o desenvolvimento santista, pois foi a superioridade do porto santista o fator determinante do seu progresso. (ANDRADE, 1989, p.18)

Já a Vila de São Vicente era inicialmente localizada onde, nos dias atuais, encontra-se a baía de São Vicente, um forte maremoto atingiu a Vila em 1541, o mar invadiu a região e jamais retrocedeu. A seguir a Vila de São Vicente foi reconstruída mais a diante, próximo aos arredores da residência de Martin Afonso. A Vila de Santos era ligação com São Paulo, e o porto responsável pelo recebimento de mercadorias vindas de Portugal. A grande movimentação de navios despertou a cobiça de piratas, e a Vila foi alvo de ataques por quase 200 anos. Tal situação provocou a necessidade da construção de fortalezas militares ao longo da Barra de Santos e de um armazém bélico, estimulando reações de organização e defesa da população que habitava o local.

Com o crescimento da exportação da cana de açúcar no final do século XVIII, houve a necessidade da construção de um acesso fácil e rápido ao planalto paulista, construiu-se, então, a “Calçada de Lorena”, que logo se tornou principal corredor de exportação.

Por ali passava toda mercadoria vinda de São Paulo e das cidades interioranas, com destino ao porto de Santos, as quais eram enviadas a diversos destinos.

O aumento na produção cafeeira fez do porto de Santos um porto internacional, elevando a Vila em 1839 à categoria de Cidade. Porém a Cidade não apresentava condições sanitárias necessárias para o desenvolvimento populacional, pois era uma área insalubre.

No início, a cidade situava-se próxima à Igreja do Valongo e conseqüentemente ao cais. Os habitantes eram trabalhadores do porto e comerciantes que residiam em seus locais de trabalho ou próximo a eles em cortiços, de modo a facilitar o acesso ao trabalho.



Toda essa região era área insalubre em péssimas condições de higiene, sujeita a muitas epidemias, que dizimaram parte da população, constituída basicamente por imigrantes e ex-escravos. Havia uma grande concentração de cortiços, uma vez que Santos era considerada uma cidade de passagem, de trabalho temporário, havia pouca fixação de famílias dos trabalhadores, mesmo porque a situação insalubre e a constante presença de epidemias dificultavam tal fixação. Desde os primórdios da colonização, era um vilarejo acanhado, ponto de acesso ao planalto paulista, sendo ponto de ligação com o mar e as terras além dele. Em 1640, já contava com a existência do convento do Valongo em torno do qual se desenvolveu um núcleo de povoação.

No século XVIII, havia dois núcleos de povoamento em Santos, o Valongo e Quartéis. O primeiro era habitado em maioria por portugueses que vieram para o Brasil, motivados pelo aumento da exportação do café e ali fixaram residência pela proximidade ao porto, sendo o comércio a atividade predominante; o segundo era habitado por brasileiros natos, porém descendentes de europeus ou africanos em segunda ou terceira geração que exerciam funções como militares, pescadores e lenhadores.



Figura 2: Igreja do Valongo, Acervo de Maísa de Almeida Braga



Figura 3: Região dos Quartéis, Gravura de Benedicto Calixto

Havia uma constante competição entre os núcleos ao ponto que em 1850, os Valongueiros não acessavam a Igreja Matriz que pertencia à região dos Quartéis e os Quarteleiros também eram impedidos de chegar à igreja do Valongo pertencente à região do Valongo. Tal competição era originada por preconceitos por parte de ambos os grupos.

Os Valongueiros, estrangeiros em grande maioria, não reconheciam nos brasileiros muita vontade em trabalhar arduamente, e os Quarteleiros brasileiros em maioria, por sua vez, mesmo sendo descendentes de estrangeiros, viam nos imigrantes uma ameaça ao mercado de trabalho, o que significava tirar dos brasileiros a oportunidade de empregos.

Por aquela época, a Cavalaria do Governo Provincial, inutilmente, tentou intervir na então rivalidade dos núcleos, porém para surpresa de todos, Quarteleiros e Valongueiros juntaram-se para derrotar a Cavalaria do Governo Provincial.

Em 15 de março de 1860, iniciou-se a construção da ferrovia (São Paulo Railway), que uniria São Paulo a Santos. Houve a tentativa por parte da ferrovia de derrubar a igreja do Valongo para a construção da estação ferroviária e mais uma vez houve a união dos núcleos com a finalidade de se impedir a destruição da igreja. A estação ferroviária acabou por ser construída ao lado da igreja do Valongo, pondo fim em definitivo à rivalidade entre os núcleos.

Para a modernização e a industrialização paulista foi de grande importância a ferrovia que abriu as portas para a São Paulo moderna. A Estrada de Ferro São Paulo Railway, inaugurada em 1867, que fazia a ligação entre a cidade de São Paulo e cidade de Santos, onde se localizava o maior porto de importação e exportação do Estado, fez surgir cidades e contribuiu para o desenvolvimento de vilas nos locais próximos a suas estações. (GRANJO, 2006 p.274)



Figura 4: Estação Ferroviária do Valongo, Acervo de Máisa de Almeida Braga

Tais incidentes exemplificam, de forma feliz, o relacionamento entre brasileiros e portugueses, que formavam a maior colônia estrangeira em Santos e que, por longo período, sobrepujou em número os filhos da terra. Apesar da rivalidade entre os grupos, ocasionalmente eram capazes de se unir a fim de preservar suas identidades.

A imigração portuguesa está diretamente ligada ao desenvolvimento do comércio do café, e o porto de Santos era o principal exportador dessa mercadoria.

A imigração portuguesa para o Brasil sempre existiu, mas a partir de 1850, intensificou-se impulsionada por crises socioeconômicas e nos setores da agricultura, pecuária e vinicultura em Portugal.

A difícil situação socioeconômica em Portugal, na época, foi ocasionada pelos baixos salários e a falta de absorção de mão-de-obra rural e urbana; a crise na agricultura foi motivada pela fragmentação da terra devido ao crescimento populacional e à pecuária, em virtude da perda do mercado de carne, pois a Grã-Bretanha, que era seu grande comprador, passara a consumir carne congelada vinda de outros países.

O setor da vinicultura sofreu, igualmente, com as concorrências francesa e espanhola, além de ser atingido por pragas como o oídio e a filoxera. As grandes remessas de dinheiro vindas do Brasil e o desejo de fugir do serviço militar por parte dos rapazes em idade de alistamento, uma vez que dos 14 aos 21 anos eram obrigados a cumprir o serviço militar, o que significava 7 anos sem poder trabalhar e auxiliar a família, também contribuíram para emigração.

Por outro lado, para os portugueses o Brasil era uma continuação de sua própria terra, já que o país havia sido colonizado por portugueses, o idioma e os costumes eram muito semelhantes e, por isso, sentiam-se em casa.

Como a emigração tomou grandes proporções, o governo de Portugal adotou medidas para coibir o êxodo, que abrangiam desde a reforma agrária até a proibição da saída de jovens em idade de alistamento no serviço militar. Mais de um milhão de portugueses veio para o Brasil entre 1850 e 1950.

No Brasil, os imigrantes que se fixavam nas cidades procuravam se estabelecer em atividades ligadas ao comércio e na construção civil. Em Santos, além dessas atividades, também trabalhavam no porto, em armazéns do café. Com a expansão do porto, a partir de 1890, aumentou o número de portugueses que trabalhavam como carregadores, estivadores, cocheiros e trabalhadores de serviços congêneres.

Os imigrantes oriundos da Ilha da Madeira, sobretudo, estabeleceram-se em morros como o do São Bento e do Pacheco, pois a geografia local era semelhante à da ilha de origem.

Os ibéricos fixaram-se, principalmente, nas encostas voltadas para o centro comercial, onde se localizavam os morros. As más condições de habitação eram compensadas pela economia de tempo e de dinheiro, uma vez que esses moradores podiam chegar com maior facilidade aos locais de trabalho. Em tais áreas os imigrantes construíram casa de madeira em terrenos vendidos ou alugados. (SILVA, 1995, p. 14).

Segundo Frutuoso (1989), o contingente lusitano iria superar de longe o de qualquer outra nacionalidade, transformando a cidade de Santos, até meados do século XX, numa “cidade portuguesa”. Essa grande imigração para Santos ocasionou um aumento de casamentos de portugueses com brasileiras, levando à permanência dos imigrantes na cidade, uma vez que constituída a família não retornavam mais a Portugal.

Os imigrantes eram em sua maioria analfabetos, mas, chegando a Santos, procuravam se alfabetizar mesmo que de forma informal, de modo a exercer profissões ligadas ao comércio. Também era grande a preocupação desses imigrantes em encaminhar seus filhos nos estudos em busca de um futuro melhor.

Os filhos dos portugueses que se estabeleciam nos morros enfrentavam a dificuldade de escolarização, pois não havia escolas nos morros. Contornavam esse problema revezando-se para ir à escola e estabelecendo um sistema em que os mais

adiantados ensinavam aos outros, uma vez que as crianças tinham que trabalhar para auxiliar na renda familiar.

Santos, em fins do século XIX, apoiou intensamente o movimento abolicionista, e a favor deste movimento estavam a imprensa santista, comerciantes, profissionais liberais, ferroviários, polícia e administração local. A Cidade abrigava quilombos como o do Jabaquara e da Vila Mathias. A população apoiava e sustentava economicamente esses quilombos e arrecadava fundos para a libertação dos escravos. Dois anos antes da assinatura de Lei Áurea, em 27 de fevereiro de 1886, Santos promulgou a lei municipal de abolição da escravatura na sua área de jurisdição.

As idéias republicanas eram muito fortes na Cidade, assim como as idéias socialistas, pois Santos abrigava um grande contingente de operários, imigrantes que possuíam certo conhecimento sobre o socialismo e anarquismo, o que a fez conhecida como a Barcelona Brasileira pelas constantes lutas do movimento operário por melhores condições de trabalho e salários mais justos. A Cidade foi ainda chamada de “Porto Vermelho” e “Moscou Brasileira”, devido ao forte movimento sindicalista e da militância comunista praticada por grande número de trabalhadores do porto. Segundo Pereira (1993), “o nascente movimento operário contou, desde o início, com grande contingente de pessoas arregimentadas na imigração européia, inclusive responsável pelo grande aumento da população paulista.” (PEREIRA, 1993, p. 23).

Santos foi marcada por várias greves de operários a partir de 1877, que mobilizaram um enorme contingente de trabalhadores do porto e contaram com o apoio e adesão de outras categorias, da população e da imprensa. Havia na cidade um grande número de jornais. A cidade desenvolvia-se do ponto de vista cultural.

O Teatro Guarany, inaugurado em 1882, foi palco não só de grandes espetáculos artísticos (Sarah Bernhardt lá interpretou Margherite Gautier em *A Dama das Camélias*, em 1886), como diversos comícios e reuniões políticas importantes, especialmente nas campanhas abolicionistas e republicana, e de festivais promovidos por sociedades beneficentes e mutualistas. (GONÇALVES, 1995, p.46).

A classe média santista teve participação efetiva no apoio aos movimentos abolicionista e republicano, comprovando a união, mesmo de forma esporádica, das classes sociais (operários, profissionais liberais, trabalhadores do porto em geral, trabalhadores da construção civil, comerciantes), situação que perdurou até os idos de 1930.

Santos foi conhecida como terra da liberdade, povoada por trabalhadores e comerciantes, era um caldeirão propício a reivindicações trabalhistas e grande receptor de idéias anarquistas trazidas da Europa pelos trabalhadores que de lá vieram. Grande parte dos trabalhadores eram absorvidos pelo trabalho portuário e do comércio, havia também uma significativa quantidade de profissionais liberais, estes, porém brasileiros, muitas vezes apoiavam a luta dos trabalhadores. Os trabalhadores do porto tinham plena consciência de sua importância na participação econômica da cidade de Santos e até mesmo do país, gozavam de condição privilegiada que se revelava através de seus salários, maiores que os salários das outras categorias de trabalhadores, e também se revelava através da disposição de luta por suas reivindicações.

Interessa-nos, porém, sublinhar a continuidade das lutas do movimento operário, a participação ativa da população nos grandes momentos da política nacional, a sucessão de eventos que marca o reforço



permanente da cultura de resistência e inconformismo, traços característicos da cidade.

Em 1917, quando ocorre greve geral em São Paulo, marco do movimento sindical brasileiro, os operários santistas aderem e, em solidariedade, paralisam a cidade [...]

Em 1923, os comunistas locais contribuem para as articulações da greve dos tipógrafos santistas em solidariedade aos da capital que exigiam melhores salários e condições de trabalho, além do reconhecimento de seu sindicato. (GONÇALVES, 1995, p.74).

Ainda segundo Gonçalves (1995):

Em 1934, uma série de movimentos grevistas ocorre na cidade: bancários, empregados em hotéis, cafés e restaurantes, construção civil, padeiros e confeitores, portuários (greve de 24 horas), operários da Light de Cubatão, além de manifestações no porto contra os integralistas. No final de 1934, surgem na imprensa notícias sobre a Frente Única Sindical e Popular de Santos e Litoral. (GONÇALVES, 1995, p.75)

O trabalhador santista lutou pelos seus direitos e, quando necessário, na maioria das ocasiões aderiu à greve. A luta e a conscientização não se resumiam somente à categoria de trabalhadores do porto, mas a todas as profissões, pois havia uma grande comunicação entre todos os trabalhadores, de todas as áreas, contribuindo para a solidariedade entre eles. A cidade testemunhou muitas greves e, por várias vezes, sofreu intervenção do governo para que se desse fim a esses movimentos.

Mas a partir de 1940, inicia-se a separação entre as categorias de trabalhadores (classes trabalhistas), motivada pela complexidade econômica que a cidade enfrentava e também pelo aumento populacional que veio contribuir para expansão imobiliária, distanciando geograficamente os grupos de trabalhadores, dificultando o encontro dos mesmos.

A Cidade também enfrentou diversos problemas relacionados à saúde da população. O código de postura da cidade, datado de 1847, já ressaltava as preocupações com a saúde dos habitantes, estabelecendo critérios quanto à higiene, normas sanitárias e regulamentação de forma uniformizada das edificações. Mas mesmo assim, as epidemias perduraram por quase 60 anos.

Chamamos de “peste negra” ao conjunto de moléstias que, desde meados do séc. XIX até a 1ª década do século XX, devastaram com frequência a cidade, matando grande parte de sua população fixa e flutuante. Moléstias contagiosas, provocadas por uma associação de fatores, entre os quais a excessiva concentração dos habitantes nos chamados cortiços, a falta de higiene e o desconhecimento de propagação de doenças. (ANDRADE, 1989, p. 70).

Epidemias de malária (conhecida na época como impaludismo), febre-amarela, varíola, sarampo, tuberculose, gripe, entre outras, causaram a morte de milhares de pessoas. No ano de 1889, houve a interdição do porto de Santos, pois a cidade foi vitimada por nada menos que cinco tipos de moléstias. As causas eram inúmeras: grande quantidade de cortiços, ausência de sistema de esgoto, o Cemitério em condições precárias (valas a céu aberto), presença de regiões pantanosas, fortes chuvas e calor excessivo, falta de calçamento nas ruas, praias lodosas. O aumento populacional provocado pelo contingente de imigrantes e sua concentração na pequena área urbana próxima ao porto contribuía ainda mais para frequência das epidemias.

Com a construção da ferrovia, os comerciantes que haviam fixado residência em Santos abandonaram o Valongo, fixando-se nas proximidades do cemitério do Paquetá,

onde foi criado um novo bairro, o Bairro do Paquetá, iniciando a expansão do centro da cidade. Outros preferiam morar em São Paulo e utilizar a ferrovia diariamente, justamente por causa da insalubridade da região. O chamado Trem dos Comissários chegava a Santos às 9 horas e partia às 16 horas.

Em 1888, a firma Gaffrée e Guinle, empresa brasileira criada para executar as obras no porto que utilizou capital e engenharia nacionais, iniciou a reforma do porto e a construção de muro ao redor do mesmo, evitando o contato direto da população com as margens do cais, de modo a dificultar a propagação de epidemias e facilitar as atividades portuárias.

As primeiras maiores concentrações de operários surgiram ao redor das ferrovias e nas docas de Santos, quando a economia agro-exportadora, a partir da segunda metade do século XIX, necessita de melhores condições para liberar o café da fazenda para o porto e daí para o exterior. Em 1892, dois mil operários foram contratados para as obras de modernização do cais de Santos. (PEREIRA, 1996, p. 23).

Esse foi o primeiro passo para a reforma sanitária, que se iniciou em 1890, bem como a implantação da política de saneamento, ocasionando o crescimento populacional, fruto da melhoria das condições de vida.

Em 1905, Saturnino de Brito, engenheiro sanitarista, pioneiro da engenharia sanitária e ambiental no Brasil, responsável por importantes obras em todo o país, elaborou uma proposta para a planta da cidade: propôs a extinção dos cortiços do centro e a construção dos canais, que corrigiram os caminhos dos riachos, secaram os mangues e acabaram com as inundações.

Desde o final do século XIX e início do XX, uma das primeiras vias a delinear a cidade enquanto questão foi a higiênico-sanitarista. O olhar médico conjugado à ação/observação/transformação do engenheiro e à política de intervenção de um Estado planejador/reformador, pretendia de todas as formas neutralizar o espaço. (MATOS, 2002, p.32)

Após o início de uma reforma sanitária, visando acabar com as constantes epidemias, esse panorama sofreu mudanças. A Cidade havia, então, conquistado a confiança das famílias, pois já não era mais sinônimo de doenças e morte, despertando-lhes a vontade de manter residência fixa na Cidade. Santos começou, então, a ser povoada pelas famílias dos trabalhadores, havendo a expansão residencial para o bairro do Paquetá.

Por muito tempo, a região que é hoje chamada de centro velho, correspondeu a toda a cidade de Santos, na qual residia e trabalhava a população. Com o aumento dessa população e insuficiência de moradia proliferaram os cortiços, que passaram a ocupar os casarões, antigas moradias de famílias abastadas.

A população ocupou inicialmente terrenos disponíveis do centro urbano e próximos ao porto. Com a evolução comercial de Santos, numerosas residências na zona velha da cidade cederam lugar às casas de comércio, e muitos dos antigos moradores foram deslocados para o leste, onde se ampliaram antigos e se formaram novos bairros, tais como Macuco e Vila Mathias, os dois principais bairros proletários de Santos. (SILVA, 1995, p.14).

Os mais abastados buscaram lugares menos promíscuos para fixar suas famílias: houve uma expansão imobiliária para a região da Vila Mathias, estendendo-se ao Boqueirão, Gonzaga e, a seguir, Embaré e Pompéia.

Segundo Gonçalves (1995), em 1872, existiam 9.151 habitantes e em 1900, a população chegou a 50.398 habitantes, ou seja, houve um aumento populacional de mais de 400%.

Foi justamente na época do desenvolvimento da Vila Mathias, por volta de 1900, que José Cesário da Silva Bastos, filho de José da Silva Bastos e Maria Plácida da Costa Bastos, nascido em São Vicente, em 16 de setembro de 1849, fez seus primeiros estudos na Cidade de Santos e diplomou-se na Faculdade de Direito em São Paulo. Em 1877, após ter abandonado a carreira do Ministério Público, regressou a Santos, instalando uma banca de advogados, foi um dos fundadores do Partido Republicano e o 1º Presidente da Câmara Municipal de Santos, também foi Deputado da Constituinte do Estado, além de Senador por diversas vezes. Entre suas realizações, destacam-se a implantação do primeiro Grupo Escolar da cidade de Santos (que recebeu seu nome), pois até essa época existiam somente classes isoladas subsidiadas pelo Estado, que atendiam em salas de espaços alugados e agrupavam alunos de diferentes séries, que eram assistidos por uma única professora ou professor, ou então escolas particulares graduadas, que, neste caso, não atendiam alunos que não possuíam condições de pagá-las.

Outras lacunas foram apontadas nas escolas isoladas: diziam respeito à instalação e orientação pedagógica. Com poucas exceções, as turmas estavam instaladas em salas acanhadas, sem conforto, sem higiene

e na maioria sem lugar para recreação dos alunos. Os proprietários de casas grandes e confortáveis, dificilmente as alugavam para escola. Todo o material de ensino: móveis e utensílios, estava em má situação, carecendo de reposição. (GRANJO, 2006, p.275).

Cesário Bastos também contribuiu na constituição de outros Grupos Escolares, além do desenvolvimento de projetos para a criação de vias públicas.



Figura 5: Cesário Bastos, Acervo do site Viva Santos

## CAPÍTULO II

### A ESCOLA DR.CESÁRIO BASTOS: O NASCIMENTO DE UMA ESCOLA

Somos muitos os que ainda recordam do grupo escolar: ex-alunos, professores, diretores, funcionários, pais de alunos e muitas gerações da sociedade brasileira. Como esquecer esse universo peculiar, essa organização que aprisionou a nossa infância numa rede de repressões, deslumbramentos e descobertas de conhecimentos, códigos, símbolos, normas, valores, disciplinas? Como esquecer esse espaço do exercício profissional do magistério? (SOUZA, 1998, p.15).

É o sentimento nostálgico que nos remete aos tempos de escola. Não há uma só pessoa que não tenha recordações boas ou ruins da sua época de escola primária.

Digamos que é o momento mais marcante para uma criança o seu primeiro dia de escola. A expectativa, o medo, a insegurança, a ansiedade. É o momento do corte do cordão umbilical imaginário que liga a criança aos pais. A escola nos deixa impressões eternas, serve-nos de modelo, aliás, o primeiro modelo social, que não se assemelha ao familiar. Quando uma criança inicia sua vida escolar, ela vê no professor um grande exemplo, sua palavra, seu discurso é quase uma lei. A criança acredita indubitavelmente naquela pessoa que ali está a lhe transmitir idéias, conhecimentos, referências. Quando se dá a passagem da infância para a adolescência, inicia-se um momento de contestação, o professor de modelo pode passar a adversário, pois é natural que o jovem seja contestador por natureza, e a escola torna-se o lugar ideal para o exercício de tais contestações. No entanto na fase adulta, a escola é vista com olhos de quem espera algo mais da vida, um lugar para se adquirir conhecimentos úteis ao desenvolvimento pessoal e profissional.

A finalidade deste trabalho é discorrer sobre a primeira fase escolar, a escola primária. O objeto de pesquisa escolhido foi a Escola Estadual Dr. Cesário Bastos, pelo fato de ser o primeiro grupo escolar na cidade de Santos, um marco na educação da cidade e da região, em uma época de mudanças no sistema de ensino, pois anterior a esse tempo, as escolas eram constituídas por classes isoladas, em que se agrupavam, numa única sala de aula, alunos de séries diferentes. Tais classes eram distribuídas por regiões na cidade.

No final do século XIX e início do século XX, o país passava por transformações políticas e educativas. A educação era vista como uma forma de moralizar e civilizar a população.

Vitória das luzes e da razão sobre as trevas e a ignorância. "Alicerce das sociedades modernas, garantia de paz, de liberdade, da ordem e do progresso social"; elemento de regeneração da nação. Instrumento de moralização e civilização do povo. Eis algumas das representações sobre a educação em vigor no Brasil no fim do século XIX. Em realidade, elas fazem parte da concepção liberal de educação que tomou conta do pensamento e da política educacional nesse período. (SOUZA, 1998, p.26).

A escola foi organizada de acordo com as idéias republicanas e visava à homogeneização dos diversos grupos da população. Foram adotados novos métodos pedagógicos, estabeleceu-se e fixou-se a jornada escolar com início e término das aulas, foi definido o ritmo, marcados os intervalos, e o saber foi dividido em matérias.



Formar o pedagogo moderno consistia em fazê-lo ver os novos métodos em funcionamento, pois seria “inútil pensar em adquirir sem ter visto praticar”. Mas como fazê-lo sem mestres que já tivessem visto fazer e feito por si? A solução era mandar vir do estrangeiro mestres hábeis nessa especialidade e, com eles, profuso material didático adequado às exigências da “moderna pedagogia”. (CARVALHO, 1989, p.29).

O Estado republicano paulista investiu muito na formação dos professores e valorizava o magistério, no entanto esperava-se que o trabalho do professor se constituísse em quase um sacerdócio. Professores deveriam ser modelos de moral e bons costumes, um exemplo a ser seguido.

Houve grande investimento na adaptação de casas para a função escolar e passou-se a investir na construção de prédios que satisfizessem as exigências da educação como então era concebida.

A onda de edificações escolares iniciada nessa década colocou professores, alunos e salas de aula em uma relação direta, ou seja, cada classe em uma sala, cada classe com um professor. Portanto, somente no final do século XIX a classe converter-se-ia na unidade organizativa dominante no ensino primário.(SOUZA, 1998, p.34).

Criada em moldes republicanos, a escola de que trata o presente trabalho começou a funcionar com a designação de Grupo Escolar de Santos, mas logo o nome mudou para Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, como forma de homenagear seu criador. Os grupos escolares representavam prestígio para as localidades que os abrigavam e significavam vitória política por parte das autoridades locais.

Amigo da instrução, Cesário Bastos deu grande impulso ao ensino público em Santos, iniciando um movimento junto ao Governo do Estado, para a criação do primeiro Grupo Escolar da cidade.

A escola graduada era uma mudança em forma de avanço, pois representava a adoção de um sistema mais ordenado, que deveria proporcionar acesso a todos, universalizando o ensino primário. O grupo escolar reunia uma maior quantidade de alunos em classes, com séries distintas, o que facilitaria a aprendizagem.

Os grupos escolares representavam um avanço no ensino, à medida que traziam, para um centro único, classes isoladas, com a direção de um professor habilitado pela Escola Normal; a organização das classes passa a ser feita segundo critério de grau de atendimento, com um professor para cada ano.(PEREIRA, 1989, p.53).

Em 28 de abril de 1900, foi criado por decreto o Grupo Escolar de Santos, instalado em 13 de outubro do mesmo ano, numa casa na esquina das ruas Sete de Setembro e Brás Cubas (onde hoje se encontra a Escola Municipal Acácio de Paula Leite Sampaio), cedida por Júlio Conceição à Câmara para o funcionamento do 1º Grupo Escolar.

Não foi encontrada indicação da forma pela qual se constituiu o corpo docente da escola estudada.



Figura 6: Primeiro Prédio do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, Acervo particular da E.E. Dr. Cesário Bastos

Era uma casa com cinco salas de aula, o terreno era cercado de muro, possuía na frente um gradil e perto do portão de ferro da entrada havia duas árvores frutíferas.

Para organizar o Grupo, foi designado o inspetor literário Prof. Virgílio César dos Reis, coadjuvado pelo Professor Carlos Escobar, que foi, na verdade, o primeiro Diretor. Como forma de homenagear a Cesário Bastos, o primeiro Corpo Docente solicitou ao Governo do Estado a alteração do nome do Grupo para “Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos”.

A casa, embora adaptada, não oferecia condições necessárias para o funcionamento de uma escola. A administração e os professores tiveram dificuldades pela inadequação do local no início de seu funcionamento, muito empenho foi necessário para resolver o problema.

Em 1902, a direção do grupo escolar foi confiada à Professora Normalista Eunice Caldas. Neste ano, o corpo docente estava assim constituído: diretora: Eunice Caldas; adjuntas: Maria Bellegarde de Marcondes, Adelaide Brito, Benedita Vieira, Francisca de Castro, Maria Rosa Caiaffa, Laura Bittencourt, Ofélia Freida e Ismênia de Castro. Um corpo docente, inusitadamente, constituído só por mulheres numa época em que os homens dominavam o mercado de trabalho em qualquer que fosse a área.

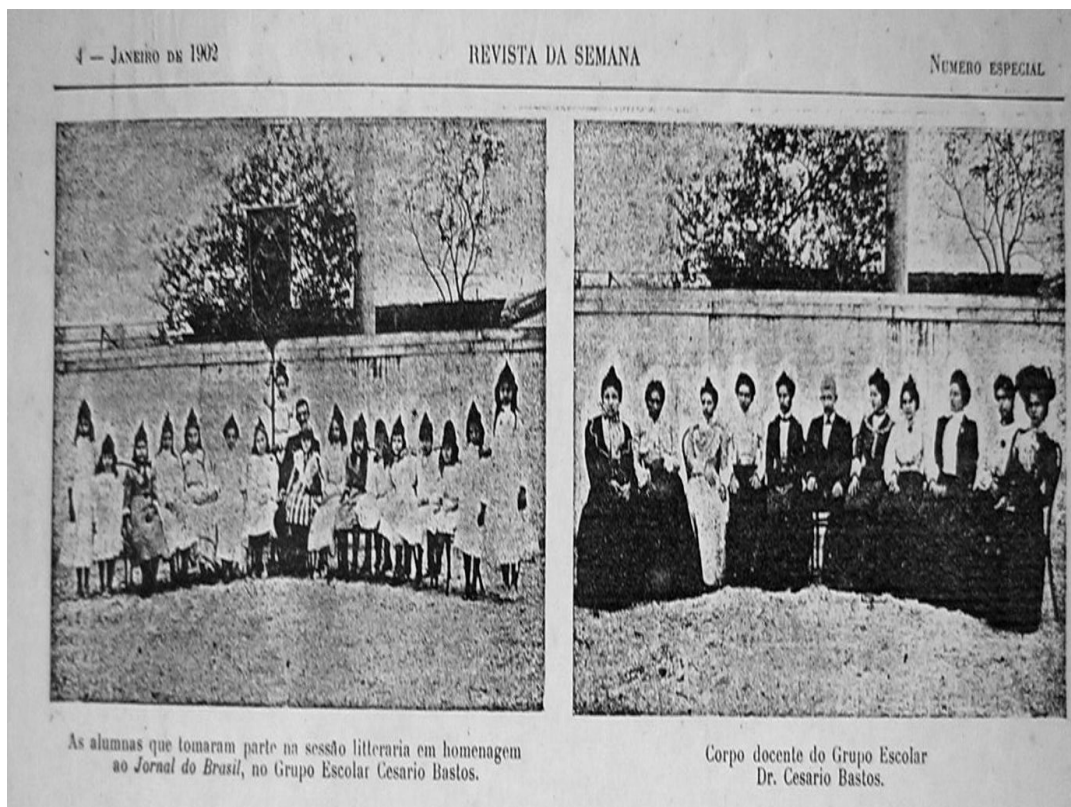


Figura 7: Alunas e Corpo Docente, em 1902, Acervo E.E. Dr. Cesário Bastos

Entretanto, para ser professor de grupo escolar, as condições exigidas para o ingresso não se baseavam em concurso público. Inicialmente, o corpo docente dos grupos escolares foi formado pelos professores das escolas isoladas absorvidas pelo grupo por ocasião da reunião das escolas. Esses professores recebiam, então, a denominação de “adjuntos do diretor”. Posteriormente, predominou o critério da livre nomeação pelo governo, em conformidade ou não com a indicação do diretor, recaindo sobre os professores formados pela Escola Normal ou escolas complementares. (SOUZA, 1998, p.71).

Nesta época, o Grupo funcionava com 272 alunos, sendo 119 meninos e 153 meninas.



Grupo Escolar Dr. Cesario Bastos e Batalhão Carneiro Bastos.

Figura 8: Alunos do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, turma de 1902, Acervo E.E. Dr. Cesário Bastos

Relação parcial de Diretores do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos até o ano de 1952: Carlos Escobar, Virgílio César dos Reis, Eunice Caldas, Justiniano Vieira da Paz, José Lins Vidal de Mendonça, José Luiz Ribeiro de Souza, Aprígio A. Gonzaga, Antonio Primo Ferreira, Carlos Borba, Ibrantina Cavalheiro, Elídio Silva, Esther Soares de Lima, Washington José Cavalcante de Albuquerque, Paulo de Mello, João Bohemer Jardim, Jarbas Godoy, Plínio Gonçalves dos Santos, Ester Soares de Lima, Alcides Rodrigues, José de Oliveira Camargo, Turiano Flávio de Andrade.

Com o passar dos anos, o prédio tornou-se pequeno para a quantidade de alunos: em 1908, dez classes funcionavam no grupo escolar, e em 1912, a escola contava com 650 alunos.

Em 25 de agosto de 1907, foi autorizada a construção do novo prédio, e em 27 de outubro do referido ano, foi assentada a pedra fundamental num grande terreno da Vila Mathias, perto da estação dos bondes, na Praça Narciso de Andrade. Em 1º de janeiro de 1914, as obras foram concluídas e em dois anos, o Grupo Escolar foi mobiliado e preparado para receber os alunos. Somente em 24 de abril de 1916, a transferência se efetivou. O edifício da nova escola se destacava pela grandiosidade e qualidade do material empregado em sua construção entre a maioria dos edifícios da cidade.

O edifício-escola deveria exercer, portanto, uma função educativa no meio social. Além disso, estabelecer a correspondência entre a importância da escola e o espaço ocupado. Deveria ser um fator de prestígio do professor, um meio de dignificar a profissão e provocar a estima dos alunos e dos pais pela escola. Por isso, podemos dizer que a escola como lugar define-se juntamente com a constituição do espaço social e cultural da escola. (SOUZA, 1998, p.123).

Construído pelo Governo do Estado, o edifício foi projetado pelo arquiteto Manuel Sabater e edificado pelo construtor Alfredo Cajado Lemos, a escola contava com 3.898 m<sup>2</sup> de área construída.

A construção possuía tapagens onduladas em vidro colorido indiano, sustentadas nos vãos maiores por colunas de ferro, piso em ladrilho hidráulico, escadarias em mármore branco, corrimãos em madeira de lei e ferragens importadas da Inglaterra, com elementos decorativos em art-nouveau com destaque para as grades, florões e rostos de crianças esculpidos na fachada e entradas laterais. Segundo Souza (1998): “Essa descrição é exemplar da composição arquitetônica predominante nos primeiros grupos escolares. Edifícios belos e majestosos, magníficos palacetes, assim eram vistas muitas das escolas construídas no Estado de São Paulo no período republicano.” (SOUZA, 1998, p.127).

No dossiê “Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos”, elaborado por Rivaldo de Abreu Serrão (ex-aluno), encontram-se dados referentes à construção e distribuição de ambientes do prédio escolar, que obedeceu a um projeto Neo Clássico.

#### MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO UTILIZADOS:

Projeto Arquitetônico Neoclássico.

- Vitrais coloridos ondulados indianos.
- Vidros das janelas e portas da Alemanha.
- Louças e metais sanitários da Inglaterra.

- Tubulação de cobre, aço e ferro da Inglaterra.
- Gradis e pilastras de ferro da Inglaterra.
- Escadarias, batentes e rodapé em mármore italiano.
- Piso em placas de mármore com desenhos italianos.
- Ladrilhos hidráulicos com desenhos italianos.
- Portas, janelas e corrimãos em madeira de lei sólida.
- Fechaduras e dobradiças em bronze da Inglaterra.
- Decorações em alto relevo com imagens.
- Art-nouveau, florões e rostos esculpidos de crianças.
- Estrutura em madeira de lei sólida na sustentação do telhado.
- Forro do teto, em geral, em madeira de lei.
- Grades de janela e gradis laterais de ferro inglês.

Os prédios escolares, além de majestosos deveriam ser funcionais e adequados ao padrão de educação que se queria impor. Deviam permitir a separação do prédio de forma a propiciar a separação entre meninos e meninas, ter salas amplas iluminadas, arejadas, com adequada vedação de som.

Ainda como característica geral desses edifícios destaca-se a simetria das plantas demarcando a separação dos sexos – ala para meninos e ala para meninas -, cumprindo a prescrição legal. Nesse caso, um requisito de natureza moral e social condicionou toda a disposição arquitetônica. Os primeiros grupos escolares compreenderam edifícios de dois pavimentos com oito salas de aula de mesmo tamanho, uma para cada ano do curso preliminar de cada seção – feminina e masculina.



Além das salas de aula, havia mais duas salas para administração, provavelmente destinadas à sala de professores e ao gabinete da diretoria. (SOUZA, 1998, p.129).

Havia um padrão arquitetônico mais comum a ser seguido, em geral com oito salas de aula distribuídas em dois pavimentos, porém a Escola Estadual Cesário Bastos superou este padrão, devido à grande demanda de alunos. Tornou-se a maior escola da região, com trinta salas de aula, seis escritórios, um salão, dez sanitários, dez salas para depósito, uma sala médica, uma sala de artes plásticas, cozinha e oito lances de escadas, distribuídos em três pavimentos. Aqueles que se incumbiram da construção desse grupo escolar não apenas se satisfizeram em cumprir as determinações vigentes, mas empenharam-se em superá-las.

As regulamentações não se deram apenas na formação da escola como projeto, mas também como construção no que se refere ao acabamento. De certa forma, as regulamentações acabaram por definir também alguns materiais aplicados na construção e nos acabamentos dos Grupos Escolares. Padronizações, como a utilização de ladrilhos hidráulicos nos corredores e banheiros, pisos de madeira nas salas de aulas, portas e janelas de madeira, pinturas a óleo nas paredes, entre outras, eram observáveis em todas as escolas. Esses materiais foram largamente utilizados justamente por melhor se adequarem às regulamentações da higiene sanitária, que determinavam a localização de alguns ambientes, como os banheiros. (ARAÚJO JÚNIOR, 2007, p.25).

O prédio do Grupo Escolar Cesário Bastos dificilmente poderia tornar-se um modelo a ser reproduzido em muitas das cidades do Estado de São Paulo em virtude do esmero com que foi construído e dos gastos que deve ter acarretado.

### PROJETO BASICO PLANO DIRETOR:

- a) A distribuição de ambientes no projeto inicial constava as seguintes unidades de utilização.
- b) Desenhos das plantas baixas, térreo 1ª pavimento, 1º andar 2ª pavimento, 2º andar 3º pavimento.

<b>Unidades</b>	<b>1º Pavimento</b>	<b>2º Pavimento</b>	<b>3º Pavimento</b>
<b>Salas de aula</b>	<b>11 salas</b>	<b>9 salas</b>	<b>10 salas</b>
<b>Escritórios</b>	<b>1 sala</b>	<b>4 salas</b>	<b>1 sala</b>
<b>Auditório</b>			<b>1 salão</b>
<b>Sanitários</b>	<b>2 unidades</b>	<b>4 unidades</b>	<b>4 unidades</b>
<b>Deposito</b>	<b>4 unidades</b>	<b>3 unidades</b>	<b>3 unidades</b>
<b>Sala medica</b>	<b>1 sala</b>		
<b>Artes plásticas</b>	<b>1 sala</b>		
<b>Cozinha</b>	<b>1 sala</b>		
<b>Escadas</b>	<b>4 lances</b>	<b>2 lances</b>	<b>2 lances</b>

Figura 9: Projeto Plano Diretor do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, foto digitalizada do dossiê "Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos"

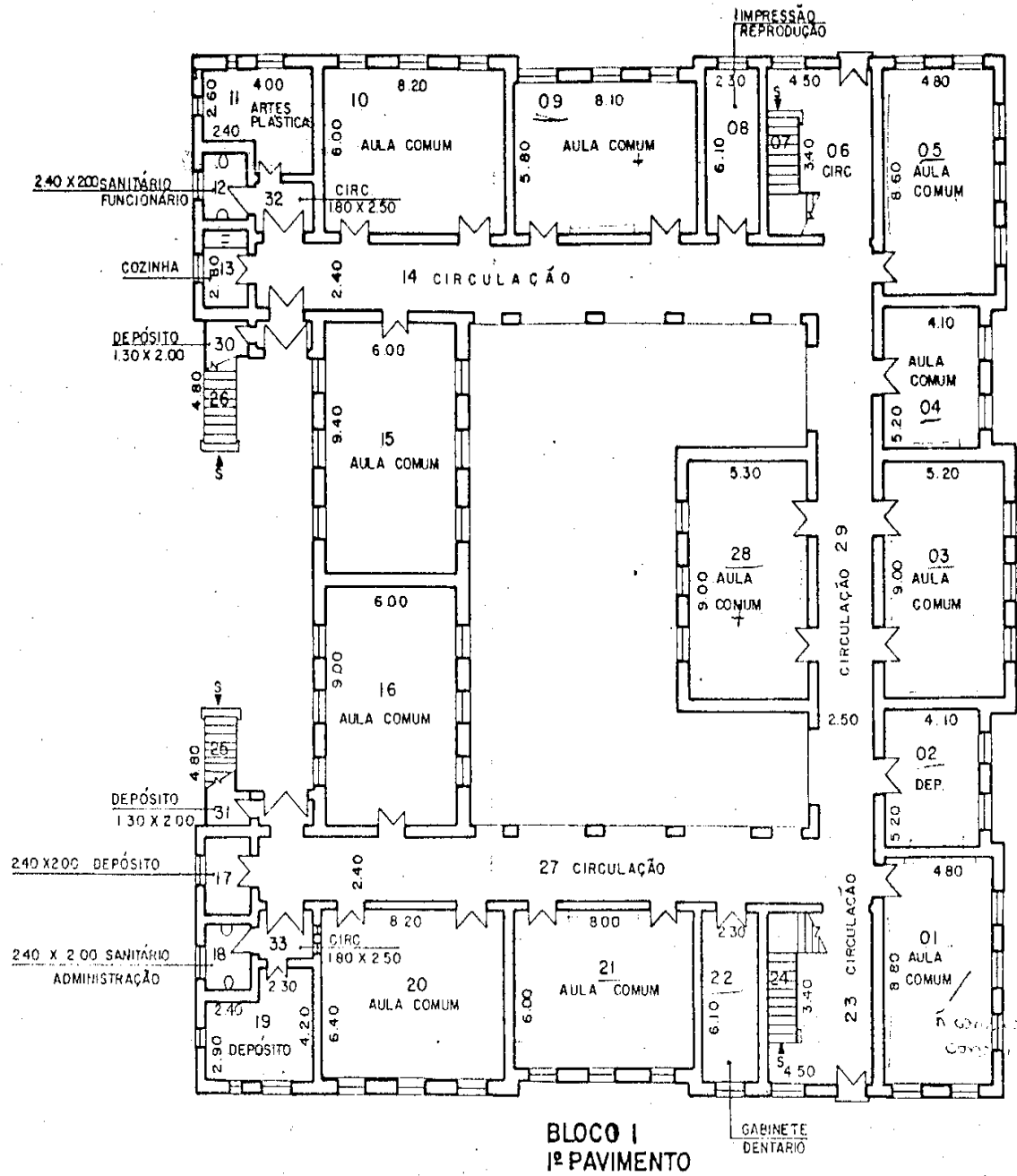


Figura 10: Primeiro Pavimento do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, foto digitalizada do dossiê "Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos"

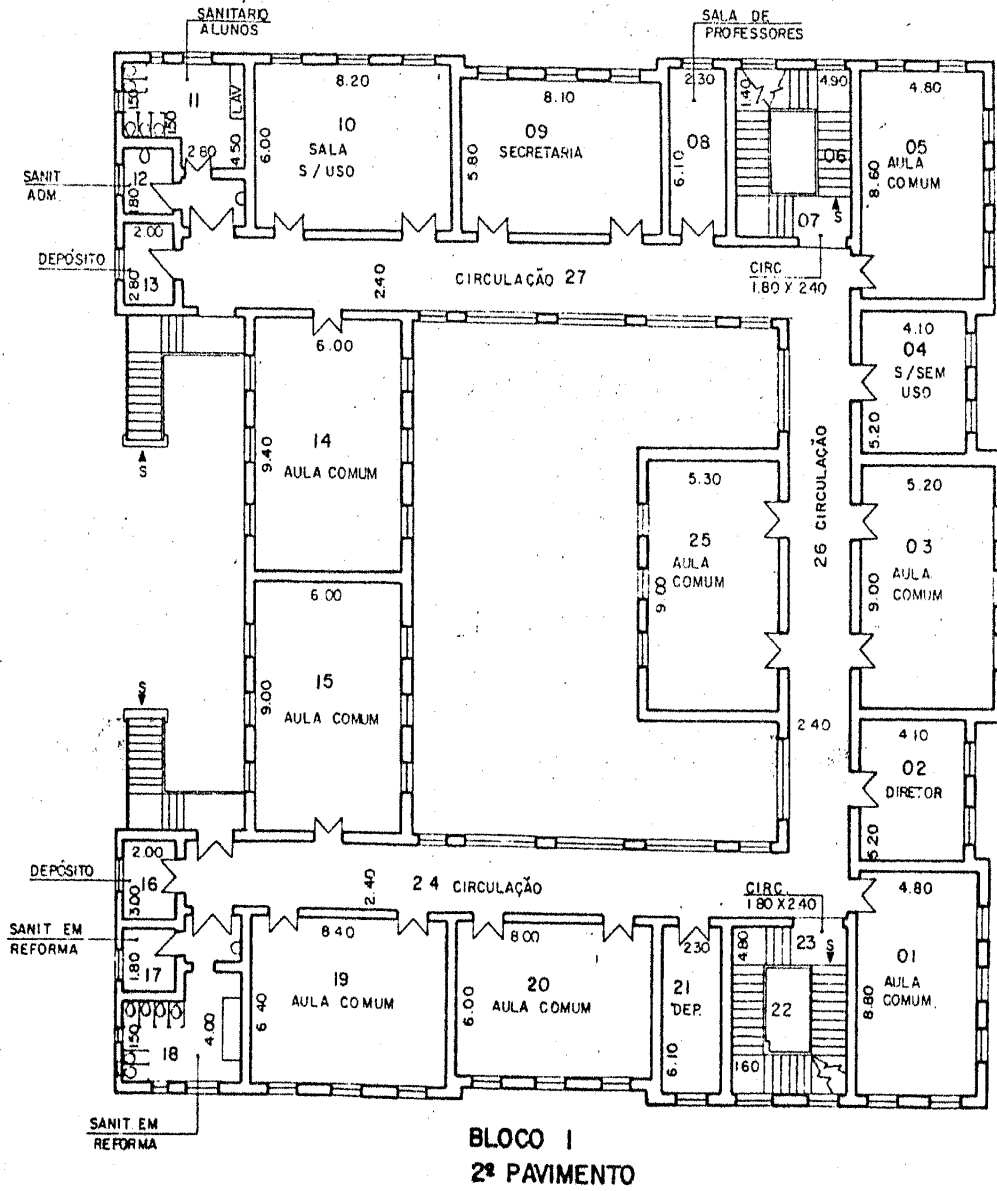


Figura 11: Segundo Pavimento do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, foto digitalizada do dossiê “Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos”

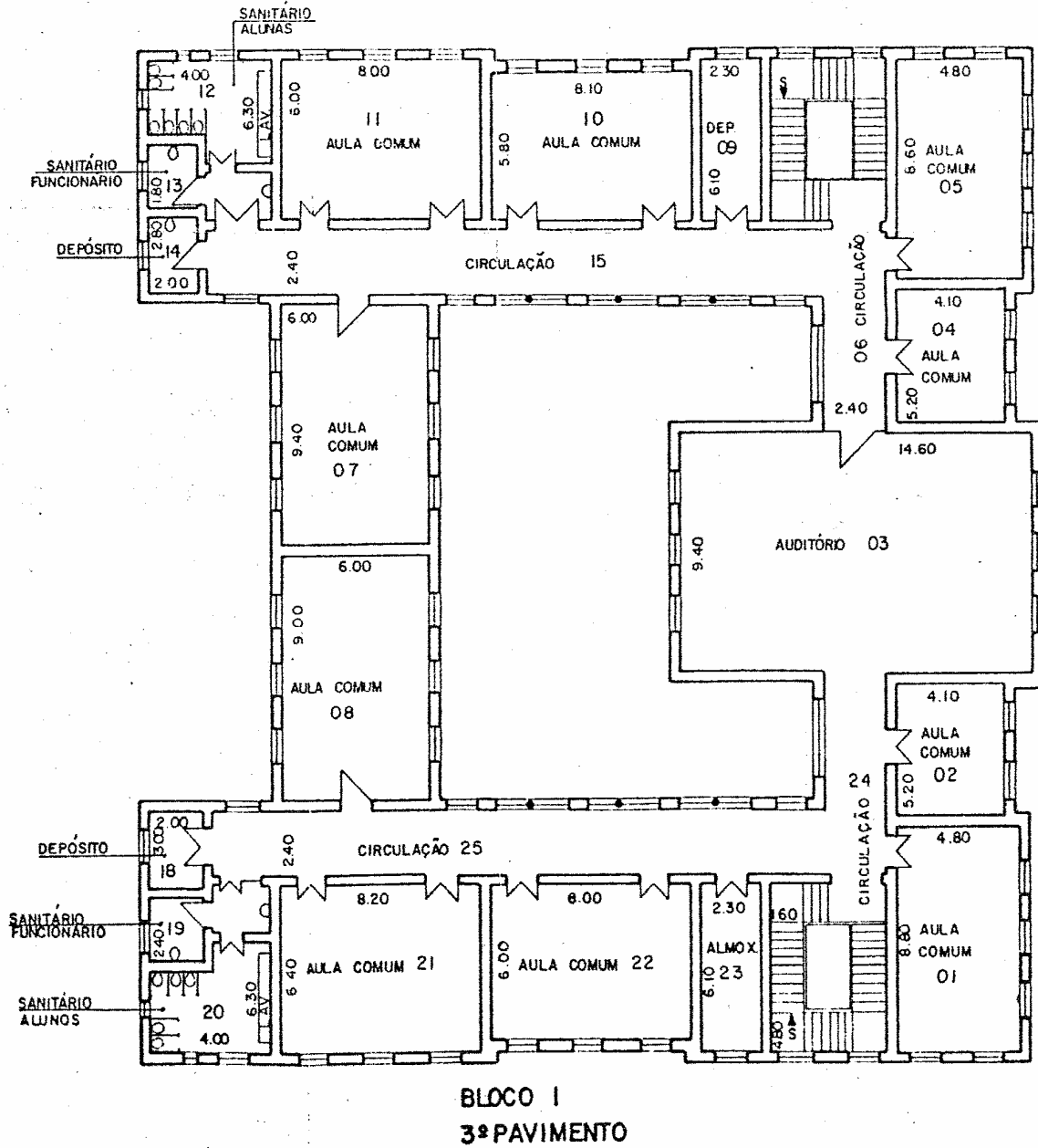


Figura 12: Terceiro Pavimento do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, foto digitalizada do dossiê "Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos"



Figura 13: Novo Prédio do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, Acervo da E.E. Dr. Cesário Bastos

O Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos acompanhou o crescimento da cidade e na década de 1950 era o maior de Santos e um dos maiores do Estado. Em 1952, possuía 52 classes com mais de 2000 alunos, e trabalhavam nele 52 professoras, 48 substitutas efetivas, 1 porteiro, 6 serventes, 1 médico, 1 educadora sanitária e 3 dentistas. No ano de 1976, o Ginásio Estadual da Vila Mathias e o Ginásio Estadual do Gonzaga foram integrados a ele, passando a escola a denominar-se E.E.P.G.Dr. Cesário Bastos.

O importante é que se faça ver e mostrar ao público Santista e suas autoridades que no histórico escolar e passado da Escola Estadual Dr. Cesário Bastos serviu de casa de ensino por cada ano letivo com mais 2.000 alunos, 30 salas, com 60 classes em vários períodos, com mais de 100 mestres entre professoras e substitutas e sempre se matriculavam e estudavam alunos residentes nos bairros, Vila Mathias, Centro, Nova Cintra, Mercado, Saboó, Morro do São Bento, Monte Serrat, Campo Grande e Marapé.

E nestes 102 anos de atuação como Escola na formação de nossa juventude Brasileira, e de Estrangeiros aqui radicados em Santos, já formou mais de 50 mil alunos. (Serrão, 2002, p. 8)

Como se deu o processo de implantação e crescimento da escola? Quem eram os seus alunos? Quem eram os pais destes alunos? Como viviam estas famílias? Qual a contribuição da escola para a cidade de Santos? Estas são apenas algumas perguntas para as quais se pretende encontrar respostas que possam elucidar a relação da E. E. Dr. Cesário Bastos com a cidade de Santos.

A E. E. Dr. Cesário Bastos foi a primeira escola pública instalada pelo governo estadual em Santos e que merece a devida atenção e valor, seu início foi bem modesto, uma escola bem pequenina sem muitos recursos pedagógicos, porém desenvolveu-se juntamente com a cidade de Santos e veio a servir de modelo para criação de outros grupos escolares no Estado de São Paulo, de forma geral instalados em prédios mais modestos. É importante que sua história seja resgatada, existe há mais de um século e faz parte da vida e do cotidiano dos santistas natos ou de coração. Uma escola que influenciou culturalmente a população escolar e marcou a vida de seus alunos, permanecendo em suas memórias. Testemunhou a passagem de duas Guerras Mundiais e, mesmo assim, manteve-se firme suportando todas as atribuições na sua função de educar, instruir e, mais que isso, construir cidadãos desde a mais tenra idade.

### **CAPÍTULO III**

#### **OS ALUNOS E SUAS FAMÍLIAS**

O terceiro capítulo trata da análise do material encontrado no Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, consiste numa pesquisa específica a fim de descobrir como era o alunado. É basicamente uma análise de documentos que consistem em livros de matrícula das seções feminina, a partir de 1929, e masculina, a partir do ano de 1939 até o ano de 1950. A escolha dessas datas deveu-se ao fato de não terem sido encontrados registros anteriores.

Nestes documentos existem informações significativas tais como: naturalidade das alunas e alunos, bem como a nacionalidade e profissão dos pais destes, o que possibilita se fazerem várias inferências e relações.

A amostragem do material de consulta priorizou as primeiras séries do ensino básico, em um espaçamento de quatro anos de um livro de matrícula a outro (de uma turma a outra). Tal escolha motivou-se com a intenção de pesquisar turmas distintas de modo a não se repetir alunos, com a finalidade de se obter a maior quantidade de dados referentes ao alunado e conseqüentemente à população santista.

Os livros de matrícula escolhidos para pesquisa foram: da seção feminina, referentes aos anos de 1929, 1933, 1940, 1944, 1948 e 1950, e da seção masculina, referentes aos anos de 1939, 1941, 1946 e 1950.

Ainda que a escola tenha sido fundada em 1900, os documentos encontrados nos permitem apenas começar a investigação em 1929, atas dos livros mais antigos



encontrados. A documentação anterior ao ano de 1929 sofreu extravio e não foi encontrada na unidade escolar.

### 3.1 – SEÇÃO FEMININA



Figura 14: Seção feminina, turma de 1940, Acervo Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos

Nos livros de matrícula da seção feminina, os dados estudados são referentes aos anos de 1929, 1933, 1940, 1944, 1948 e 1950. Esta seção apresenta maior quantidade de registros em comparação à seção masculina. Foram utilizadas, como critério de amostragem, as primeiras séries do ensino básico, procurando manter na medida do possível um espaçamento de quatro anos entre as mesmas.

Nas pesquisas efetuadas nos livros de matrícula, foram obtidos dados referentes à naturalidade das alunas, nacionalidade dos pais, profissão dos pais, das primeiras séries da seção feminina, nos anos de 1929, 1933, 1940, 1944, 1948 e 1950.

No decorrer da pesquisa notou-se que a ascendência de imigrantes era bastante significativa, mais de 50% das alunas eram filhas de estrangeiros, dos quais compreendiam os portugueses, espanhóis e italianos, além de outras nacionalidades. Essas alunas residiam em locais próximos à escola, em maioria na Vila Mathias. Os pais exerciam profissões diversas, mas notou-se que o comércio e o trabalho na área portuária abrangiam grande parte do grupo pesquisado.

Diante do problema da extrema diversidade da população brasileira, acentuado pela miscigenação racial, as elites intelectuais buscaram soluções para instituir uma nacionalidade, ou seja, uma identidade do povo brasileiro. Fundar essa identidade significava a busca da unidade nacional, a perspectiva do progresso e da harmonia pela ordem social. (SOUZA, 1998, p.111).

### 3.1.1 – NATURALIDADE DAS ALUNAS.

Com relação à nacionalidade das alunas, foram definidas três formas distintas de agrupar os dados obtidos. Foram adotados os seguintes critérios: nacionalidade das alunas, naturalidade das alunas por regiões do Brasil e naturalidade das alunas por cidades do Estado de São Paulo.

De acordo com a nacionalidade das alunas, conclui-se que a escola atendia, no período, em grande maioria, alunas brasileiras: 95,7% de brasileiras em 1929; 95,1%

em 1933; 98,4% em 1940; 98,6% em 1944; 97,9 % em 1948 e 97,3% em 1950, porém é verificada uma significativa quantidade de imigrantes, principalmente européias, 4,3% em 1929; 4,9% em 1933; 1,6% em 1940; 1,4% em 1944; 2,1% em 1948 e 2,2% em 1950. A imigração continuava devido à expansão da exportação do café, que gerou uma abertura do mercado de trabalho na cidade.

Tabela 1: Nacionalidade das alunas

Nacionalidade das alunas												
Ano	1929		1933		1940		1944		1948		1950	
Matriculadas	208		385		249		219		234		187	
Nacionalidades	Alunas	%	Alunas	%	Alunas	%	Alunas	%	Alunas	%	Alunas	%
Brasileiras	199	95,7	366	95,1	245	98,4	216	98,6	229	97,9	182	97,3
Européias	9	4,3	19	4,9	4	1,6	3	1,4	5	2,1	4	2,2
Asiáticas	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	0,5

A maioria das alunas eram provenientes de estados da região Sudeste, 97,5% em 1929; 96,7% em 1933; 98,4% em 1940; 97,2% em 1944; 98,2% em 1948 e 96,2% em 1950. As regiões Nordeste e Sul aparecem a seguir em quantidades minoritárias, respectivamente, região Nordeste 2,5% em 1929; 2,5% em 1933; 0,8% em 1940; 1,4% em 1944; 0,9% em 1948 e 2,2% em 1950, já as alunas nascidas na região Sul compreendiam 0,8% em 1933; 0,8% em 1940; 1,4% em 1944; 0,9% em 1948 e 1,6% em 1950. Outras regiões, como Norte e Centro-Oeste, não foram encontradas nas atas de matrícula da Escola. Para a determinação da classificação de alunas por regiões brasileiras, utilizou-se a determinação de regiões atuais, pois até 1930, havia uma outra classificação que utilizava critérios físicos levando em consideração o relevo, clima e vegetação, divisão esta que não era oficial.

Tabela 2: Naturalidade das alunas por regiões do Brasil

Naturalidade das alunas por regiões do Brasil												
Ano	1929		1933		1940		1944		1948		1950	
Matriculadas	199		366		245		216		229		182	
Naturalidades	Alunas	%	Alunas	%	Alunas	%	Alunas	%	Alunas	%	Alunas	%
Sudeste	194	97,5	354	96,7	241	98,4	210	97,2	225	98,2	175	96,2
Nordeste	5	2,5	9	2,5	2	0,8	3	1,4	2	0,9	4	2,2
Sul	0	0,0	3	0,8	2	0,8	3	1,4	2	0,9	3	1,6

Com relação à classificação das alunas por naturalidade em cidades do Estado de São Paulo, pode-se inferir que houve um considerável êxodo migratório, principalmente da cidade de São Paulo, pois as famílias foram atraídas pelo trabalho portuário e a expansão da cidade ligada ao comércio e construção civil. A porcentagem de alunas nascidas em Santos era a seguinte: em 1929 (80,9%); 1933 (88,8%); 1940 (83,5%); 1944 (87,6%); 1948 (84,4%); 1950 (84,4%). As alunas nascidas na cidade de São Paulo apareciam em menor proporção: 1929 (9,0%); 1933 (5,2%); 1940 (5,9%); 1944 (5,4%); 1948 (4,4%); 1950 (5,4%).

Tabela 3: Naturalidade das alunas - Estado de São Paulo

Naturalidade das alunas - Estado de São Paulo												
Ano	1929		1933		1940		1944		1948		1950	
Matriculadas	188		348		237		202		224		166	
Cidades	Alunas	%	Alunas	%	Alunas	%	Alunas	%	Alunas	%	Alunas	%
Santos	152	80,9	309	88,8	198	83,5	177	87,6	189	84,4	140	84,4
São Paulo	17	9,0	18	5,2	14	5,9	11	5,4	10	4,4	9	5,4
São Vicente	2	1,1	5	1,4	13	5,5	4	2,0	6	2,7	3	1,8
Outras Cidades	17	9,0	16	4,6	12	5,1	10	5,0	19	8,5	14	8,4

### 3.1.2 – NACIONALIDADE DOS PAIS DAS ALUNAS.

Tratando-se da nacionalidade dos pais das alunas, verificou-se que nos anos de 1920, 1933, e 1940, havia predominância de estudantes descendentes de famílias imigrantes, principalmente portugueses e espanhóis, sobrepujando em número os descendentes de brasileiros, indicando que a cidade de Santos recebia grande quantidade de imigrantes com destaque para o número de portugueses que aqui fixavam morada. Segundo Souza (1998): “O fato é que ao atender a um conjunto tão considerável de filhos de estrangeiros, o grupo escolar pode ser apontado como instituição importante no processo de aculturação e nacionalização da população estrangeira no Estado de São Paulo.”

Neste período, fazia sentido a afirmação da comunidade, apontando Santos como cidade européia. Porém, com o passar do tempo, é percebida, nos anos de 1944, 1948 e 1950, uma diminuição de descendentes diretos (filhos) de imigrantes e aumento de descendentes de brasileiros resultante da fixação dos próprios descendentes de imigrantes na cidade de Santos. De acordo com Souza (1998), a integração do imigrante na sociedade implicou políticas voltadas para a sua incorporação no mercado de trabalho e no plano social e cultural, dentro do qual a educação formal teve importante papel.

Se compararmos, veremos que em 1929, 38,0% dos pais eram brasileiros e 38,9% portugueses; em 1933, 36,6% dos pais eram brasileiros e 37,4% portugueses; em 1940, 42,2% dos pais eram brasileiros e 44,6% portugueses, verificou-se, portanto, maior quantidade de pais portugueses que brasileiros. Em 1944, a situação se inverte, 63,9% dos pais das alunas são brasileiros e 25,6% portugueses; em 1948, 64,5% dos

pais são brasileiros e 29,1% são portugueses e em 1950, 70,1% dos pais são brasileiros e 20,3% dos pais das alunas são portugueses.

Além dos portugueses, havia, em Santos, uma representativa colônia espanhola, fato que se refletiu na composição dos pais da escola Cesário Bastos. Em 1929, Os espanhóis representavam 16,8% do total de pais; em 1933 eram 15,6%, em 1940 eram 7,6%, em 1948 eram 4,3% e em 1950 eram 4,8%.

Havia ainda os italianos, em menor número, mas em quantidade significativa. Os italianos na cidade não são muitos, porém seus descendentes aparecem em quantidade significativa, e as tradições italianas difundiram-se por toda a região, o que se faz perceber facilmente pelo grande número de pizzarias e cantinas presentes em Santos.

Entre os asiáticos, devem ser notados os japoneses, que inicialmente chegaram à cidade a bordo do vapor Kasato Maru, que aportou em Santos, no dia 18 de junho de 1908, trazendo uma grande leva de imigrantes, dentre os quais se dividiram em destinos diversos. Os que se fixaram na cidade de Santos adquiriram chácaras que se espalhavam pelo município, principalmente nos bairros da Ponta da Praia, Marapé, Saboó, Campo Grande e Morro da Nova Cintra. Os produtos que eram cultivados nessas plantações abasteciam praticamente toda a cidade até o início da Segunda Guerra Mundial. Entretanto, após o início da guerra, os japoneses foram obrigados a se retirar do litoral.

Transcorridos 30 anos de imigração, quando muitos japoneses já alcançaram estabilidade, tanto no setor agrícola como no comercial e no industrial, o Japão entrou na Guerra do Pacífico. O Brasil rompeu relações diplomáticas com os países do Eixo, e os aliados declararam guerra ao

Japão, de modo que os imigrantes ficaram na posição de adversários. E em nome da segurança nacional, os súditos do Eixo tiveram que se retirar de uma faixa de 50 quilômetros do Litoral. Japoneses e alemães foram removidos em 24 horas para São Paulo e depois distribuídos por várias cidades do Interior. (HISTÓRIAS E LENDAS DE SANTOS – Os Imigrantes. Site: novomilenio. modificação em : 02/14/03 08:49:34)

Tabela 4: Nacionalidade dos pais das alunas

<b>Nacionalidade dos pais das alunas</b>												
<b>Ano</b>	<b>1929</b>		<b>1933</b>		<b>1940</b>		<b>1944</b>		<b>1948</b>		<b>1950</b>	
<b>Matriculadas</b>	<b>208</b>		<b>385</b>		<b>249</b>		<b>219</b>		<b>234</b>		<b>187</b>	
<b>Nacionalidades</b>	<b>Pais</b>	<b>%</b>	<b>Pais</b>	<b>%</b>	<b>Pais</b>	<b>%</b>	<b>Pais</b>	<b>%</b>	<b>Pais</b>	<b>%</b>	<b>Pais</b>	<b>%</b>
<b>Brasileiros</b>	<b>79</b>	<b>38,0</b>	<b>141</b>	<b>36,6</b>	<b>105</b>	<b>42,2</b>	<b>140</b>	<b>63,9</b>	<b>151</b>	<b>64,5</b>	<b>131</b>	<b>70,1</b>
<b>Portugueses</b>	<b>81</b>	<b>38,9</b>	<b>144</b>	<b>37,4</b>	<b>111</b>	<b>44,6</b>	<b>56</b>	<b>25,6</b>	<b>68</b>	<b>29,1</b>	<b>38</b>	<b>20,3</b>
<b>Espanhóis</b>	<b>35</b>	<b>16,8</b>	<b>60</b>	<b>15,6</b>	<b>19</b>	<b>7,6</b>	<b>14</b>	<b>6,4</b>	<b>10</b>	<b>4,3</b>	<b>9</b>	<b>4,8</b>
<b>Italianos</b>	<b>8</b>	<b>3,8</b>	<b>18</b>	<b>4,7</b>	<b>2</b>	<b>0,8</b>	<b>3</b>	<b>1,4</b>	<b>1</b>	<b>0,4</b>	<b>3</b>	<b>1,6</b>
<b>Demais Europeus</b>	<b>2</b>	<b>1,0</b>	<b>8</b>	<b>2,1</b>	<b>2</b>	<b>0,8</b>	<b>2</b>	<b>0,9</b>	<b>1</b>	<b>0,4</b>	<b>1</b>	<b>0,5</b>
<b>Asiáticos</b>	<b>3</b>	<b>1,4</b>	<b>12</b>	<b>3,1</b>	<b>9</b>	<b>3,6</b>	<b>3</b>	<b>1,4</b>	<b>5</b>	<b>2,1</b>	<b>5</b>	<b>2,7</b>
<b>Sul-Americanos</b>	<b>0</b>	<b>0,0</b>	<b>2</b>	<b>0,5</b>	<b>1</b>	<b>0,4</b>	<b>1</b>	<b>0,5</b>	<b>0</b>	<b>0,0</b>	<b>0</b>	<b>0,0</b>

### 3.1.3 – PROFISSÃO DOS PAIS DAS ALUNAS.

Houve dificuldade na classificação profissional dos pais das alunas. Em primeiro lugar, pela forma pouco precisa com que se registravam as informações e ainda pela mudança de significado de certas denominações profissionais do período estudado para atualidade.

Crianças provenientes de vários setores sociais ocupavam os bancos dos grupos escolares: filhos de açougueiros, cocheiros, chefes da Cia. Paulista de Estrada de Ferro, caixas da Cia., engraxates, fotógrafos, cozinheiros, escritvãs. Trabalhadores urbanos e até mesmo alguns

trabalhadores rurais. Ocupações subalternas e ocupações bem remuneradas. Trabalhadores do comércio, da indústria, dos transportes e profissionais liberais. (SOUZA, 1998, p.111).

Para a produção da tabela a seguir, as profissões foram separadas por categoria, baseando-se no Artigo 577, QUADRO DE ATIVIDADES E PROFISSÕES da Consolidação das Leis do Trabalho, de 1º de maio de 1943. A tabela se encontra em anexo.

Tabela 5: Profissão dos pais das alunas

Profissão dos pais das alunas												
Ano	1929		1933		1940		1944		1948		1950	
Matriculadas	208		385		249		219		234		187	
Grupos	País	%	País	%	País	%	País	%	País	%	País	%
Trabalhadores do Setor de Alimentos	25	12,0	46	11,9	6	2,4	3	1,4	21	9,0	13	7,0
Trabalhadores do Setor de Vestuários	7	3,4	5	1,3	5	2,0	7	3,2	3	1,3	1	0,5
Trabalhadores do Setor da Construção e Mobiliário	8	3,8	30	7,8	19	7,6	22	10,0	23	9,8	19	10,2
Trabalhadores do Setor Urbano	32	15,4	32	8,3	32	12,9	40	18,3	11	4,7	17	9,1
Trabalhadores do Setor Extrativista	5	2,4	6	1,6	6	2,4	2	0,9	7	3,0	7	3,7
Trabalhadores do Setor Gráfico	5	2,4	2	0,5	1	0,4	1	0,5	0	0,0	0	0,0
Trabalhadores do Setor de Metalurgia, Mecânica e Elétrica	2	1,0	14	3,6	11	4,4	4	1,8	11	4,7	15	8,0
Empregados do Comércio	26	12,5	73	19,0	47	18,9	42	19,2	30	12,8	29	15,5
Empregados Autônomos do Comércio	13	6,3	33	8,6	17	6,8	13	5,9	10	4,3	5	2,7
Trabalhadores do Comércio Armazenador	2	1,0	7	1,8	14	5,6	9	4,1	6	2,6	5	2,7
Empregados de Turismo e Hospitalidade	1	0,5	8	2,1	6	2,4	4	1,8	6	2,6	3	1,6



<b>Trabalhadores do Setor de Transportes Marítimos e Fluviais</b>	4	1,9	2	0,5	2	0,8	3	1,4	3	1,3	4	2,1
<b>Estivadores</b>	0	0,0	2	0,5	9	3,6	6	2,7	7	3,0	1	0,5
<b>Portuários</b>	66	31,7	93	24,2	40	16,1	37	16,9	53	22,6	46	24,6
<b>Trabalhadores do Setor Ferroviário</b>	0	0,0	3	0,8	1	0,4	3	1,4	6	2,6	2	1,1
<b>Trabalhadores do Setor de Transporte Rodoviário</b>	10	4,8	17	4,4	27	10,8	21	9,6	30	12,8	19	10,2
<b>Profissionais Liberais</b>	1	0,5	9	2,3	3	1,2	1	0,5	3	1,3	0	0,0
<b>Trabalhadores de Escritório</b>	1	0,5	3	0,8	2	0,8	1	0,5	4	1,7	1	0,5
<b>Trabalhadores do Setor de Joalheria e Lapidação</b>	0	0,0	0	0,0	1	0,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0

Os grupos acima arrolados compreendem uma grande variedade de profissões declaradas pelos pais de alunos:

Trabalhadores do setor de alimentos G1: açougueiro, cozinheiro, doméstica, padeiro.

Trabalhadores do setor de vestuário G2: alfaiate, costureira, lavadeira, sapateiro, tintureiro.

Trabalhadores do setor da construção e mobiliário G3: carpinteiro, construtor, encerador, encanador, jardineiro, ladrilheiro, marmorista, pintor, pedreiro, proprietário, tapeceiro, vidraceiro.

Trabalhadores do setor urbano G4: empregado da Cia. City, empregado público, empregado da alfândega, carteiro, funcionário da justiça, funcionário público, fiscal, empregado da cia. telefônica, militar, guarda civil, agente de polícia, bombeiro, guarda-noturno.

Trabalhadores do setor extrativista G5: lavrador, leiteiro, peixeiro, sitiante, agricultor, pescador.

Trabalhadores do setor gráfico G6: desenhista, tipógrafo, linotipista, gráfico.

Trabalhadores do setor de metalurgia, mecânica e elétrica G7: mecânico, eletricitista, ferreiro, funileiro.

Empregados do comércio G8: comércio, empregado do comércio, vendedor, comerciante.

Empregados autônomos do comércio G9: negociante, corretor, ambulante, viajante, farmacêutico.

Trabalhadores do comércio armazenador G10: carregador, catador de café, ensacador.

Empregados do turismo e hospitalidade G11: barbeiro, empregado da Santa Casa, garçom, hoteleiro, enfermeiro, zelador, empregado de hotel, cabeleireiro, auxiliar de enfermagem.

Trabalhadores do setor de transportes marítimos e fluviais G12: despachante aduaneiro, despachante, conferente, despachante de café, marítimo, ajudante de despachante, guarda portuário.

Estivadores G13: estivador.

Portuários G14: operário, empregado das docas, empregado da companhia docas, portuário, jornaleiro.

Trabalhadores do setor ferroviário G15: maquinista, ferroviário.

Trabalhadores do setor de transporte rodoviário G16: chofer, carroceiro, motorneiro, motorista, ajudante de motorista.

Profissionais liberais G17: professor, dentista, ministro evangélico, optocientífico, pastor evangélico, aposentado, músico, advogado.

Trabalhadores de escritório G18: empregado de escritório, funcionário de banco, contador, escriturário, bancário, guarda-livros.

Trabalhadores do setor de joalheria e lapidação G19: joalheiro.

No ano de 1929, 12,0% eram trabalhadores pertencentes ao setor da alimentação; 3,4% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor de vestuário; 3,8% pertenciam à construção e mobiliário; 15,4% pertenciam ao setor urbano de trabalho; 2,4% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor extrativista, 2,4% dos pais trabalhadores estavam integrados ao setor gráfico; 1,0% dos pais exerciam profissões pertencentes ao setor metalúrgico, mecânico e elétrico; 12,5% eram empregados do comércio; 6,3% trabalhadores autônomos do comércio; 1,0% trabalhavam no comércio armazenador; 0,5% eram empregados em turismo e hospitalidade; 1,9% ocupavam profissões ligadas ao transporte marítimo e fluvial; 31,7% eram portuários; 4,8% trabalhavam no transporte rodoviário; 0,5% eram profissionais liberais; 0,5% eram trabalhadores de escritório.

No ano de 1933, 11,9% eram trabalhadores pertencentes ao setor da alimentação; 1,3% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor de vestuário; 7,8% pertenciam à construção e mobiliário; 8,3% pertenciam ao setor urbano de trabalho; 1,6% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor extrativista, 0,5% dos pais trabalhadores estavam integrados ao setor gráfico; 3,6% dos pais exerciam profissões pertencentes ao setor metalúrgico, mecânico e elétrico; 19,0% eram empregados do comércio; 8,6% trabalhadores autônomos do comércio; 1,8% trabalhavam no comércio

armazenador; 2,1% eram empregados em turismo e hospitalidade; 0,5% ocupavam profissões ligadas ao transporte marítimo e fluvial; 0,5% trabalhavam como estivadores; 24,2% eram portuários; 0,8% eram ferroviários; 4,4% trabalhavam no transporte rodoviário; 2,3% eram profissionais liberais; 0,8% eram trabalhadores de escritório.

No ano de 1940, 2,4% eram trabalhadores pertencentes ao setor da alimentação; 2,0% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor de vestuário; 7,6% pertenciam à construção e mobiliário; 12,9% pertenciam ao setor urbano de trabalho; 2,4% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor extrativista, 0,4% dos pais trabalhadores estavam integrados ao setor gráfico; 4,4% dos pais exerciam profissões pertencentes ao setor metalúrgico, mecânico e elétrico; 18,9% eram empregados do comércio; 6,8% trabalhadores autônomos do comércio; 5,6% trabalhavam no comércio armazenador; 2,4% eram empregados em turismo e hospitalidade; 0,8% ocupavam profissões ligadas ao transporte marítimo e fluvial; 3,6% trabalhavam como estivadores; 16,1% eram portuários; 0,4% eram ferroviários; 10,8% trabalhavam no transporte rodoviário; 1,2% eram profissionais liberais; 0,8% eram trabalhadores de escritório; 0,4% trabalhavam no setor de joalheria e lapidação.

No ano de 1944, 1,4% eram trabalhadores pertencentes ao setor da alimentação; 3,2% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor de vestuário; 10,0% pertenciam à construção e mobiliário; 18,3% pertenciam ao setor urbano de trabalho; 0,9% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor extrativista, 0,5% dos pais trabalhadores estavam integrados ao setor gráfico; 1,8% dos pais exerciam profissões pertencentes ao setor metalúrgico, mecânico e elétrico; 19,2% eram empregados do comércio; 5,9% trabalhadores autônomos do comércio; 4,1% trabalhavam no comércio armazenador; 1,8% eram empregados em turismo e hospitalidade; 1,4% ocupavam profissões ligadas

ao transporte marítimo e fluvial; 2,7% trabalhavam como estivadores; 16,9% eram portuários; 1,4% eram ferroviários; 9,6% trabalhavam no transporte rodoviário; 0,5% eram profissionais liberais; 0,5% eram trabalhadores de escritório.

No ano de 1948, 9,0% eram trabalhadores pertencentes ao setor da alimentação; 1,3% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor de vestuário; 9,8% pertenciam à construção e mobiliário; 4,7% pertenciam ao setor urbano de trabalho; 3,0% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor extrativista, 4,7% dos pais exerciam profissões pertencentes ao setor metalúrgico, mecânico e elétrico; 12,8% eram empregados do comércio; 4,3% trabalhadores autônomos do comércio; 2,6% trabalhavam no comércio armazenador; 2,6% eram empregados em turismo e hospitalidade; 1,3% ocupavam profissões ligadas ao transporte marítimo e fluvial; 3,0% trabalhavam como estivadores; 22,6% eram portuários; 2,6% eram ferroviários; 12,8% trabalhavam no transporte rodoviário; 1,3% eram profissionais liberais; 1,7% eram trabalhadores de escritório.

No ano de 1950, 7,0% eram trabalhadores pertencentes ao setor da alimentação; 0,5% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor de vestuário; 10,2% pertenciam à construção e mobiliário; 9,1% pertenciam ao setor urbano de trabalho; 3,7% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor extrativista; 8,0% dos pais exerciam profissões pertencentes ao setor metalúrgico, mecânico e elétrico; 15,5% eram empregados do comércio; 2,7% trabalhadores autônomos do comércio; 2,7% trabalhavam no comércio armazenador; 1,6% eram empregados em turismo e hospitalidade; 2,1% ocupavam profissões ligadas ao transporte marítimo e fluvial; 0,5% trabalhavam como estivadores; 24,6% eram portuários; 1,1% eram ferroviários; 10,2% trabalhavam no transporte rodoviário; 0,5% eram trabalhadores de escritório.

Observou-se que as profissões predominantes dos pais das alunas eram em maioria, ligadas ao comércio, porto e à construção civil, refletindo o desenvolvimento da cidade. Apesar de não ser clara a relação entre a profissão de operário e trabalho portuário, pode-se inferir que o trabalhador em questão atuava no porto, pois a zona portuária era a mola propulsora do desenvolvimento da cidade e da região.

Estes trabalhadores exerciam diversas funções, tais como: ensacadores, carregadores, trabalhadores do setor de manutenção, trabalhadores do setor de limpeza, etc. revezando-se entre essas funções, o que motivava a simples denominação de operário.

Enormes contingentes de trabalhadores foram incorporados às atividades do porto. Os homens que enchiam e esvaziavam o ventre dos navios eram outros, e o movimento operário de Santos ganhou grande envergadura, sobretudo por meio de sindicatos portuários e dos trabalhadores da construção civil, sob a marcante presença anarco-sindicalista.

Apesar das profundas alterações verificadas posteriormente, esse período inicial foi responsável pela consolidação de algumas das principais características da cidade: o porto continuou a ser a atividade econômica mais relevante de Santos, da qual a maior fração do mercado de trabalho encontrava-se dependente; apesar da crescente diversidade econômica da cidade e do correlato aparecimento de outras categorias profissionais, os portuários solidificaram sua presença no movimento operário local. (SILVA, 1995, p.15).

Nota-se, com o passar do tempo, o surgimento de profissões relacionadas ao desenvolvimento industrial e tecnológico como a profissão de motorista, surgida a partir da década de 1940 com a denominação de Chofer, mas na década de 1944, passa a denominar-se Motorista.

Um importante achado foi com relação à profissão de Doméstica, exercida por mulheres e nesse caso constava no livro de matrícula somente o nome da mãe, o que se permite inferir a possibilidade de tratar-se de mães solteiras, viúvas ou aquelas cujos maridos não trabalhassem. Fica, entretanto, uma questão, se a designação doméstica refere-se à empregada doméstica ou às prendas domésticas.

### **3.2 – SEÇÃO MASCULINA**

Nos livros de matrícula da seção masculina, os dados estudados são referentes aos anos de 1939, 1940, 1946 e 1950. Esta seção apresenta menor quantidade de registros em comparação à seção feminina, pois muitos livros extraviaram-se. O critério de amostragem foi o mesmo adotado na seção feminina, ou seja, as primeiras séries do ensino básico procurando manter, na medida do possível, um espaçamento de quatro anos entre as séries.

Nas pesquisas efetuadas nos livros de matrícula, foram obtidos dados referentes à naturalidade dos alunos, nacionalidade dos pais, profissão dos pais, das primeiras séries da seção masculina, dos anos de 1939, 1941, 1946 e 1950.

#### **3.2.1 – NATURALIDADE DOS ALUNOS.**

Com relação à nacionalidade dos alunos, seguiu-se o mesmo padrão da seção feminina agrupando dos dados obtidos em três categorias: nacionalidade dos alunos, naturalidade dos alunos por regiões do Brasil e naturalidade dos alunos por cidades do Estado de São Paulo.

De acordo com a nacionalidade dos alunos, conclui-se que a escola atendia, em grande maioria, alunos brasileiros. Já o número de estrangeiros do sexo masculino é menor em relação ao sexo feminino, fato que pode ser explicado devido ao número de sujeitos da pesquisa serem em sua maioria do sexo feminino, além de que o primeiro livro da seção masculina a ser encontrado datava de 1939. Observa-se também a presença de alunos migrantes e imigrantes, em maioria europeus, e Portugal era o país



de maior número de imigração, o que indica a vinda de famílias já constituídas em Portugal.

Em 1939, havia 96,7% alunos brasileiros na escola e 2,5% europeus; em 1941, 95,7% eram brasileiros e 3,6% europeus; em 1946, 97,7% dos alunos eram brasileiros e 2,3% eram europeus; em 1950, 99,2% do alunado eram brasileiros e 0,8% europeus.

Os asiáticos só foram notados somente nos anos de 1939, com 0,8% e 1941, com 0,7%.

Tabela 6: Nacionalidade dos alunos

<b>Nacionalidade dos Alunos</b>								
<b>Ano</b>	<b>1939</b>		<b>1941</b>		<b>1946</b>		<b>1950</b>	
<b>Matriculados</b>	<b>120</b>		<b>276</b>		<b>220</b>		<b>236</b>	
<b>Nacionalidade</b>	<b>Alunos</b>	<b>%</b>	<b>Alunos</b>	<b>%</b>	<b>Alunos</b>	<b>%</b>	<b>Alunos</b>	<b>%</b>
<b>Brasileiros</b>	<b>116</b>	<b>96,7</b>	<b>264</b>	<b>95,7</b>	<b>215</b>	<b>97,7</b>	<b>234</b>	<b>99,2</b>
<b>Europeus</b>	<b>3</b>	<b>2,5</b>	<b>10</b>	<b>3,6</b>	<b>5</b>	<b>2,3</b>	<b>2</b>	<b>0,8</b>
<b>Asiáticos</b>	<b>1</b>	<b>0,8</b>	<b>2</b>	<b>0,7</b>	<b>0</b>	<b>0,0</b>	<b>0</b>	<b>0,0</b>

Como na seção feminina, a maioria dos alunos, eram provenientes de estados da região Sudeste, respectivamente 97,4 % em 1939; 95,4% em 1941; 98,2% em 1946 e 96,2% em 1950. Já as regiões Sul, Nordeste e Centro-Oeste aparecem com quantidades minoritárias, respectivamente. A região Sul contribuiu com 2,6% em 1939; 2,3% em 1941; 0,9% em 1946; 2,1% em 1950. Região Nordeste com 1,9% em 1941; 0,9% em 1946; 1,7% em 1950. Somente em 1941, notou-se a presença de alunos da região Centro-Oeste, com 0,4%. Alunos provenientes da região Norte não foram encontrados nas atas de matrícula da Escola. A determinação da classificação de

alunos por regiões brasileiras, utilizou-se a determinação de regiões atual, como já foi explicado.

Tabela 7: Naturalidade dos alunos por regiões do Brasil

<b>Naturalidade dos alunos por regiões do Brasil</b>								
<b>Ano</b>	<b>1939</b>		<b>1941</b>		<b>1946</b>		<b>1950</b>	
<b>Matriculados</b>	<b>116</b>		<b>264</b>		<b>215</b>		<b>234</b>	
<b>Naturalidade</b>	<b>Alunos</b>	<b>%</b>	<b>Alunos</b>	<b>%</b>	<b>Alunos</b>	<b>%</b>	<b>Alunos</b>	<b>%</b>
<b>Sudeste</b>	<b>113</b>	<b>97,4</b>	<b>252</b>	<b>95,4</b>	<b>211</b>	<b>98,2</b>	<b>225</b>	<b>96,2</b>
<b>Sul</b>	<b>3</b>	<b>2,6</b>	<b>6</b>	<b>2,3</b>	<b>2</b>	<b>0,9</b>	<b>5</b>	<b>2,1</b>
<b>Nordeste</b>	<b>0</b>	<b>0,0</b>	<b>5</b>	<b>1,9</b>	<b>2</b>	<b>0,9</b>	<b>4</b>	<b>1,7</b>
<b>Centro-Oeste</b>	<b>0</b>	<b>0,0</b>	<b>1</b>	<b>0,4</b>	<b>0</b>	<b>0,0</b>	<b>0</b>	<b>0,0</b>

Com relação à classificação dos alunos por naturalidade em cidades do Estado de São Paulo, pode-se inferir que houve um considerável êxodo migratório, principalmente da cidade de São Paulo, fato esse comprovado pela pouca diferença entre os sexos masculino e feminino.

Em 1939, 89,9% dos alunos eram santistas, 4,6% da cidade de São Paulo, 5,5% de outras cidades do estado; em 1941, 87,4% nasceram em Santos, 5,3% em São Paulo, 1,6% em São Vicente, 5,7% em outras cidades do estado; em 1946, 82,9% eram de Santos, 8,5% de São Paulo, 1,9% de São Vicente, 6,7% de outras cidades do estado; e em 1950, 89,9% dos alunos nasceram na cidade de Santos, 4,6% na cidade de São Paulo e 5,5% em outras cidades do estado.

Tabela 8: Naturalidade dos alunos - Estado de São Paulo

Naturalidade dos alunos - Estado de São Paulo								
Ano	1939		1941		1946		1950	
Matriculados	109		245		211		219	
Cidades	Alunos	%	Alunos	%	Alunos	%	Alunos	%
Santos	98	89,9	214	87,4	175	82,9	197	89,9
São Paulo	5	4,6	13	5,3	18	8,5	10	4,6
São Vicente	0	0,0	4	1,6	4	1,9	0	0,0
Outras Cidades	6	5,5	14	5,7	14	6,7	12	5,5

Um fato curioso, diz respeito à relação das quantidades entre alunas e alunos da escola. Guardadas as devidas proporções, levando em conta o fato de que os dados obtidos nas seções feminina e masculina não pertencem aos mesmos anos pesquisados, nota-se que prevalece a quantidade de alunas matriculadas em relação aos alunos, em quase toda a década de 40. Nos anos próximos a 50, entretanto, a situação se inverte, o número de alunos ultrapassa o número de meninas na escola.

### 3.2.2 – NACIONALIDADE DOS PAIS DOS ALUNOS.

Sobre a nacionalidade dos pais dos alunos, observa-se que em 1939, havia uma predominância de descendentes de imigrantes, principalmente portugueses, provavelmente atraídos pelo trabalho portuário, comércio e expansão da cidade. Porém, a partir de 1941, esse número começa a declinar, pois com o início da Segunda Guerra Mundial, diminuem as imigrações, ainda que nos próximos anos, continue verificando-se grande quantidade de descendentes de estrangeiros.

Em 1939, 46,7% eram brasileiros; 38,3% portugueses; 10,8% espanhóis; 1,7% italianos; 2,5% asiáticos. Em 1941, 55,8% eram brasileiros; 31,2% portugueses; 5,8% espanhóis; 1,4% italianos; 1,1% demais países da Europa; 4,0% asiáticos. Em 1946, 54,5% dos pais dos alunos eram brasileiros; 36,4% portugueses; 5,9% espanhóis; 0,5% italianos; 0,9% provenientes de demais países da Europa; 0,9% asiáticos; 0,9% sul-americanos. No ano de 1950, 68,6% dos pais eram brasileiros; 24,2% portugueses; 3,4% espanhóis; 0,4% italianos; 0,4% demais países da Europa; 2,5% asiáticos; e 0,4% sul-americanos.

Tabela 9: Nacionalidade dos pais dos alunos

<b>Nacionalidade dos pais dos alunos</b>								
<b>Ano</b>	<b>1939</b>		<b>1941</b>		<b>1946</b>		<b>1950</b>	
<b>Matriculados</b>	<b>120</b>		<b>276</b>		<b>220</b>		<b>236</b>	
<b>Nacionalidade</b>	<b>Pais</b>	<b>%</b>	<b>Pais</b>	<b>%</b>	<b>Pais</b>	<b>%</b>	<b>Pais</b>	<b>%</b>
<b>Brasileiros</b>	<b>56</b>	<b>46,7</b>	<b>154</b>	<b>55,8</b>	<b>120</b>	<b>54,5</b>	<b>162</b>	<b>68,6</b>
<b>Portugueses</b>	<b>46</b>	<b>38,3</b>	<b>86</b>	<b>31,2</b>	<b>80</b>	<b>36,4</b>	<b>57</b>	<b>24,2</b>
<b>Espanhóis</b>	<b>13</b>	<b>10,8</b>	<b>16</b>	<b>5,8</b>	<b>13</b>	<b>5,9</b>	<b>8</b>	<b>3,4</b>
<b>Italianos</b>	<b>2</b>	<b>1,7</b>	<b>4</b>	<b>1,4</b>	<b>1</b>	<b>0,5</b>	<b>1</b>	<b>0,4</b>
<b>Demais Europeus</b>	<b>0</b>	<b>0,0</b>	<b>3</b>	<b>1,1</b>	<b>2</b>	<b>0,9</b>	<b>1</b>	<b>0,4</b>
<b>Asiáticos</b>	<b>3</b>	<b>2,5</b>	<b>11</b>	<b>4,0</b>	<b>2</b>	<b>0,9</b>	<b>6</b>	<b>2,5</b>
<b>Sul-Americanos</b>	<b>0</b>	<b>0,0</b>	<b>2</b>	<b>0,7</b>	<b>2</b>	<b>0,9</b>	<b>1</b>	<b>0,4</b>

### 3.2.3 – PROFISSÕES DOS PAIS DOS ALUNOS.

Para a produção da tabela a seguir, as profissões foram separadas por categoria, baseando-se no Artigo 577, QUADRO DE ATIVIDADES E PROFISSÕES, da Consolidação das Leis do Trabalho, de 1º de maio de 1943. A tabela se encontra em anexo.

Da mesma forma que ocorreu com a classificação dos pais dos alunos, os grupos que constam das tabelas incluem uma gama de diversas profissões:

Foram utilizadas somente algumas categorias, fundamentalmente as que se encaixavam nas profissões pesquisadas, visto que é muito ampla a classificação.

As categorias agrupam-se de acordo com as seguintes profissões:

Trabalhadores do setor de alimentos G1: açougueiro, cozinheiro, doméstica, padeiro.

Trabalhadores do setor de vestuário G2: alfaiate, costureira, lavadeira, sapateiro, tintureiro.

Trabalhadores do setor da construção e mobiliário G3: carpinteiro, construtor, encerador, encanador, jardineiro, ladrilheiro, marmorista, pintor, pedreiro, proprietário, tapeceiro, vidraceiro.

Trabalhadores do setor urbano G4: empregado da Cia. City, empregado público, empregado da alfândega, carteiro, funcionário da justiça, funcionário público, fiscal, empregado da cia. telefônica, militar, guarda civil, agente de polícia, bombeiro, guarda-noturno.

Trabalhadores do setor extrativista G5: lavrador, leiteiro, peixeiro, sitiante, agricultor, pescador.

Trabalhadores do setor gráfico G6: desenhista, tipógrafo, linotipista, gráfico.

Trabalhadores do setor de metalurgia, mecânica e elétrica G7: mecânico, eletricista, ferreiro, funileiro.

Empregados do comércio G8: comércio, empregado do comércio, vendedor, comerciante.

Empregados autônomos do comércio G9: negociante, corretor, ambulante, viajante, farmacêutico.

Trabalhadores do comércio armazenador G10: carregador, catador de café, ensacador.

Empregados do turismo e hospitalidade G11: barbeiro, empregado da Santa Casa, garçom, hoteleiro, enfermeiro, zelador, empregado de hotel, cabeleireiro, auxiliar de enfermagem.

Trabalhadores do setor de transportes marítimos e fluviais G12: despachante aduaneiro, despachante, conferente, despachante de café, marítimo, ajudante de despachante, guarda portuário.

Estivadores G13: estivador.

Portuários G14: operário, empregado das docas, empregado da companhia docas, portuário, jornaleiro.

Trabalhadores do setor ferroviário G15: maquinista, ferroviário.

Trabalhadores do setor de transporte rodoviário G16: chofer, carroceiro, motorneiro, motorista, ajudante de motorista.

Profissionais liberais G17: professor, dentista, ministro evangélico, optocientífico, pastor evangélico, aposentado, músico, advogado.

Trabalhadores de escritório G18: empregado de escritório, funcionário de banco, contador, escriturário, bancário, guarda-livros.

Trabalhadores do setor de joalheria e lapidação G19: joalheiro.

Tabela 10: Profissão dos pais dos alunos

Profissão dos pais dos alunos								
Ano	1939		1941		1946		1950	
Matriculados	120		276		220		236	
Grupos	País	%	País	%	País	%	País	%
Trabalhadores do Setor de Alimentos	0	0,0	8	2,9	4	1,8	5	2,1
Trabalhadores do Setor de Vestuários	4	3,3	4	1,4	3	1,4	3	1,3
Trabalhadores do Setor da Construção e Mobiliário	9	7,5	27	9,8	37	16,8	26	11,0
Trabalhadores do Setor Urbano	17	14,2	18	6,5	16	7,3	12	5,1
Trabalhadores do Setor Extrativista	3	2,5	8	2,9	0	0,0	2	0,8
Trabalhadores do Setor Gráfico	0	0,0	1	0,4	0	0,0	0	0,0
Trabalhadores do Setor de Metalurgia, Mecânica e Elétrica	4	3,3	12	4,3	10	4,5	10	4,2
Empregados do Comércio	31	25,8	66	23,9	55	25,0	43	18,2
Empregados Autônomos do Comércio	1	0,8	9	3,3	1	0,5	1	0,4
Trabalhadores do Comércio Armazenador	9	7,5	8	2,9	0	0,0	2	0,8
Empregados de Turismo e Hospitalidade	0	0,0	6	2,2	3	1,4	4	1,7
Trabalhadores do Setor de Transportes Marítimos e Fluviais	0	0,0	5	1,8	5	2,3	2	0,8
Estivadores	0	0,0	2	0,7	4	1,8	24	10,2
Portuários	24	20,0	53	19,2	51	23,2	70	29,7
Trabalhadores do Setor Ferroviário	3	2,5	6	2,2	5	2,3	3	1,3
Trabalhadores do Setor de Transporte Rodoviário	11	9,2	39	14,1	25	11,4	28	11,9
Profissionais Liberais	3	2,5	1	0,4	0	0,0	0	0,0
Trabalhadores de Escritório	1	0,8	3	1,1	1	0,5	1	0,4
Trabalhadores do Setor de Joalheria e Lapidação	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0

Não foram encontrados pais de alunos provenientes do setor de joalheria e lapidação.

No ano de 1939, 3,3% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor de vestuário; 7,5% pertenciam à construção e mobiliário; 14,2% pertenciam ao setor urbano de trabalho; 2,5% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor extrativista; 3,3% dos pais exerciam profissões pertencentes ao setor metalúrgico, mecânico e elétrico; 25,8% eram empregados do comércio; 0,8% trabalhadores autônomos do comércio; 7,5% trabalhavam no comércio armazenador; 20,0% eram portuários; 2,5% eram ferroviários;

9,2% trabalhavam no transporte rodoviário; 2,5% eram profissionais liberais; 0,8% eram trabalhadores de escritório.

No ano de 1941, 2,9% eram trabalhadores pertencentes ao setor da alimentação; 1,4% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor de vestuário; 9,8% pertenciam à construção e mobiliário; 6,5% pertenciam ao setor urbano de trabalho; 2,9% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor extrativista; 0,4% dos pais trabalhadores estavam integrados ao setor gráfico; 4,3% dos pais exerciam profissões pertencentes ao setor metalúrgico, mecânico e elétrico; 23,9% eram empregados do comércio; 3,3% trabalhadores autônomos do comércio; 2,9% trabalhavam no comércio armazenador; 2,2% eram empregados em turismo e hospitalidade; 1,8% ocupavam profissões ligadas ao transporte marítimo e fluvial; 0,7% trabalhavam como estivadores; 19,2% eram portuários; 2,2% eram ferroviários; 14,1% trabalhavam no transporte rodoviário; 0,4% eram profissionais liberais; 1,1% eram trabalhadores de escritório.

No ano de 1946, 1,8% eram trabalhadores pertencentes ao setor da alimentação; 1,4% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor de vestuário; 16,8% pertenciam à construção e mobiliário; 7,3% pertenciam ao setor urbano de trabalho; 4,5% dos pais exerciam profissões pertencentes ao setor metalúrgico, mecânico e elétrico; 25,0% eram empregados do comércio; 0,5% trabalhadores autônomos do comércio; 1,4% eram empregados em turismo e hospitalidade; 2,3% ocupavam profissões ligadas ao transporte marítimo e fluvial; 1,8% trabalhavam como estivadores; 23,2% eram portuários; 2,3% eram ferroviários; 11,4% trabalhavam no transporte rodoviário; 0,5% eram trabalhadores de escritório.

No ano de 1950, 2,1% eram trabalhadores pertencentes ao setor da alimentação; 1,3% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor de vestuário; 11,0% pertenciam à



construção e mobiliário; 5,1% pertenciam ao setor urbano de trabalho; 0,8% dos pais trabalhadores pertenciam ao setor extrativista; 4,2% dos pais exerciam profissões pertencentes ao setor metalúrgico, mecânico e elétrico; 18,2% eram empregados do comércio; 0,4% trabalhadores autônomos do comércio; 0,8% trabalhavam no comércio armazenador; 1,7% eram empregados em turismo e hospitalidade; 0,8% ocupavam profissões ligadas ao transporte marítimo e fluvial; 10,2% trabalhavam como estivadores; 29,7% eram portuários; 1,3% eram ferroviários; 11,9% trabalhavam no transporte rodoviário; 0,4% eram trabalhadores de escritório.

Os resultados obtidos nas pesquisas efetuadas na seção masculina referentes às profissões dos pais dos alunos prevalecem atividades relacionadas ao comércio, trabalho portuário e construção civil, porém o porto era o principal atrativo de trabalho, para a cidade de Santos.

## CAPÍTULO IV

### HISTÓRIAS DE VIDA DE UMA ESCOLA

O presente capítulo vem resgatar as histórias de vida dos ex-alunos do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, enquanto estudantes no período das décadas de 1940 e 1950.

Quem eram os alunos da escola? Como era a convivência com os colegas, amigos e família? Como era ser aluno do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos?

Para responder a tais questões, utilizou-se como recurso a história oral, buscando resgatar as histórias de vida dos alunos.

Foram entrevistados quatro ex-alunos que freqüentaram a escola até a década de 1950, tais entrevistas proporcionaram um encontro com o passado através de fontes históricas vivas.

Os relatos orais sobre o passado englobam explicitamente experiência subjetiva. Isso já foi considerado uma limitação, mas hoje é reconhecido como uma das principais virtudes da História Oral: fatos pinçados aqui e ali nas histórias de vida dão ensejo à percepção de como um modo de entender o passado é construído, processado e integrado à vida de uma pessoa. (CRUIKSHANK, 1996, p.149)

Segundo Burke (1992):

A visão tradicional da relação entre a história e a memória é relativamente simples. A função do historiador é ser um “lembrador” um guardião da memória dos acontecimentos públicos, postos por escrito em benefício dos seus atores, para lhes dar fama, e também para benefício da posteridade que poderá, assim, aprender com o seu exemplo. (BURKE, 1992, p.235)

Através destes depoimentos, podemos desvendar um pouco do universo escolar do referido Grupo e época estudada.

Segundo Burke (1992), mesmo nos períodos mais recuados, sempre teremos algo a aprender com o movimento da história oral.

Cada ex-aluno conservou recordações de sua época de estudante no Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, alguns relembram com detalhes passagens marcantes em suas vidas cotidianas e escolares.

Todos afirmam, sem exceção, que a escola teve um papel muito importante em sua formação, pois no que se refere à família, amigos e professores, do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos serviu de elo educacional e de postura.

No ambiente escolar eram colocados em prática os ensinamentos de respeito ao próximo e disciplina que os alunos recebiam em seus lares. Estas atitudes foram apontadas por todos os alunos entrevistados, tratava-se de uma regra familiar de comportamento.

Falar sobre a escola foi uma honra para estes alunos, todos se mostraram dispostos a relembrar sua infância e escola.

Embora a entrevista tenha sido feita com alunos de anos distintos, percebeu-se uma grande semelhança no cotidiano dos entrevistados em suas épocas de estudante. Havia um certo padrão de comportamento a ser seguido por pais e filhos.

A educação era rígida, mas todos os entrevistados mostraram-se saudosistas do tempo em que eram obrigados a seguir regras em casa e na escola, saudosistas da infância de liberdade para brincar nas ruas, jogar bola, freqüentar a matinê de cinema, andar de bonde.

As entrevistas foram reorganizadas com a finalidade de contextualizar ordenadamente os depoimentos. As entrevistas na íntegra estão disponíveis nos anexos.

A primeira entrevista traz o relato do aluno Wiles Barbosa. Sua família, oriunda do Vale do Ribeira, mudou-se para a cidade de Santos na década de quarenta em busca de qualidade de vida e melhores oportunidades. Wiles ingressou no Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos no início os anos cinqüenta.

Ele entrou com onze para doze anos na escola, porque morava no Vale do Ribeira, sua vida era simples, morava perto da escola...uns dez minutos a pé, entrava às duas horas da tarde. Se não chegasse naquele horário, os portões já estavam fechados e não podia entrar. E quando voltava para casa, sua mãe o fazia estudar como se estivesse na escola.

No horário determinado, as crianças entravam em forma, faziam fila e cada turma seguia para sua classe, trinta a quarenta alunos por classe. Mas antes se cantava o Hino Nacional, todo dia.

Os meninos estudavam à tarde e as meninas de manhã.

Os meninos usavam uma calça curta azul, uma camisa branca e no bolso a marca da série que cursavam.

Os amigos de escola também eram amigos de futebol, jogavam na rua, coisa que hoje já não existe mais. Tanto dentro como fora da sala de aula, eram amigos. Moravam perto uns dos outros.

Não havia bagunça em sala de aula, tinham respeito pelas professoras, prestavam atenção na aula. Se precisassem ir ao banheiro, levantavam a mão e explicavam a situação e a professora os deixava sair.

Se chegasse a diretora ou outra professora, todos se levantavam por questão de respeito e, quando terminava a aula, saíam todos em fila de dois em dois, não havia esse negócio de sair de qualquer jeito.

Seu pai continuou trabalhando no Vale do Ribeira, era funcionário do estado, vinha de quinze em quinze dias. Sua mãe que assumiu a educação dos filhos.

Ele tinha que ir todo dia para a escola, mas, às vezes, ia jogar futebol e esquecia-se do horário, chegando atrasado na escola, então a mãe o ia puxando pela orelha se o portão estivesse fechado, não tinha moleza de ficar na rua não.

Ela o fazia estudar como se ele estivesse na escola. Às vezes, preferia mil vezes ir à escola a chegar atrasado e voltar para casa, pois a mãe o fazia ultrapassar o horário de aula. Esta solidariedade entre família e escola, que hoje dificilmente é percebida, ainda é enfatizada como necessária pelos especialistas em educação, mesmo que atualmente a concebam de forma diversa.

As escolas com melhores resultados são, normalmente, aquelas que conseguem criar as condições propícias a uma colaboração das famílias na vida escolar. É preciso romper, de uma vez por todas, com a idéia de que as escolas “pertencem” à corporação docente. Os pais, enquanto grupo interveniente no processo educativo, podem dar um apoio ativo às

escolas e devem participar num conjunto de decisões que lhes dizem diretamente respeito. Numa perspectiva individual, os pais podem ajudar a motivar e a estimular os seus filhos, associando-se aos esforços dos profissionais do ensino. (NÓVOA, 1995, p.27).

Naquele tempo (o aluno estudou na década de 50), a colaboração com a escola existia mesmo que não houvesse o costume entre os pais de freqüentarem muito a escola. Contou que não havia reuniões de pais, só quando fosse necessário, chamavam. A vida naquele tempo era diferente, comentou Wiles. As famílias eram mais unidas e se davam melhor com os vizinhos. Na Vila Matias, onde morava, nas noites de calor, era costume colocarem-se cadeiras nas calçadas, para conversar, bater papo.

Quando vinham os boletins, a mãe mandava a irmã verificar as notas. Se o aluno tirasse nota baixa, os pais eram avisados, e pedia-se providência, em caso de mau comportamento também.

Uma coisa interessante da época é que, se os alunos fossem reclamar da professora em casa, levavam uma surra. Aluno não respondia mal aos professores, hoje é completamente diferente.

Havia respeito pelas professoras, elas eram superimportantes, procuravam agradá-las, os professores eram chamados de Mestres. De acordo com Willis, todas as professoras marcaram sua vida, mesmo não se lembrando de seus sobrenomes. No primeiro ano foi a Dona Amélia; no segundo ano, a Dona Benedita; no terceiro ano, a Dona Rute, e no quarto ano, a Dona Dinorah. A diretora era Luiza.

Recorda-se de um caso, quando foram tirar foto da turma, mas um colega não tinha dinheiro para pagar a fotografia e a professora tirou dinheiro do bolso dela e fez

questão de pagar para ele, para poder guardar de recordação. Então, Wiles achou muito bacana, uma coisa simples...as professoras aconselhavam a estudar, ter pensamento positivo.

Mesmo os alunos pobres tinham o cuidado da família e o interesse dos professores. No seu caso, lembrou Wiles, perdeu a mãe muito cedo e com 14 anos começou a trabalhar. A casa em que morava era um porão, quando chovia tinham que enfiar o pé na água, mas tinha amigos e não havia preconceito.

Lembrou-se ainda de que todos os colegas com quem tem contato hoje estão bem, mesmo aqueles que são estivadores, que é o caso de muitos. Alguns conseguiram estudar mais.

O estudo talvez fosse um pouco mais puxado, antigamente sabiam o nome de linhas férreas, rios, capitais, tinham que caprichar na letra, conheciam o Presidente da República, a cobrança do respeito à Bandeira. Quando foi servir o exército, aquele respeito que se devia ao Hino Nacional ele já havia aprendido na escola, como também por a mão no coração, ficar em silêncio.

Achava interessante as professoras substitutas, que ajudavam a professora titular, tomando nota, vendo cadernos e, quando a titular não podia ir, a substituta assumia.

Não havia intervalo, levavam um lanchinho e comiam na sala de aula.

Em casa, Wiles gostava muito de jogar bola,.Na rua onde morava na Vila Mathias, havia muitos filhos de portugueses e espanhóis, logicamente havia uma diferença de costumes, mas todos se davam bem, freqüentavam as casas uns dos outros, não costumavam sair para longe, o mundo deles era ali naquele bairro.

De vez em quando, encontra com alguns colegas, um é advogado, outro trabalhou na CODESP, muitos já se aposentaram.

Tem apenas boas recordações daquela época, as professoras se interessavam pelos alunos, dentro da sala de aula havia uma amizade, tanto que depois que terminaram o curso se encontravam, era como se fossem irmãos.

O depoimento do aluno Wiles Barbosa demonstra a influência da escola a inserir valores que marcaram sua vida de modo positivo, assim como os preceitos de cidadania legados pela instituição de ensino.

Wiles é meu padrasto, quando comentei que o tema de minha Dissertação era a sobre o Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, mais do que rapidamente ele começou a relatar com entusiasmo seus tempos de estudante, sem mesmo que eu houvesse pedido um depoimento, o que me deixou muito animada a escolhê-lo como participante das entrevistas. Ele casou-se duas vezes, atualmente é aposentado, porém trabalhou toda sua vida como portuário na companhia DOCAS de Santos, é pai de um rapaz estudante de educação física em uma Universidade na cidade de Santos. Entrevistei Wiles em sua casa, e a animação durante a entrevista era notória, demonstrava claramente a alegria de participar a todos, um pedaço importante de sua vida, e acima de tudo orgulho ao falar de sua escola querida.

O Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos também marcou de forma inesquecível a memória do ex-aluno Rivaldo de Abreu Serrão.

Era filho de operários, seu pai era trabalhador portuário. Seu pai jogava futebol e conheceu sua mãe, gaúcha, moradora nova de Santo André. Namoraram e casaram-se só no religioso, naquele tempo era assim.



Esse costume ainda é reflexo do tempo em que igreja e estado estavam unidos e o único casamento era o religioso, antes da república.

Apesar de ter permanecido na escola somente por dois anos, foi ator participante de um movimento estudantil de auxílio e melhoria escolar.

Serrão iniciou seus estudos no Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos em 1947, no segundo ano primário e participou de uma experiência pioneira de implantação de uma Prefeitura Escolar constituída por alunos com a finalidade de prestar assistência aos alunos e a instituição escolar.

Rivaldo nasceu em 1937, na Rua Lucas Fortunato, depois foi morar no Marapé, na Rua Saturnino de Brito, inicialmente estudava no Olavo Bilac, mas, quando seu irmão foi expulso, a mãe achou por bem colocá-los no Cesário Bastos. Iam de bonde, o número trinta e sete, que possuía um reboque, as pessoas que viajavam no reboque, como eles, pagavam menos. Entrou no segundo ano primário em 1947, quando tinha de oito para nove anos.

Foi um período muito bom, suas notas sempre foram boas, a relação de amizade que tinha com todos os colegas de escola era muito boa.

Foi o período da Prefeitura Escolar, da municipalidade, houve eleição de Prefeitos, a Câmara de Vereadores...motivou os alunos a estudarem mais. Os alunos tinham educação cívica, havia o centro de cultura, e os estudantes contribuíam para a alimentação dos alunos mais necessitados.

Montaram uma cozinha, compraram um fogão, colocaram uma funcionária do colégio para cozinhar para os alunos que vinham do Morro da Nova Cintra, do campo do Marapé. Eles não tinham a disponibilidade de fazer a refeição em casa, porque o Cesário Bastos funcionava em três períodos, de manhã, as aulas iam até as onze

horas, no intermediário, das onze às duas horas da tarde, e à tarde, das duas às cinco horas. Os alunos do período intermediário eram carentes de uma boa alimentação, então eles vinham ao colégio almoçar.

Para atender também o aumento da população escolar, a partir de 1908, as escolas públicas desdobraram os seus períodos, tanto na capital como no "hinterland". O Grupo escolar "Barnabé" de Santos é o primeiro do interior a sofrer esse regime (1908). O "Cesário Bastos", o outro santista, somente em 1919 passaria a ter dois turnos no novo prédio. Porém o desdobramento significou também diminuição de horas de estudo. (PEREIRA, 1996, p.65).

O Porto de Santos contribuiu muito para a chegada de imigrantes e migrantes, em busca de trabalho, oriundos das mais diversas localidades, fato que contribuiu também para um grande aumento populacional e, por conseqüência, aumento do número de crianças em idade escolar.

No período da manhã, havia lanche de leite, banana e pão que, na maioria dos casos, era pago pelo Estado. Em certas ocasiões a prefeitura também contribuía.

Os alunos montaram um fundo escolar para arrecadar dinheiro entre as famílias, que era direcionado para uma caixa escolar e utilizado para a compra de mantimentos. Havia um grupo de alunos que dirigia, organizava. Rivaldo era secretário e participava ativamente do grupo, mas tudo isso foi incentivado pelo diretor, que os fez ver o sentido democrático da vida escolar, tanto que não havia vandalismo, todo mundo trabalhava no sentido de melhorar o colégio.

Os alunos iam ao colégio com o espírito de aprender, se educar, de valorizar a professora, valorizar tudo. Naquela época, para o aluno mal-educado com a professora, havia a palmatória, o milho para que ajoelhasse. Os próprios alunos cuidavam para que não houvesse problemas de comportamento; se a professora saía da classe, eles tomavam conta. Havia brincadeiras, às vezes atiravam o mata-borrão e a régua nos outros garotos ou na lousa.

Em 1948, reuniram os melhores alunos, uns vinte ou trinta, e foram premiados com uma viagem para colônia de férias fazenda Aras Paulista em Pindamonhangaba, ficaram na colônia durante as férias de final de ano, até final de dezembro.

No cotidiano escolar cantavam o Hino Nacional no galpão, as professoras davam a matéria de acordo com o dia, geografia, história, caligrafia... era uma matéria muito importante, matemática, aritmética. Semanalmente e mensalmente a professora fazia sabatina oral. Quando a professora faltava, quem assumia era a professora substituta, dando continuidade ao programa.

A professora, disse Rivaldo, escrevia na lousa e depois o aluno tinha que reproduzir, 10, 15 vezes o que ela havia escrito; a matemática também era dada com problemas escritos na lousa. Havia sabatina toda a semana, prova mensal, os alunos falavam a tabuada em pé e faziam contas no quadro-negro. O entrevistado aprovava esse sistema.

Vinham estudantes do Campo Grande, Vila Belmiro, Marapé, Vila Mathias, Mercado, Nova Cintra, Jabaquara, o pessoal do morro, todo mundo vinha estudar no Cesário Bastos, pois era uma escola estadual de nome, de projeção, todos os pais falavam bem do Cesário Bastos, pela forma educacional, pelos diretores, professores, pela forma como era feita a avaliação.

O comportamento vinha de casa, aquela educação que tinham em casa era levada para a escola. Sua mãe faleceu cedo, de tuberculose, mas sempre deu uma educação de conduta ética e respeito aos semelhantes, as famílias eram unidas.

A tuberculose, uma doença que afeta os pulmões, é causada pelo bacilo de Koch e o tratamento eficaz para a doença surgiu somente em meados da década de 1940 com a descoberta da estreptomicina um poderoso antibiótico.

Naquela época, o aluno sabia o que era o seu direito e o direito do outro. Os pais da vizinhança cuidavam dos filhos dos outros, e isso coibia uma série de coisas. Rivaldo conta que seu pai nunca bateu nele, mas que a mãe o fazia, mesmo quando estava na cama por causa da tuberculose. Quando podia, batia em todos para que um filho não desse risada do outro. A educação vinha da família, não existia ladrão, ninguém fechava portas ou janelas.

Apesar do rigor da educação os alunos sabiam manifestar-se e tomar iniciativas de acordo com o entrevistado. Em 1948, depois da implantação da Prefeitura Escolar, um grupo de professoras alegaram que o diretor tinha atitudes comunistas, o que provocou seu afastamento. Os alunos, ao tomarem conhecimento da situação, organizaram uma greve estudantil de uma semana reivindicando a volta do diretor, esta foi a primeira greve de estudantes primários feita no Brasil.

A escola deixou um legado importante na vida de Rivaldo, lições de cidadania e ajuda ao próximo, o que ele levou consigo por toda a vida adulta.

Rivaldo é um entusiasta da escola; no ano de 2002, produziu um dossiê sobre a instituição, dados importantíssimos contidos no dossiê foram utilizados para a produção deste trabalho. Passaram-se quase dois anos de procura, até que se conseguisse

manter contato com o entrevistado. Que se mostrou disponível em muito interessado em contribuir com o trabalho.

Hoje aposentado, sempre trabalhou em indústria química, é separado e pai de um filho que é arquiteto. A família continua morando na cidade de Santos.

A ex-aluna Marisa de Meneses Torres conserva boas recordações de sua época de estudante.

Ela estudou no Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos no início da década de cinquenta e lembra o uniforme que usava na época, um laço de fita na cabeça, aventalzinho branco e sapato preto. Recorda também que depois do laço de fita, um chapéu foi utilizado como parte do uniforme.

Marisa mantinha contato com suas colegas de classe até pouco tempo atrás e enfatiza que todas as meninas da classe eram muito amigas, como uma família.

Suas colegas moravam em lugares diferentes, Morro da Nova Cintra, Jabaquara, Morro do São Bento, Vila Mathias. Ela residia no Jabaquara, na Rua do Contorno, naquela rua contornava-se o morro e recorda uma passagem de sua vida muito marcante, quando houve o desabamento do morro em 1956, sua então professora, Dona Alice, achou que sua casa havia sido atingida e propôs adotá-la, pensando que a família de Marisa encontrava-se em grandes dificuldades.

As ruas atingidas - As ruas atingidas, no sopé do Morro do Marapé, são as seguintes: Contorno, Godofredo Fraga e Tarquínio Silva. Segundo os últimos cálculos, teriam sido destruídas 40 casas nessa área. E o número de vítimas? Durante toda a madrugada,

prossegiram as operações de desobstrução da área para facilitar a prestação de socorros às vítimas, devendo esse serviço ser ativado na manhã de hoje. (HISTÓRIAS E LENDAS DE SANTOS - DESLIZAMENTOS. Site novomilenio. modificação em : 10/28/07 11:31:15)

Obviamente sua mãe não concordou. Ela também comenta que esta mesma professora ministrava aulas de reforço gratuitamente para as alunas em sua própria casa, na Rua Senador Feijó.

Isto demonstra a preocupação dos professores com relação ao bem-estar social e rendimento escolar de seus alunos.

Marisa lembra detalhes de suas antigas professoras, tais como a professora Dona Zilda, que era muito brava; a professora Dona Alice, que era muito legal, justamente a que queria adotá-la; a professora Dona Dalva, que na opinião de Marisa era muito bonita.

Ela lembra também que participava de aulas de piano, ministradas em um enorme salão, além das aulas de bordado, que faziam parte do currículo escolar.

Compreendam, pois: leitura e princípios de gramática, escrita e caligrafia, contar e calcular sobre números inteiros e frações, geometria prática (taquimetria) com as noções necessárias para as suas aplicações à medição de superfície e volumes, sistema métrico decimal, desenho a mão livre, moral prática, educação cívica, noções de geografia geral, cosmografia, geografia do Brasil especialmente do Estado de São Paulo, noções de ciências físicas, químicas e naturais, nas suas mais simples aplicações, especialmente à higiene, história do Brasil e leitura sobre a vida dos grandes homens da história, leitura de música e canto, exercícios ginásticos e militares apropriados à idade e ao sexo...implantava-se no ensino primário no Estado um programa único para meninos e meninas,

com exceção dos trabalhos manuais e ginástica, cuja organização mantinha a diferenciação por gênero. (SOUZA, 1998, p.172).

Recorda também a presença dos dentistas na escola, com consultas periódicas de prevenção à saúde bucal. Recorda que foi uma época muito boa e comenta que hoje as crianças são largadas pelos pais, sem preocupação alguma com uniforme, com educação. Comenta que a escola muito contribuiu para sua formação enquanto pessoa adulta e que poucos alunos de sua época desviaram-se do caminho. Hoje em dia presencia alunos agredindo professores e enfatiza que a educação deve vir de casa, não é porque o aluno não recebe educação em casa que vai agir de forma inadequada na rua, na escola.

Marisa não prosseguiu os estudos, pois seu pai tinha a concepção de que filhas mulheres não deveriam estudar e trabalhar, e sim casar e tornarem-se donas de casa.

A entrevista com Marisa foi realizada em sua residência, ela esteve sempre disposta a fornecer todas as informações solicitadas. Hoje está aposentada e separada, é mãe de cinco filhos, todos nascidos na cidade de Santos, alguns de seus filhos fizeram curso superior. Localizei-a através de uma conversa informal com amigos sobre o trabalho, e uma amiga, mais que prontamente apontou sua mãe Marisa como estudante do Cesário Bastos na referida época da pesquisa.

Hilda da Costa Gonçalves iniciou seus estudos no Cesário Bastos, em 1940 e formou-se em 1946, é a aluna da turma mais antiga a ser entrevistada. Recorda acontecimentos históricos como o final da Segunda Guerra Mundial, a qual foi informada do término durante a aula.

Inicia o depoimento recordando a entrada dos alunos na escola, todos faziam fila e cantavam o Hino Nacional, a seguir cada turma dirigia-se para suas respectivas salas, sempre acompanhadas pela professora que seguia à frente da turma. Lembra que usava um avental branco, laço de fita na cabeça. As séries eram representadas por um distintivo costurado ao avental e nas aulas de educação física, usava um calçãozinho fofinho, blusinha branca e tênis.



Figura 15: Turma de 1946, Acervo da ex-aluna Hilda da Costa Gonçalves

Hilda lembra perfeitamente os nomes de suas professoras, Dona Hilda, Dona Salomé, Dona Maria Antônia e Dona Lúcia.



Ao entrar em sala de aula, todas as alunas rezavam o Pai Nosso e Ave-Maria, este era um costume diário, somente depois sentavam e davam início às aulas, relembra também que havia aula de religião, entretanto as alunas que não fossem católicas eram dispensada, e aguardavam no corredor o fim da aula. O material escolar era guardado na sala de aula em armários, pois as alunas levavam para casa somente os cadernos de lição de casa, havia sempre uma aluna responsável por distribuir e recolher o material.

Na escola, os alunos eram assistidos por dentistas e médicos, faziam consultas periódicas, havia uma preocupação quanto à saúde dos alunos. Todos eram atendidos, sem exceção.

Um acontecimento marcante foi o término da Segunda Guerra Mundial em 8 de maio de 1945, ela comenta que estavam em sala de aula e a diretora adentrou e pediu que todas as alunas guardassem seus materiais e fossem direto para casa e que não falassem com ninguém pelo caminho. O motivo do pedido, segundo Hilda, talvez fosse pelo receio de alguma agressão contra as crianças por parte de revoltados, descontentes com o fim do confronto.

A Segunda Guerra Mundial foi traumática para os santistas, que temiam ataques por submarinos alemães ao porto e pela aviação nazista à Usina Henry Borden ou à própria cidade. Japoneses, italianos e alemães tiveram de deixar a região às pressas, pelo receio que colaborassem com seus países de origem, então inimigos do Brasil. E a cidade também compareceu com sua cota de sacrifício humano e material para o esforço de guerra brasileiro, enviando seus pracinhas para o combate nos campos de batalha da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália: (Santos na II Guerra Mundial. Site: novomilenio modificação em: 04/28/07 20:02:31)

Ela relembra que foram dias difíceis os dias da guerra, as luzes da rua eram diminuídas, na praia somente algumas luzes eram acesas, havia fila para tudo, carne, pão, açúcar. Ela, sua mãe e irmãos acordavam às quatro horas da manhã para que às quatro e meia, cinco horas da manhã já estivessem na fila à espera de conseguir comprar alimentos. Não havia nenhum comentário sobre a guerra com as crianças, mas mesmo assim Hilda tinha muito medo do que pudesse vir a acontecer. Todos eram obrigados a dormir cedo por falta de luz, mesmo assim, ao entardecer os vizinhos se reuniam à frente das casas para uma conversa, então as crianças aproveitavam esse tempo para brincar. Eram várias as brincadeiras, pegador, bola a trás, apostar corrida. Porém às oito horas da noite, todos começavam a se recolher.

Seu pai era funcionário da Companhia City, e sua mãe costureira, Hilda não deu prosseguimento aos estudos, mas atribui ao Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, grande influência na sua formação como cidadã, e assim como os outros entrevistados, salienta a necessidade dos pais educarem e prepararem seus filhos para se tornarem cidadãos de bem. A escola é um complemento, entretanto, a verdadeira educação é uma herança familiar.

Hilda é mãe de um colega mestrando, que, ao saber do tema do trabalho, prontificou-se a contatá-la, a entrevista foi na residência de Hilda e ela comentou durante a entrevista que sempre que passa em frente à escola comenta que é a “escola dela”, tanto que guarda consigo uma foto de seus tempos de estudante.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho sobre o Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos foi mostrar que a escola não se resume tão somente àquilo que ocorreu no interior de seu espaço físico.

Ela esteve inserida na sociedade santista e de várias formas contribuiu para moldar o caráter dos que lá estudaram.

Recuperar sua memória é sem dúvida recuperar a memória de todos que fizeram parte desta sociedade escolar.

Conhecer a instituição escolar em questão é conhecer concomitantemente a vida das pessoas que ali atuaram.

Para tal pesquisa, a análise documental escolar, assim como os relatos de histórias de vida dos ex-alunos foram fundamentais no desenrolar do trabalho.

A história de Santos participou ativamente do contexto da Dissertação, pois veio mostrar o árduo caminho percorrido por todos que se determinaram a fazer parte da saga transformação de um pequeno porto, em um dos mais importantes portos das Américas.

A cidade sofreu ataques de piratas, foi atingida por inúmeras epidemias mas resistiu bravamente.

Participou de forma atuante no movimento abolicionista, nas reivindicações trabalhistas. Pode-se dizer que Santos esteve um passo à frente de seu tempo.

E é neste progresso que está inserida no Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos, um modelo de educação para muitos. De acordo com os depoimentos colhidos, deixou marcas positivas em todos que por ela passaram.

Das questões que nortearam a pesquisa, a primeira delas levantada foi em relação ao processo da implantação da escola e o desenvolvimento do primeiro Grupo Escolar Público de Santos. Uma escola que teve seu início em uma casa com poucas condições pedagógicas, mas que no decorrer dos anos e com a construção do novo prédio, transformou-se na maior escola pública da região.

A segunda questão foi descobrir quem eram seus alunos. Descobriu-se, através das pesquisas documentais e de histórias de vida, que se tratavam de pessoas com valores morais muito evidenciados, retidão, respeito ao próximo, educação e postura exemplar. Os ex-alunos, em sua maioria nascidos na cidade de Santos, entretanto descendentes de imigrantes em grande parte, eram alunos que enxergavam na escola um templo do saber e de exercício de educação, bons costumes e cidadania.

Outra questão investigada foi com relação ao cotidiano das famílias dos estudantes, questão que foi esclarecida através dos relatos dos ex-alunos, que levavam uma vida simples, porém rica em princípios e cidadania.

E por último descobrir qual a contribuição da Escola Estadual Dr. Cesário Bastos para a cidade de Santos.

O empenho de seus professores, diretores e funcionários na formação de pessoas conscientes de seus direitos e responsabilidades como cidadãos foi o principal feito no que se refere às atribuições da escola.

Não é à toa que esta escola permanece em um lugar muito especial no coração e na memória de todos que lá estudaram.

Preservar a história desta escola é preservar a memória de todos que por ela passaram como também preservar a memória da Cidade de Santos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Vilma Terezinha Fernandes de. *O Discurso do Progresso: a Evolução Urbana de Santos – 1870 a 1930*. (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo-São Paulo, 1989)

ARAÚJO JÚNIOR, Mozart. *Grupo Escolar e Espaço Arquitetônico: Um Estudo sobre os Dispositivos Materiais de Produção da Escola Graduada (1893 – 1917)*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de Sorocaba – Sorocaba, 2007).

BURKE, Peter. *O Mundo como Teatro: Estudos de Antropologia Histórica*. Lisboa. DIFEL.1992.

BURKE, Peter. *Abertura: A Nova História, Seu Passado e Seu Futuro*. In: BURKE, P. (Org). *A Escrita da História: Novas Perspectivas*. São Paulo. Lisboa. Unesp.1992.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A Escola e a República*. São Paulo. Brasiliense, 1989.

CLASSIFICAÇÃO Brasileira de Ocupações. Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/busca.asp><consulta em 29 de março de 2008>

CONSOLIDAÇÃO das leis do trabalho.Quadro a que se refere o art. 577, 1º de maio de 1943.Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/Decreto-Lei/Del5452.htm><consulta em 29 de março de 2008>

CRUIKSHANK, Julie. *Tradição Oral e História Oral: revendo algumas questões*. In: FERREIRA, M.M. AMADO, J.(Org). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 1996.

FRUTUOSO, Maria Suzel Gil. *A Emigração Portuguesa e a sua Influência no Brasil: O Caso de Santos – 1850 a 1950*. (Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo-São Paulo, 1989)

GONÇALVES, Adelto. *Barcelona Brasileira*. Lisboa. Nova Arrancada, 1999.

GRANJO, Maria Helena Bittencourt. *A Modernidade em São Paulo: Região do ABC, Imigração, Escola e Vida Urbana*. In: PINTASSILGO, J.; FREITAS, M.C.; MOGARRO, M.J.; CARVALHO, M.M.C. (Org.). *História da Escola em Portugal e no Brasil: Circulação e Apropriação de Modelos Culturais*. Lisboa. Colibri, 2006.

GONÇALVES, Alcindo. *Lutas e Sonhos: Cultura Política e Hegemonia Progressista em Santos (1945-1962)*. São Paulo. UNESP, 1995.

JOUTARD, Philippe. *História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos*. In: FERREIRA, M.M. AMADO, J.(Org). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 1996.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. *Uma Cidade na Transição Santos: 1870-1913*. Santos. Hucitec/Prefeitura Municipal de Santos, 1996.

LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas. UNICAMP.1994.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho*. Bauru. EDUSC, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo. Loyola. 1996.

\_\_\_\_\_. *Augusto e Lea: um caso de (des) amor em tempos modernos*. São Paulo. CONTEXTO. 2006.

NÓVOA, António. *Para uma Análise das Instituições Escolares*. In: NÓVOA, A. (Org.). *As Organizações Escolares em Análise*. Lisboa. Nova Enciclopédia. 1995.

PEREIRA, Maria Aparecida Franco. *Santos nos Caminhos da Educação Popular*. São Paulo. Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *Mentalidade Liberal da Elite Paulista e Instituições de Ensino de Santos*. Revista Leopoldianum XVI, 46, 47-60. Santos. Leopoldianum-Loyola, (1989, agosto).

SILVA, Fernando Teixeira da. *A Carga e a Culpa: Os Operários das Docas de Santos: Direitos e Cultura de Solidariedade 1937-1968*. São Paulo-Santos. Hucitec/Prefeitura Municipal de Santos, 1995.

\_\_\_\_\_. *Operários sem Patrões: Os Trabalhadores da Cidade de Santos no Entreguerras*. Campinas. UNICAMP. 2003.

SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de Civilização: A Implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo (1890 – 1910)*. São Paulo. UNESP. 1998.

THOMSON, A., FRISCH, M., HAMILTON, P. *Os Debates sobre a Memória e História: Alguns Aspectos Internacionais*. In: FERREIRA, M.M., AMADO, J. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2002.

#### **DOCUMENTOS ESCOLARES:**

ATAS DE APROVAÇÃO ESCOLAR. E.E. Dr. Cesário Bastos. Santos, (1929-1950).

LIVROS DE MATRÍCULA. E.E. Dr. Cesário Bastos. Santos, (1929-1950).

#### **REPORTAGENS.**

Acervo Hemeroteca Municipal de Santos.

100 ANOS DE HISTÓRIA DE SANTOS. **Jornal da Orla**, Santos, 15 out. 2000.

AOS 90 ANOS, ESTA ESCOLA QUER UM PRESENTE. **D. O. Urgente**, Santos, 13 out. 1990.

CESÁRIO BASTOS CORRE O RISCO DE TER SALAS DE AULAS EXTINTAS. **A Tribuna**, Santos, 22 mai. 2002.

CESÁRIO BASTOS ENFRENTA PROCESSO DE DETERIORAÇÃO. **A Tribuna**, Santos, 11 nov. 1992.



CESÁRIO BASTOS FAZ 99 ANOS AMANHÃ. **A Tribuna**, Santos, 12 out. 1999.

EMOÇÃO MARCA CELEBRAÇÃO DOS 100 ANOS DO CESÁRIO BASTOS. **A Tribuna**, 14 out. 2000.

CESÁRIO BASTOS MOTIVA PARCERIA ESTADO-PREFEITURA. **A Tribuna**, 08 ago. 1995.

ESCOLA CESÁRIO BASTOS. **Boqueirão News**, 02 mar. 2002.

LEMBRANÇAS E EMOÇÃO MARCAM CENTENÁRIO. **Diário do Litoral**, 13 out. 2000.

O CESÁRIO BASTOS, COMEMORANDO SEUS 87 ANOS COM MUITA FESTA. **A Tribuna**, 22 out. 1987.

O NOSSO GRUPO ESCOLAR. **Nosso Jornal (Órgão do Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos)**, 15 out. 1952.

PRIMEIRO COLÉGIO PÚBLICO DE SANTOS COMEMORA CENTENÁRIO. **A Tribuna**, 13 out. 2000.

SALA RECEBERÁ COBERTURA PROVISÓRIA NO C. BASTOS. **A Tribuna**, 18 out. 1995.

SERRÃO, Rivaldo de Abreu. Grupo Escolar Dr. Cesário Bastos. Dossiê: História, Memória, e Fatos de 102 anos da Vida Escolar. Acervo Hemeroteca Municipal de Santos, Santos, 2002.

#### **SITES NA INTERNET**

<http://www.vivasantos.com.br/02/02a.htm><consulta em 02 de fevereiro de 2008>

<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0102n.htm><consulta em 10 de março de 2008>

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Saturnino\\_de\\_Brito](http://pt.wikipedia.org/wiki/Saturnino_de_Brito)<consulta em 04 de fevereiro de 2008>

<http://www.portogente.com.br/portopedia/texto.php?cod=364><consulta em 04 de fevereiro de 2008>

<http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=sl26><consulta em 24 de março de 2008>

<http://www.mtecbo.gov.br/busca.asp><consulta em 29 de março de 2008>

<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0235e.htm>< consulta em 02 de abril de 2008>

<http://www.novomilenio.inf.br/santos/lendasnm.htm>< consulta em 03 de abril de 2008>

<http://www.novomilenio.inf.br/santos/lendasnm.htm>< consulta em 05 de abril de 2008>

**ANEXOS**

**ANEXO – A**

Biografia Dr. Cesário Bastos



**José Cesário da Silva Bastos**  
**1849 – 1937**

Figura 16: Dr. José Cesário da Silva Bastos

O Dr. José Cesário da Silva Bastos nasceu em Santos, a 16 de setembro de 1849. Realizou seus primeiros estudos em Santos e seguiu para São Paulo, onde foi aluno do

santista Dr. Vitorino Brito. Depois ingressou na Faculdade de Direito, onde se formou em 1872.

Nomeado Promotor Público em Araraquara, largou o cargo para ingressar na corrente republicana, pois, segundo ele, "o órgão da Justiça não devia envolver-se em política de partido". Formou o Partido Republicano de Araraquara e o chefiou até a proclamação da República.

De volta a Santos, em 1891, foi eleito para o Conselho da Intendência e logo depois Deputado à Constituinte Paulista, onde integrou as Comissões da Fazenda e de Legislação, desta última resultando a importante Reforma Judiciária.

Em 1892, é eleito para a Câmara Santista, nela exercendo o cargo de Presidente. Nessa época, ele consegue a criação do primeiro Grupo Escolar de Santos, que recebeu seu nome. Também consegue a criação definitiva da Escola Barnabé, com a justa aplicação do legado Barnabé e de seu testamento, e ainda a criação do Grupo Escolar do Macuco.

Como administrador do Município, realizou diversas obras na cidade, destacando-se a construção das avenidas Dona Anna Costa e Conselheiro Nébias, além da construção do Mercado Municipal, que drenou e saneou a região da Vila Nova, e o Cemitério dos Ingleses (Paquetá).

Cesário Bastos foi chefe do Diretório Republicano de Santos durante muitos anos, criando-se daí a chamada "corrente cesarista", com destaque em muitos pleitos eleitorais. Em 1894, é eleito Senador Estadual e depois, novamente, em 1900, 1907 e 1922.

Faleceu em São Paulo, a 8 de outubro de 1937. (©2004-2006 VivaSantos)

**ANEXO – B**

**LISTAGEM: NATURALIDADE DAS ALUNAS E ALUNOS, NACIONALIDADE DOS PAIS DAS ALUNAS E ALUNOS, PROFISSÃO DOS PAIS DAS ALUNAS E ALUNOS DO GRUPO ESCOLAR DR. CESÁRIO BASTOS.**

**B1**

**1929 – 1º ANO – SEÇÃO FEMININA – NATURALIDADE DAS ALUNAS**

SANTOS: 152

SÃO PAULO:17

ESPANHA:5

PORTUGAL: 3

UBERABA:3

SÃO VICENTE: 2

BAHIA:2

RIO CLARO:2

PERNAMBUCO:3

CASA BRANCA :1

MINAS GERAIS:1

VILA BONFIM:1

GARANÉSIA:1

BOA VISTA:1

RIBEIRÃO PRETO:1

TAUBATÉ:1

CAMPINAS:1

JUNDIAÍ:1

IGUAPE:1

RIO DE JANEIRO:1

•ÁUSTRIA:1

SANTA BÁRBARA :1

JUQUIÁ:1

SÃO SEBASTIÃO:1

TABATINGA:1

BANANAL:1

SANTA RITA DO PASSA QUATRO:1

JUKEÍ:1

TOTAL:208

#### **1929 – 1º ANO – SEÇÃO FEMININA – NACIONALIDADE DOS PAIS DAS ALUNAS**

PORTUGUÊS:81

BRASILEIRO:79

ESPAÑHOL:35

ITALIANO:8

ISRAELITA:1

RUSSO:1

SÍRIO:1

AUSTRÍACO:1

JAPONÊS:1

TOTAL:208

#### **1929 – 1º ANO – SEÇÃO FEMININA – PROFISSÃO DOS PAIS DAS ALUNAS**

Para melhor entendimento das classificações, foram criadas legendas para se identificarem as categorias de trabalhadores:

Trabalhadores do setor de alimentos: G1, Trabalhadores do setor de vestuários: G2, Trabalhadores do setor da construção e mobiliário: G3, Trabalhadores do setor urbano: G4, Trabalhadores do setor extrativista: G5, Trabalhadores do setor gráfico: G6, Trabalhadores do setor de metalurgia, mecânica e elétrica: G7, Empregados do comércio: G8, Empregados autônomos do comércio: G9, Trabalhadores do comércio armazenador: G10, Empregados em turismo e hospitalidade: G11, Trabalhadores do setor de transportes marítimos e fluviais: G12, Estivadores: G13, Portuários: G14, Trabalhadores do setor ferroviário: G15, Trabalhadores do setor de transporte rodoviário: G16, Profissionais liberais: G17, Trabalhadores de escritório: G18, Trabalhadores do setor de joalheria e lapidação: G19.

#### PROFISSÃO/QUANTIDADE/CLASSIFICAÇÃO POR CATEGORIA DE TRABALHO

OPERÁRIO:63/G14

COMÉRCIO:26/G8

DOMÉSTICA:23/G1

EMPREGADO CIA. CITY:18/G4

NEGOCIANTE:12/G9

EMPREGADO PUBLICO:12/G4

CHOFER:6/G6

DESPACHANTE ADUANEIRO:4/G12

PINTOR:3/G3

LEITEIRO:3/G5

SAPATEIRO:3/G2

CARROCEIRO:2/G16

CARPINTEIRO:2/G3

COZINHEIRO:2/G1

EMPREGADO DA ALFÂNDEGA:2/G4

DESENHISTA:2/G6

TIPÓGRAFO:2/G6

JORNALEIRO:2/G14  
EMPREGADO DAS DOCAS:2/G14  
MOTORNEIRO:1/G16  
MECÂNICO:1/G7  
ALFAIATE:1/G2  
LINOTIPISTA:1/G6  
TINTUREIRO:1/G2  
CARREGADOR:1/G10  
COSTUREIRA:1/G2  
PEDREIRO:1/G3  
MOTORISTA:1/G16  
PROFESSOR:1/G17  
CAMBISTA:1/G9  
LAVRADOR:1/G5  
CATADORA DE CAFÉ:1/G10  
LAVADEIRA:1/G2  
ELETRICISTA:1/G7  
CONSTRUTOR:1/G3  
EMPREGADO DE ESCRITÓRIO:1/G18  
PROPRIETÁRIO:1/G3  
BARBEIRO:1/G11  
TOTAL:208

**B2**

**1933 – 1º ANO – SEÇÃO FEMININA – NATURALIDADE DAS ALUNAS**

SANTOS:309  
SÃO PAULO:18  
•PORTUGAL:13  
RIO DE JANEIRO:5



SÃO VICENTE:5

CEARÁ:3

PERNAMBUCO:2

•ESPANHA:2

ESPÍRITO SANTO DO PINHAL:2

JUKEÍ:2

•ALEMANHA:2

ITU:2

IGUAPE:1

MATÃO:1

•ROMÊNIA:1

SANTA CATARINA:1

BAHIA:1

MINAS GERAIS:1

RIBEIRÃO PRETO:1

MOGI DAS CRUZES:1

RIO CLARO:1

ALAGOAS:1

RIO PRETO:1

PIAUI:1

JUNDIAÍ:1

GOIÁS:1

UBERABA:1

SERGIPE:1

•POLÔNIA:1

ARARAQUARA:1

COTIA:1

CAMPINAS:1

TOTAL:385

**1933 – 1º ANO – SEÇÃO FEMININA – NACIONALIDADE DOS PAIS DAS ALUNAS**

PORTUGUÊS:144

BRASILEIRO:141

ESPAÑHOL:60

ITALIANO:18

SÍRIO:6

JAPONÊS:6

ALEMÃO:4

ARGENTINO:2

RUSSO:2

GREGO:1

POLONÊS:1

TOTAL:385

**1933 – 1º ANO – SEÇÃO FEMININA – PROFISSÃO DOS PAIS DAS ALUNAS**

Para melhor entendimento das classificações, foram criadas legendas para se identificar as categorias de trabalhadores:

Trabalhadores do setor de alimentos: G1, Trabalhadores do setor de vestuários: G2, Trabalhadores do setor da construção e mobiliário: G3, Trabalhadores do setor urbano: G4, Trabalhadores do setor extrativista: G5, Trabalhadores do setor gráfico: G6, Trabalhadores do setor de metalurgia, mecânica e elétrica: G7, Empregados do comércio: G8, Empregados autônomos do comércio: G9, Trabalhadores do comércio armazenador: G10, Empregados em turismo e hospitalidade: G11, Trabalhadores do setor de transportes marítimos e fluviais: G12, Estivadores: G13, Portuários: G14, Trabalhadores do setor ferroviário: G15, Trabalhadores do setor de transporte

rodoviário: G16, Profissionais liberais: G17, Trabalhadores de escritório: G18, Trabalhadores do setor de joalheria e lapidação: G19.

PROFISSÃO/QUANTIDADE/CLASSIFICAÇÃO POR CATEGORIA DE TRABALHO

OPERÁRIO:91/G14

COMÉRCIO:73/G8

DOMÉSTICA:45/G1

NEGOCIANTE:32/G9

EMPREGADO CIA. CITY:11/G4

EMPREGADO PÚBLICO:16/G4

PEDREIRO:10/G3

CHOFER:9/G6

ELETRICISTA:7/G7

EMPREGADO DAS DOCAS:7/G14

ENSACADOR:7/G10

MECÂNICO:6/G7

PINTOR:6/G3

LAVRADOR:4/G5

CARROCEIRO:4/G16

DENTISTA:3/G17

MINISTRO EVANGÉLICO:3/G17

ALFAIATE:3/G2

MOTORISTA:3/G16

CARPINTEIRO:3/G3

CARTEIRO:3/G4

BARBEIRO:2/G11

MARCENEIRO:2/G3

MAQUINISTA:2/G15

FUNCIÓNÁRIO DE BANCO:2/G18

PEIXEIRO:2/G5

EMPREGADO DA SANTA CASA:2/G11

ESTIVADOR:2/G13

GARÇOM:2/G11

SAPATEIRO:2/G2

HOTELEIRO:1/G11

SERRALHEIRO:1/G3

ENCADEIRADOR:1/G3

OPTICOCIENTÍFICO:1/G17

JARDINEIRO:1/G3

CORRETOR:1/G9

EMPREGADO DA RAILWAY:1/G15

FUNCIONÁRIO DA JUSTIÇA:1/G4

PROFESSOR:1/G17

ARTISTA:1/G17

CONTADOR:1/G18

IMPRESSOR:1/G6

DESPACHANTE:1/G12

PADEIRO:1/G1

LEITEIRO:1/G6

INDUSTRIAL:1/G7

MOTORNEIRO:1/G16

CONSTRUTOR:1/G3

ENFERMEIRO:1/G11

POLICIAL MARÍTIMO:1/G12

MARMORISTA:1/G3

TOTAL:385

**B3**

**1940 – 1º ANO – SEÇÃO FEMININA – NATURALIDADE DAS ALUNAS**

SANTOS:198  
SÃO VICENTE:13  
SÃO PAULO:14  
•POLÔNIA:4  
RIO DE JANEIRO:3  
MINAS GERAIS:2  
GUARUJÁ:1  
PIRACICABA:1  
RIBEIRÃO PIRES:1  
LINS:1  
ITAQUAQUECETUBA:1  
ALAGOAS:1  
CEARÁ:1  
ARAÇATUBA:1  
RIBEIRÃO PRETO:1  
ESPÍRITO SANTO DO PINHAL:1  
IGUAPE:1  
ITANHAÉM:1  
SÃO ROQUE:1  
PARANÁ:1  
JUQUIÁ:1  
TOTAL:249

**1940– 1º ANO – SEÇÃO FEMININA – NACIONALIDADE DOS PAIS DAS ALUNAS**

PORTUGUÊS:111  
BRASILEIRO:105  
ESPAÑHOL:19  
JAPONÊS:6

SÍRIO:3  
ITALIANO:2  
ARGENTINO:1  
ALEMÃO:1  
POLONÊS:1  
TOTAL:249

### **1940 – 1º ANO – SEÇÃO FEMININA – PROFISSÃO DOS PAIS DAS ALUNAS**

Para melhor entendimento das classificações, foram criadas legendas para se identificar as categorias de trabalhadores:

Trabalhadores do setor de alimentos: G1, Trabalhadores do setor de vestuários: G2, Trabalhadores do setor da construção e mobiliário: G3, Trabalhadores do setor urbano: G4, Trabalhadores do setor extrativista: G5, Trabalhadores do setor gráfico: G6, Trabalhadores do setor de metalurgia, mecânica e elétrica: G7, Empregados do comércio: G8, Empregados autônomos do comércio: G9, Trabalhadores do comércio armazenador: G10, Empregados em turismo e hospitalidade: G11, Trabalhadores do setor de transportes marítimos e fluviais: G12, Estivadores: G13, Portuários: G14, Trabalhadores do setor ferroviário: G15, Trabalhadores do setor de transporte rodoviário: G16, Profissionais liberais: G17, Trabalhadores de escritório: G18, Trabalhadores do setor de joalheria e lapidação: G19.

#### **PROFISSÃO/QUANTIDADE/CLASSIFICAÇÃO POR CATEGORIA DE TRABALHO**

EMPREGADO DO COMÉRCIO:47/G8

OPERÁRIO:40/G14

EMPREGADO DA CIA. CITY:19/G4

CHOFER: 15/G16

ENSACADOR:14/G10

NEGOCIANTE:12/G9  
FUNCIONÁRIO PÚBLICO:11/G4  
MOTORISTA:8/G16  
ESTIVADOR:9/G13  
AMBULANTE:5/G9  
CARPINTEIRO:5/G3  
BARBEIRO:5/G11  
ELETRICISTA:4/G7  
CARROCEIRO:4/G16  
PINTOR:4/G3  
MECÂNICO:4/G7  
PEDREIRO:4/G3  
COZINHEIRO:4/G1  
ALFAIATE:3/G2  
LAVRADOR:3/G5  
PASTOR EVANGÉLICO:3/G17  
SITIANTE:3/G5  
CONFERENTE:2/G12  
CONSTRUTOR:2/G3  
SAPATEIRO:2/G2  
GARÇOM:1/G11  
MARCENEIRO:1/G3  
ENCERADOR:1/G3  
FERREIRO:1/G7  
MAQUINISTA:1/G15  
JOALHEIRO:1/G19  
GRÁFICO:1/G6  
ESCRITURÁRIO:1/G18  
FISCAL:1/G4  
FUNDIDOR:1/G7  
EMPREGADO DA CIA. TELEFÔNICA:1/G4

117

AÇOUGUEIRO:1/G1

FUNILEIRO:1/G7

JARDINEIRO:1/G3

CONTADOR:1/G18

PADEIRO:1/G1

ENCANADOR:1/G3

TOTAL:249

#### **B4**

#### **1944 – 1º ANO – SEÇÃO FEMININA – NATURALIDADE DAS ALUNAS**

SANTOS:177

SÃO PAULO:11

DISTRITO FEDERAL:5

SÃO VICENTE:4

•PORTUGAL:3

SANTA CATARINA:2

ALAGOAS:2

BOTUCATU:1

CAMPINAS:1

ROCINHA:1

AVARÉ:1

RIO GRANDE DO SUL:1

LINS:1

RIO DE JANEIRO:1

MARÍLIA:1

TAUBATÉ:1

SÃO BERNARDO DO CAMPO:1

VILA BELA:1

UBATUBA:1



ITANHAÉM:1  
PERNAMBUCO:1  
MIRASSOL:1  
TOTAL:219

#### **1944– 1º ANO – SEÇÃO FEMININA – NACIONALIDADE DOS PAIS DAS ALUNAS**

BRASILEIRO:140  
PORTUGUÊS:56  
ESPAÑHOL:14  
ITALIANO:3  
SÍRIO:3  
RUSSO:1  
ALEMÃO:1  
ARGENTINO:1  
TOTAL:219

#### **1944 – 1º ANO – SEÇÃO FEMININA – PROFISSÃO DOS PAIS DAS ALUNAS**

Para melhor entendimento das classificações, foram criadas legendas para se identificar as categorias de trabalhadores:

Trabalhadores do setor de alimentos: G1, Trabalhadores do setor de vestuários: G2, Trabalhadores do setor da construção e mobiliário: G3, Trabalhadores do setor urbano: G4, Trabalhadores do setor extrativista: G5, Trabalhadores do setor gráfico: G6, Trabalhadores do setor de metalurgia, mecânica e elétrica: G7, Empregados do comércio: G8, Empregados autônomos do comércio: G9, Trabalhadores do comércio armazenador: G10, Empregados em turismo e hospitalidade: G11, Trabalhadores do

setor de transportes marítimos e fluviais: G12, Estivadores: G13, Portuários: G14, Trabalhadores do setor ferroviário: G15, Trabalhadores do setor de transporte rodoviário: G16, Profissionais liberais: G17, Trabalhadores de escritório: G18, Trabalhadores do setor de joalheria e lapidação: G19.

#### PROFISSÃO/QUANTIDADE/CLASSIFICAÇÃO POR CATEGORIA DE TRABALHO

COMÉRCIO:42/G8

OPERÁRIO:32/G14

EMPREGADO DA CIA. CITY:21/G4

MOTORISTA:20/G16

FUNCIÓNÁRIO PÚBLICO:13/G4

NEGOCIANTE:11/G9

ENSACADOR:9/G10

PEDREIRO:9/G3

ESTIVADOR:6/G13

EMPREGADO DA CIA. DOCAS:5/G14

PINTOR:5/G3

CARPINTEIRO:5/G3

ALFAIATE:4/G2

MECÂNICO:3/G7

FERROVIÁRIO:3/G15

MILITAR:3/G4

MARCENEIRO:2/G3

SAPATEIRO:2/G2

ZELADOR:2/G11

COZINHEIRO:2/G1

GRÁFICO:1/G6

GUARDA CIVIL:1/G4

EMPREGADO DE HOTEL:1/G11

CARROCEIRO:1/G16  
FUNILEIRO:1/G7  
PADEIRO:1/G1  
CONFERENTE:1/G12  
DESPACHANTE:1/G12  
VIAJANTE:1/G9  
CABELEIREIRO:1/G11  
BANCÁRIO:1/G18  
TINTUREIRO:1/G2  
EMPREGADO DA CIA. TELEFÔNICA:1/G4  
DESPACHANTE DE CAFÉ:1/G12  
BOMBEIRO:1/G4  
PESCADOR:1/G5  
APOSENTADO:1/G17  
AGRICULTOR:1/G5  
CONSTRUTOR:1/G3  
CORRETOR:1/G9  
TOTAL:219

**B5**

**1948 – 1º ANO – SEÇÃO FEMININA – NATURALIDADE DAS ALUNAS**

SANTOS:189  
SÃO VICENTE:6  
SÃO PAULO:10  
•PORTUGAL:5  
PIRASSUNUNGA:2  
IGUAPE:1  
TABATINGA:1  
JAÚ:1

ARARAQUARA:1  
GUARUJÁ:1  
OURINHOS:1  
PRESIDENTE PRUDENTE:1  
VILA BELA:1  
CATANDUVA:1  
BOTUCATU:1  
FRANCA:1  
AGUDOS:1  
SÃO SEBASTIÃO:1  
SÃO BERNARDO DO CAMPO:1  
SANTANA DO PARAÍBA:1  
BAHIA:1  
RIO GRANDE DO SUL:1  
MINAS GERAIS:1  
TABAPUAN:1  
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO:1  
PITANGUEIRAS:1  
PARANÁ:1  
TOTAL:234

**1948– 1º ANO – SEÇÃO FEMININA – NACIONALIDADE DOS PAIS DAS ALUNAS**

BRASILEIRO:151  
PORTUGUÊS:68  
ESPANHOL:10  
ARGENTINO:1  
ITALIANO:1  
POLONÊS:1

JAPONÊS:2

TOTAL:234

### **1948 – 1º ANO – SEÇÃO FEMININA – PROFISSÃO DOS PAIS DAS ALUNAS**

Para melhor entendimento das classificações, foram criadas legendas para se identificar as categorias de trabalhadores:

Trabalhadores do setor de alimentos: G1, Trabalhadores do setor de vestuários: G2, Trabalhadores do setor da construção e mobiliário: G3, Trabalhadores do setor urbano: G4, Trabalhadores do setor extrativista: G5, Trabalhadores do setor gráfico: G6, Trabalhadores do setor de metalurgia, mecânica e elétrica: G7, Empregados do comércio: G8, Empregados autônomos do comércio: G9, Trabalhadores do comércio armazenador: G10, Empregados em turismo e hospitalidade: G11, Trabalhadores do setor de transportes marítimos e fluviais: G12, Estivadores: G13, Portuários: G14, Trabalhadores do setor ferroviário: G15, Trabalhadores do setor de transporte rodoviário: G16, Profissionais liberais: G17, Trabalhadores de escritório: G18, Trabalhadores do setor de joalheria e lapidação: G19.

#### **PROFISSÃO/QUANTIDADE/CLASSIFICAÇÃO POR CATEGORIA DE TRABALHO**

OPERÁRIO:41/G14

COMÉRCIO:29/G8

MOTORISTA:25/G16

DOMÉSTICA:19/G1

NEGOCIANTE:9/G9

ESTIVADOR:7/G13

FUNCIONÁRIO PÚBLICO:6/G4

EMPREGADO DA CIA. DOCAS:6/G14

FERROVIÁRIO:6/G15

ENSACADOR:6/G10  
PORTUÁRIO:6/G14  
CONSTRUTOR:5/G3  
LAVRADOR:5/G5  
PINTOR:5/G3  
CARPINTEIRO:5/G3  
AJUDANTE DE MOTORISTA:4/G16  
ELETRICISTA:4/G7  
MECÂNICO:3/G7  
EMPREGADO DA CIA. CITY:3/G4  
ESCRITURÁRIO:3/G18  
ALFAIATE:3/G2  
SERRALHEIRO:2/G3  
FUNILEIRO:2/G7  
APOSENTADO:2/G17  
PEDREIRO:2/G3  
TAPECEIRO:2/G3  
FERREIRO:2/G7  
ENFERMEIRO:2/G11  
BARBEIRO:2/G11  
PESCADOR:2/G5  
MARÍTIMO:2/G12  
COZINHEIRO:1/G1  
MARCENEIRO:1/G3  
AÇOUGUEIRO:1/G1  
CONFERENTE:1/G12  
FUNCIONÁRIO DA CIA. TELEFÔNICA:1/G4  
CONTADOR:1/G18  
CARROCEIRO:1/G16  
GUARDA CIVIL:1/G4  
ZELADOR:1/G11

AUXILIAR DE ENFERMAGEM:1/G11

VENDEDOR:1/G8

FARMACÊUTICO:1/G9

MUSICO:1/G17

TOTAL:234

## **B6**

### **1950 – 1º ANO – SEÇÃO FEMININA – NATURALIDADE DAS ALUNAS**

SANTOS:140

SÃO PAULO:9

MINAS GERAIS:5

•PORTUGAL:4

ALAGOAS:3

SÃO VICENTE:3

RIO DE JANEIRO:3

TUPÃ:2

PARANÁ:2

•SÍRIA:1

ARARAQUARA:1

TABATINGA:1

ITANHAÉM:1

GUARUJÁ:1

BEBEDOURO:1

PRESIDENTE ALVES:1

MARANHÃO:1

TIRIRICA:1

ITAPECERICA:1

SÃO JOSÉ DO RIO PARDO:1

PEDRO DE TOLEDO:1

IGUAPE:1

ITU:1

SANTA CATARINA:1

PITANGUEIRAS:1

TOTAL:187

### **1950– 1º ANO – SEÇÃO FEMININA – NACIONALIDADE DOS PAIS DAS ALUNAS**

BRASILEIRO:131

PORTUGUÊS:38

ESPAÑHOL:9

ITALIANO:3

JAPONÊS:3

SÍRIO:1

LIBANÊS:1

POLONÊS:1

TOTAL:187

### **1950– 1º ANO – SEÇÃO FEMININA – PROFISSÃO DOS PAIS DAS ALUNAS**

Para melhor entendimento das classificações, foram criadas legendas para se identificar as categorias de trabalhadores:

Trabalhadores do setor de alimentos: G1, Trabalhadores do setor de vestuários: G2, Trabalhadores do setor da construção e mobiliário: G3, Trabalhadores do setor urbano: G4, Trabalhadores do setor extrativista: G5, Trabalhadores do setor gráfico: G6, Trabalhadores do setor de metalurgia, mecânica e elétrica: G7, Empregados do



comércio: G8, Empregados autônomos do comércio: G9, Trabalhadores do comércio armazenador: G10, Empregados em turismo e hospitalidade: G11, Trabalhadores do setor de transportes marítimos e fluviais: G12, Estivadores: G13, Portuários: G14, Trabalhadores do setor ferroviário: G15, Trabalhadores do setor de transporte rodoviário: G16, Profissionais liberais: G17, Trabalhadores de escritório: G18, Trabalhadores do setor de joalheria e lapidação: G19.

#### PROFISSÃO/QUANTIDADE/CLASSIFICAÇÃO POR CATEGORIA DE TRABALHO

OPERÁRIO:32/G14

COMÉRCIO:28/G8

MOTORISTA:19/G16

PORTUÁRIO:13/G14

DOMÉSTICA:11/G1

FUNCIONÁRIO PÚBLICO:9/G4

MECÂNICO:7/G7

ELETRICISTA:6/G7

ENSACADOR:5/G10

PEDREIRO:5/G3

LAVRADOR:5/G5

MARCENEIRO:4/G3

NEGOCIANTE:4/G9

MARÍTIMO:3/G12

PINTOR:3/G3

FUNILEIRO:2/G7

CARPINTEIRO:2/G3

APOSENTADO:2/G17

MILITAR:2/G4

COZINHEIRO:2/G1

FUNCIONÁRIO DA CIA. CITY:2/G4

BARBEIRO:2/G11

VIDRACEIRO:2/G3  
GUARDA CIVIL:2/G4  
FERROVIÁRIO:1/G15  
SITIANTE:1/G5  
GARÇOM:1/G11  
LADRILHEIRO:1/G3  
CARTEIRO:1/G4  
CONSTRUTOR:1/G3  
CONTADOR:1/G18  
JORNALISTAS:1/G14  
ESTIVADOR:1/G13  
AJUDANTE DE DESPACHANTE:1/G12  
MAQUINISTA:1/G15  
AMBULANTE:1/G9  
AGENTE DE POLÍCIA:1/G4  
JARDINEIRO:1/G3  
PEIXEIRO:1/G5  
SAPATEIRO:1/G2  
TOTAL:188

**B7**

**1939- 1º ANO – SEÇÃO MASCULINA – NATURALIDADE DOS ALUNOS**

SANTOS:98  
SÃO PAULO:5  
CAMPINAS:5  
•PORTUGAL:3  
PARANÁ:3  
IGUAPE:1

GUARUJÁ:1

•JAPÃO:1

MINAS GERAIS:1

ESPÍRITO SANTO:1

CUBATÃO:1

TOTAL:120

### **1939– 1º ANO – SEÇÃO MASCULINA – NACIONALIDADE DOS PAIS DOS ALUNOS**

BRASILEIRO:56

PORTUGUÊS:46

ESPAÑHOL:13

JAPONÊS:3

ITALIANO:2

TOTAL:120

### **1939– 1º ANO – SEÇÃO MASCULINA – PROFISSÃO DOS PAIS DOS ALUNOS**

Para melhor entendimento das classificações, foram criadas legendas para se identificar as categorias de trabalhadores:

Trabalhadores do setor de alimentos: G1, Trabalhadores do setor de vestuários: G2, Trabalhadores do setor da construção e mobiliário: G3, Trabalhadores do setor urbano: G4, Trabalhadores do setor extrativista: G5, Trabalhadores do setor gráfico: G6, Trabalhadores do setor de metalurgia, mecânica e elétrica: G7, Empregados do comércio: G8, Empregados autônomos do comércio: G9, Trabalhadores do comércio armazenador: G10, Empregados em turismo e hospitalidade: G11, Trabalhadores do setor de transportes marítimos e fluviais: G12, Estivadores: G13, Portuários: G14,

Trabalhadores do setor ferroviário: G15, Trabalhadores do setor de transporte rodoviário: G16, Profissionais liberais: G17, Trabalhadores de escritório: G18, Trabalhadores do setor de joalheria e lapidação: G19.

PROFISSÃO/QUANTIDADE/CLASSIFICAÇÃO POR CATEGORIA DE TRABALHO

COMERCIANTE:31/G8

OPERÁRIO:22/G14

ENSACADOR: 9/G10

CHOFER:7/G16

FUNCIONÁRIO PÚBLICO:6/G4

EMPREGADO DA CIA. CITY:6/G4

PEDREIRO:5/G3

CARROCEIRO:4/G16

ELETRICISTA:4/G7

LAVRADOR:3/G5

ALFAIATE:3/G2

FERROVIÁRIO:3/G15

MILITAR:2/G4

ENCANADOR:2/G3

EMPREGADO DA CIA. DOCAS:2/G14

BOMBEIRO:2/G4

GUARDA-NOTURNO:1/G4

BANCÁRIO:1/G18

MÚSICO:1/G17

PINTOR:1/G3

SAPATEIRO:1/G2

ADVOGADO:1/G17

AMBULANTE:1/G9

VIDRACEIRO:1/G3

SACRISTÃO:1/G17

TOTAL:120

**B8**

**1941- 1º ANO – SEÇÃO MASCULINA – NATURALIDADE DOS ALUNOS**

SANTOS:214

SÃO PAULO:13

•PORTUGAL:9

MINAS GERAIS:5

SÃO VICENTE:4

PARANÁ:3

SANTA CATARINA:3

CAMPINAS:3

BAHIA:2

CUBATÃO:2

IGUAPE:2

•JAPÃO:2

SERGIPE:2

FORMOSA:1

BIRIGUI:1

SANTO ANDRÉ:1

PORTO FERREIRA:1

TAQUARITINGA:1

PIRASSUNUNGA:1

•POLÔNIA:1

CASA BRANCA:1

ALAGOAS:1

CORUMBÁ:1

RIO DE JANEIRO:1

131

LINS:1

TOTAL:276

#### **1941– 1º ANO – SEÇÃO MASCULINA – NACIONALIDADE DOS PAIS DOS ALUNOS**

BRASILEIRO:154

PORTUGUÊS:86

ESPAÑHOL:16

JAPONÊS:10

ITALIANO:4

POLONÊS:2

PERUANO:1

ALEMÃO:1

SÍRIO:1

BOLIVIANO:1

TOTAL:276

#### **1941– 1º ANO – SEÇÃO MASCULINA – PROFISSÃO DOS PAIS DOS ALUNOS**

Para melhor entendimento das classificações, foram criadas legendas para se identificar as categorias de trabalhadores:

Trabalhadores do setor de alimentos: G1, Trabalhadores do setor de vestuários: G2, Trabalhadores do setor da construção e mobiliário: G3, Trabalhadores do setor urbano: G4, Trabalhadores do setor extrativista: G5, Trabalhadores do setor gráfico: G6, Trabalhadores do setor de metalurgia, mecânica e elétrica: G7, Empregados do comércio: G8, Empregados autônomos do comércio: G9, Trabalhadores do comércio armazenador: G10, Empregados em turismo e hospitalidade: G11, Trabalhadores do

setor de transportes marítimos e fluviais: G12, Estivadores: G13, Portuários: G14, Trabalhadores do setor ferroviário: G15, Trabalhadores do setor de transporte rodoviário: G16, Profissionais liberais: G17, Trabalhadores de escritório: G18, Trabalhadores do setor de joalheria e lapidação: G19.

#### PROFISSÃO/QUANTIDADE/CLASSIFICAÇÃO POR CATEGORIA DE TRABALHO

COMÉRCIO:66/G8

OPERÁRIO:47/G14

PEDREIRO:22/G3

CHOFER:21/G16

MECÂNICO:9/G7

MOTORISTA:9/G16

ENSACADOR:8/G10

FUNCIONÁRIO PÚBLICO:8/G4

CARROCEIRO:8/G16

NEGOCIANTE:7/G9

EMPREGADO DA CIA. CITY:7/G4

LAVRADORA:7/G5

FERROVIÁRIO:6/G15

DOMÉSTICA:5/G1

EMPREGADO DA CIA. DOCAS:4/G14

BARBEIRO:4/G11

ELETRICISTA:3/G7

GUARDA PORTUÁRIO:2/G12

MARÍTIMO:2/G12

PINTOR:2/G3

ESTIVADOR:2/G13

SAPATEIRO:2/G2

PORTUÁRIO:2/G14

PADEIRO:2/G1

AMBULANTE:2/G9  
CARPINTEIRO:2/G3  
ESCRITURÁRIO:2/G18  
COZINHEIRO:1/G1  
GUARDA CIVIL:1/G4  
BOMBEIRO:1/G4  
ENFERMEIRO:1/G11  
PEIXEIRO:1/G5  
GUARDA-LIVROS:1/G18  
FOTÓGRAFO:1/G6  
CONFERENTE:1/G12  
MOTORNEIRO:1/G16  
GARÇOM:1/G11  
ALFAIATE:1/G2  
MÚSICO:1/G17  
MILITAR:1/G4  
TINTUREIRO:1/G2  
ENCERADOR:1/G3  
TOTAL:276

**B9**

**1946– 1º ANO – SEÇÃO MASCULINA – NATURALIDADE DOS ALUNOS**

SANTOS:175  
SÃO PAULO:18  
SÃO VICENTE:4  
•PORTUGAL:5  
MARÍLIA:3  
SANTA CATARINA:2



ITU:1  
PERNAMBUCO:1  
VILA BELA:1  
MOGI DAS CRUZES:1  
SÃO SEBASTIÃO:1  
CARAGUATATUBA:1  
JUNDIAÍ:1  
RIO CLARO:1  
UBATUBA:1  
BIRIGUI:1  
FRANCA: 1  
AVARÉ:1  
TAMBAÚ:1  
TOTAL:220

**1946– 1º ANO – SEÇÃO MASCULINA – NACIONALIDADE DOS PAIS DOS ALUNOS**

BRASILEIRO:120  
PORTUGUÊS:80  
ESPANHOL:13  
SÍRIO:2  
ARGENTINO:2  
ITALIANO:1  
POLONÊS:1  
ALEMÃO:1  
TOTAL:220

**1946– 1º ANO – SEÇÃO MASCULINA – PROFISSÃO DOS PAIS DOS ALUNOS**

Para melhor entendimento das classificações, foram criadas legendas para se identificar as categorias de trabalhadores:

Trabalhadores do setor de alimentos: G1, Trabalhadores do setor de vestuários: G2, Trabalhadores do setor da construção e mobiliário: G3, Trabalhadores do setor urbano: G4, Trabalhadores do setor extrativista: G5, Trabalhadores do setor gráfico: G6, Trabalhadores do setor de metalurgia, mecânica e elétrica: G7, Empregados do comércio: G8, Empregados autônomos do comércio: G9, Trabalhadores do comércio armazenador: G10, Empregados em turismo e hospitalidade: G11, Trabalhadores do setor de transportes marítimos e fluviais: G12, Estivadores: G13, Portuários: G14, Trabalhadores do setor ferroviário: G15, Trabalhadores do setor de transporte rodoviário: G16, Profissionais liberais: G17, Trabalhadores de escritório: G18, Trabalhadores do setor de joalheria e lapidação: G19.

#### PROFISSÃO/QUANTIDADE/CLASSIFICAÇÃO POR CATEGORIA DE TRABALHO

COMÉRCIO:55/G8

OPERÁRIO:38/G14

MOTORISTA:24/G16

PEDREIRO:22/G3

EMPREGADO DA CIA. DOCAS:9/G14

EMPREGADO DA CIA. CITY:7/G4

MECÂNICO:7/G7

FUNCIÓNÁRIO PÚBLICO:6/G4

CARPINTEIRO:6/G3

FERROVIÁRIO:5/G15

ESTIVADOR:4/G13

PINTOR:4/G3

PORTUÁRIO:4/G14

DOMÉSTICA:4/G1

MARÍTIMO:3/G12  
ELETRICISTA:3/G7  
JARDINEIRO:3/3  
ENFERMEIRO:2/G11  
DESPACHANTE:2/G12  
MARMORISTA:1/G3  
BANCÁRIO:1/G18  
BARBEIRO:1/G11  
BOMBEIRO:1/G4  
CARROCEIRO:1/G16  
CORRETOR:1/G9  
MILITAR:1/G4  
ALFAIATE:1/G2  
TINTUREIRO:1/G2  
VIDRACEIRO:1/G3  
CARTEIRO:1/G4  
SAPATEIRO:1/G2  
TOTAL:220

**B10**

**1950– 1º ANO – SEÇÃO MASCULINA – NATURALIDADE DOS ALUNOS**

SANTOS:197  
SÃO PAULO:10  
RIO DE JANEIRO:4  
PARANÁ:3  
MINAS GERAIS:2  
UBATUBA:2  
SÃO SEBASTIÃO:2

RIO CLARO:2  
•PORTUGAL:2  
PARAÍBA:2  
BATATAIS:1  
SANTO ANDRÉ:1  
IGUAPE:1  
CEARÁ:1  
ANA DIAS:1  
ARAÇATUBA:1  
SANTA CATARINA:1  
BAHIA:1  
SERGIPE:1  
BARIRI:1  
TOTAL:236

**1950– 1º ANO – SEÇÃO MASCULINA – NACIONALIDADE DOS PAIS DOS ALUNOS**

BRASILEIRO:162  
PORTUGUÊS:57  
ESPANHOL:8  
JAPONÊS:3  
SÍRIO:3  
ITALIANO:1  
ARGENTINO:1  
FRANCÊS:1  
TOTAL:236

**1950– 1º ANO – SEÇÃO MASCULINA – PROFISSÃO DOS PAIS DOS ALUNOS**

Para melhor entendimento das classificações, foram criadas legendas para se identificar as categorias de trabalhadores:

Trabalhadores do setor de alimentos: G1, Trabalhadores do setor de vestuários: G2, Trabalhadores do setor da construção e mobiliário: G3, Trabalhadores do setor urbano: G4, Trabalhadores do setor extrativista: G5, Trabalhadores do setor gráfico: G6, Trabalhadores do setor de metalurgia, mecânica e elétrica: G7, Empregados do comércio: G8, Empregados autônomos do comércio: G9, Trabalhadores do comércio armazenador: G10, Empregados em turismo e hospitalidade: G11, Trabalhadores do setor de transportes marítimos e fluviais: G12, Estivadores: G13, Portuários: G14, Trabalhadores do setor ferroviário: G15, Trabalhadores do setor de transporte rodoviário: G16, Profissionais liberais: G17, Trabalhadores de escritório: G18, Trabalhadores do setor de joalheria e lapidação: G19.

#### PROFISSÃO/QUANTIDADE/CLASSIFICAÇÃO POR CATEGORIA DE TRABALHO

COMÉRCIO:43/G8

OPERÁRIO:40/G14

MOTORISTA:27/G16

PORTUÁRIO:30/G14

ESTIVADOR:24/G13

PEDREIRO:9/G3

PINTOR:8/G3

FUNCIONÁRIO PÚBLICO:7/G4

MECÂNICO:7/G7

EMPREGADO DA CIA. CITY:5/G4

CARPINTEIRO:4/G3

MARCENEIRO:3/G3

FERROVIÁRIO:3/G15

ENFERMEIRO:2/G11

MARÍTIMO:2/G12  
DOMÉSTICA:2/G1  
ENSACADOR:2/G10  
AGRICULTORA:2/G5  
ALFAIATE:2/G2  
ELETRICISTA:2/G7  
COZINHEIRO:2/G1  
PADEIRO:1/G1  
CARROCEIRO:1/G16  
JARDINEIRO:1/G3  
CABELEIREIRO:1/G11  
FERREIRO:1/G7  
CORRETOR:1/G9  
INDUSTRIAL:1/G3  
BANCÁRIO:1/G18  
SAPATEIRO:1/G2  
ZELADOR:1/G11  
TOTAL:236

**ANEXO – C**  
**ENTREVISTAS**

**C1**

**Transcrição da entrevista com Wiles Barbosa**

Ano de nascimento: 1944

- Eu entrei com 11 para 12 anos, porque eu morava no Vale do Ribeira, e vim pra cá com essa idade, e a minha vida em si era bem simples, morava perto da escola... uns 10 minutos a pé, entrava às 2 horas da tarde, se não chegasse naquele horário os portões já estavam fechados, não entrava, e, quando eu voltava, minha mãe me fazia estudar como se eu estivesse na escola.

A escola em si, por exemplo, não tinha atividade física nenhuma, tinha o recreio, o galpão lá, que a gente ficava ali, aí quando dava aquele horário, o pessoal entrava em forma, fazia uma fila, cada um ia para as suas classes.

- E eram turmas diferenciadas, uma ala de meninas, outra de meninos ou era uma sala mista?

- Mista não era, na época os meninos eram numa faixa de 30 a 40 alunos , então só entrava em fila, sentava, antes de ir pra sala de aula, a gente canta... cantava o Hino Nacional.

- Isso todo dia?

- Todo dia, porque inclusive até nos cadernos já vinha a letra do Hino, então a gente cantava e depois ia pra sala de aula.

- Você disse que os alunos, os meninos eram em média de 30 a 40 alunos, isso em sala de aula ou em média 30 a 40 alunos na escola?

- Isso na sala de aula. Eu não sei precisar o quanto... mas eu acho que tinha uma faixa de 300 alunos por aí. Porque acho que eram 2 andares, se não me engano.

Então eram vários... tinha o primeiro, o segundo, até o quarto ano.

- E a ala das meninas era diferenciada por andar, por exemplo meninas no primeiro andar, meninos no térreo?

- Eu não lembro, mas acho que era diferenciado, sim. Porque a gente... eu estudava à tarde e acho que as meninas eram de manhã. Mas não era misturado.

O nosso uniforme, os meninos usavam uma calça curta, hoje seria bermuda, azul e uma camisa branca, não era camiseta, era camisa branca, era o que usava. E no bolso vinha a marca, por exemplo, se tava no 1º, no 2º ano...

- Vinha discriminada a série, no próprio uniforme?

- No próprio uniforme.

- E me diga como era a relação com os seus colegas de classe, eles eram seus amigos fora da escola, ou somente dentro da escola, como era o seu dia-a-dia com os seus colegas?

- Fora também...no caso alguns moravam um perto do outro... a gente jogava futebol juntos (a pelada, né, que eles falam), às vezes, jogava na rua, coisa que hoje em dia quase não tem. A gente se dava bem... tanto dentro da sala de aula como fora, todos éramos amigos.

- Em geral eles eram seus vizinhos, ou moravam perto da sua casa?



- Moravam perto.

- Como era o seu relacionamento com eles dentro da escola, na sala de aula? Era bagunça, ou vocês tinham um certo receio de conversar em sala de aula? Como era?

- Não, bagunça não era... receio a gente não tinha... a gente tinha era respeito. Porque a professora começava a escrever, a gente prestava atenção. Tinha, às vezes, uma ou outra brincadeira, mas era coisa leve.

E, por exemplo, se a gente quisesse ir ao banheiro, ou outra coisa, a gente tinha que levantar a mão e explicar o que era, aí ela deixava...isso era normal em todas as salas de aula.

Se chegasse a diretora ou outra professora, todo mundo se levantava por questão de respeito. E quando fosse pra sair, quando terminava o horário, a classe saía em fila, era fila de dois, saía e ia embora, não tinha esse negócio de sair de qualquer jeito... bagunçando não.

- Como era a relação sua com os seus pais a respeito da escola, das responsabilidades. Seus pais o forçavam a estudar, ou não tomavam conhecimento da sua vida escolar. Como era nesse sentido?

- No meu caso era mais a minha mãe, porque o meu pai trabalhava no Vale do Ribeira, ele era funcionário do estado, então viemos para cá, e ele ficou lá, ele trabalhava e vinha de 15 em 15 dias. Enquanto a minha mãe era viva, ela que assumia.

Eu tinha que ir todo dia pra escola. E a gente quando é criança é um pouco arteiro né?! Então, às vezes, eu gostava de jogar futebol, às vezes, eu esquecia do horário e se eu chegasse atrasado na escola, ai de mim! Ela ia me puxando pela orelha, e se o portão estivesse fechado, eu não tinha a moleza de ficar pra rua não...

Ela me fazia ficar estudando e mandava minha irmã fazer umas cópias lá, pra mim ficar escrevendo. Às vezes, eu preferia mil vezes ir pra escola do que chegar atrasado e ficar em casa, porque, às vezes, ultrapassava até aquele horário que eu ficava na escola. Aí eu perdia a tarde e o dia, né! Porque não podia sair!

E os boletins vinham e ela mandava minha irmã verificar quais eram as notas que eu tinha, porque antigamente era dividido: tinha o A,B, C; então, eu ficava sempre no intermediário no C que eu era meio devagar.

- E havia uma participação como reunião de pais, a sua mãe alguma vez foi chamada na escola por causa de alguma travessura sua? Havia festas na escola em que os pais participassem?

- Que eu me lembre não.

Se o aluno fizesse alguma coisa errada, eles mandavam um aviso, pedindo o comparecimento, isso era avisado, né! Se tivesse nota baixa, era avisado para os pais tomarem providência. Uma outra coisa que era interessante na época: ai da gente que fosse reclamar da professora... que a gente apanhava duas vezes. A professora não era de bater, mas se chamasse a atenção e a gente fosse reclamar era a pior viagem. Então mesmo que a gente levasse uma bronquinha, a gente ficava quieto, era melhor não falar nada.

- E havia agressão por parte dos professores? Eles batiam nos alunos?

- Não, não... eu apanhava da minha mãe mesmo, mas os professores não batiam, nem aluno era de responder mal para os professores. Hoje eu vejo que é completamente diferente.

A pessoa tinha um respeito, na minha época, pela professora... A professora, vamos dizer, era superimportante, sabe! A gente procurava agradar as professoras...

tinha alunos que levavam até uma fruta... os puxa saco, né! Uma fruta um presentinho. Eu nunca fui muito de levar.

Inclusive uma das professoras foi amiga da minha mãe, porque na juventude dela, ela foi dar aula lá no Vale do Ribeira, quando nós éramos pequenos, e ela ficou na minha casa, e justamente depois eu vim encontrar ela aqui em Santos, e ela foi minha professora.

E eu me lembro do nome de todas elas.

- Você lembra o nome das suas professoras? Alguma que marcou muito você?

- Todas elas me marcaram... Eu não lembro o sobrenome... do primeiro ano foi a Dna. Amélia; do segundo ano, a Dna. Benedita; do terceiro ano, a Dna. Rute e do quarto ano, a Dna Dinorah, e a diretora era Luiza, eram duas diretoras... e o que eu achava interessante também, tinham aquelas que chamavam de substitutas, então elas iam lá e ficavam ajudando a professora ou tomando nota, vendo os cadernos. Quando, às vezes, a titular não podia ir, ela fazia a vez da professora.

- E elas ficavam com vocês todo dia, a professora titular e a professora substituta?

- Aí eu não me lembro, mas volta e meia elas estavam lá.

- E como era a situação na hora do recreio? Vocês tinham liberdade para brincar?

- O recreio como você fala... não tinha aquele intervalo, era direto. A gente chegava cedo e ficava estudando. E era, por exemplo, uma professora só que dava as matérias todas. No ginásio é diferente, mas no caso do primário era uma única professora.

- Então vocês não tinham um intervalo, por exemplo: entravam às 14 horas e as 15 horas desciam para comer alguma coisa, ir ao banheiro, brincar? Era direto, horário corrido?

- Era corrido. Se você quisesse ir ao banheiro, levantava a mão, pedia à professora, ia lá e voltava, não era de bagunçar e ficar o tempo que quisesse.

- Então não havia merenda na escola?

- Não havia merenda, não havia nada. Quem quisesse levar o lanchinho de casa podia levar, mas não tinha isso de ficar em recreio.

- E como faziam? Comiam na sala de aula, ou saiam para comer no pátio?

- Por exemplo: levava assim um lanchinho, uma bolachinha e comia ali mesmo. Porque a gente entrava às 8 horas e quando eram umas 11 horas 11h30, a gente tava saindo, e ia almoçar cada um nas suas casas.

- E quando você estudava à tarde você entrava às 14?

- Entrava às 14 horas e ia até às 17 , 17h30.

- Era um horário reduzido de aula, mas não havia pausa?

- Não havia pausa... era aula direto.

- E como era o seu dia-a-dia em casa, você falou que gostava de jogar bola e que geralmente era com seus amigos de escola. Vocês costumavam passear pela cidade, ou ficava somente nas proximidades das suas casas?

- Não. Passear não era de passear não. A gente ia mais assim pra jogar bola e ficava sempre nas proximidades, não era de sair assim não. A vida era mais ou menos assim.

- Você estudou lá na década de 50, não é isso?

- Isso! Na década de 50.

- E naquela época você sentia uma cobrança mais rígida dos professores, dos pais dos alunos em relação ao rendimento escolar. Como era? Havia uma colaboração entre professores e pais de alunos para que o aluno estudasse?

Você disse que em relação a você sim, mas e em relação aos seus amigos, colegas de escola, também era da mesma forma? Havia a mesma cobrança que havia para você?

- Aí já é mais questão de educação de como os filhos eram criados... Não havia reunião de pais. Quando havia necessidade, chamavam os pais, mas até porque a educação daquela época era diferente da de hoje. Pouca gente tinha televisão, meio de comunicação, as televisões eram todas em preto e branco, poucas pessoas tinham. Até pela situação do país, havia aquele respeito, não havia a violência que há hoje, o mundo daquela época era diferente do de hoje.

- Então, não havia necessidade de reunião de pais, porque se acontecesse alguma coisa o pai era chamado à escola?

- E ele ia! Se chamasse, ele ia! Havia uma certa rigidez da educação.

Havia um costume do pessoal à noite, por exemplo onde eu morava na Vila Mathias, quando era época de calor, o pessoal se reunia pra conversar, pra bater papo.

Hoje em dia, não há condições pra isso. Então, os vizinhos se reuniam pra conversar... falar sobre o dia-a-dia.

- Você morou na Vila Mathias, não é?

- É!

- O que eu percebi nas minhas pesquisas é que grande parte dos alunos eram descendentes de imigrantes, em maioria portugueses. Você tinha muitos colegas descendentes de portugueses? Filhos, netos? Seus vizinhos da Vila Mathias?

- Era uma mistura.

- Por que a cidade de Santos realmente foi colonizada em grande parte por imigrante por causa do porto, e em princípio por portugueses, espanhóis e italianos. Você notou essa concentração de pessoas no bairro em que você morava? Ou na própria escola?

- Na rua que eu morava tinha português e tinha espanhol, logicamente que havia assim uma diferença, o jeito deles, o costume. Você ia numa festa lá era aquela fatura.

- E havia alguma diferença com seus colegas que eram descendentes de imigrantes, eles se relacionavam bem com brasileiros natos, ou você acha que havia certa dificuldade de relacionamento?

- Se havia alguma diferença, eu não percebi, porque a gente como colega, como criança a gente se dava muito bem. Então, não havia. Quando eu cismava, eu ia na casa deles, eles vinham na minha, não tinha problema nenhum.

- Vocês freqüentavam as casas uns dos outros?

- Freqüentávamos, sim. Freqüentava, jogava bola, a coisa que une o brasileiro é jogar futebol, né! Às vezes, saía com os colegas, mas não pra ir pra longe, sempre perto de casa.

- Então, era uma situação um tanto quanto reclusa? Você vivia ali naquele bairro?

- O nosso mundo era ali naquele bairro.

Então, não era, por exemplo, de você ir até Cubatão, Praia Grande.

- Foi uma infância gostosa, saudável?

- Em questão de amizade, foi boa. Logicamente que a minha situação era diferente, porque eu perdi minha mãe cedo, depois com 14 anos já comecei a trabalhar.

E a casa onde eu morava era um porão, então, quando chovia, a gente enfiava o pé dentro da água, não era fácil, mas foi gostosa, porque não havia aquela malícia que há hoje, a gente era amigo, havia alguns que estavam em melhor situação, mas não havia esse preconceito “ há porque fulano é pobre”, não tinha isso.

- E você ainda tem contato com alguns amigos seus daquela época, amigos de escola, círculo de amizade?

- De vez em quando, eu encontro com alguns. Tem um que é o Luís ele é advogado; às vezes, eu encontro com ele, a gente bate um papo; tem outro: o Prado, que ele trabalhou na CODESP, no caso, ele já esta aposentado, às vezes, a gente se encontra, então, tem alguns que, às vezes, calha da gente se encontrar.

- E com relação a ser cidadão santista, o que você percebe quanto a seus amigos e a você, todos se encaixaram, ou tiveram algum problema na adaptação no mundo adulto?

- Todos que eu tive contato, todos trabalham, muitos já se aposentaram, constituíram família, inclusive o que é estivador, o genro dele trabalhou comigo na CODESP, todos eles têm uma vida normal, não digo que estejam milionários, mas têm uma vida boa, muitos são estivadores, porque aqui tudo é ligado ao cais. Um ou outro que teve um estudo mais acima.

- Se fosse para você falar da sua escola, da sua época na escola, o que vem a mente? O que você gostaria de falar daquela época, são boas ou más recordações?

- Eu só tive boas recordações, porque naquela época, as professoras, por exemplo, elas se interessavam pelo aluno, havia um respeito pela gente e da gente, então, era gostoso, sabe. Dentro da sala de aula, havia uma amizade, sabe. Tanto que depois que a gente terminou, nós nos encontrávamos e era como se fôssemos irmãos,

até hoje quando nos encontramos: “Há quanto tempo... Como é que você está? Como vai a sua vida?” A gente tem aquele papo gostoso, não houve briga, não houve inimizade, a gente brincava tirava o sarro, mas ter ódio não.

- E nunca vi alguém faltar com respeito à professora, ou dizer que a professora não presta. Todo mundo achava que a professora era legal, bacana.

Eu até me recordo de um caso que fomos tirar uma foto, e um dos rapazes não tinha dinheiro pra pagar a fotografia, a própria professora tirou do bolso dela e fez questão de pagar pra ele, para ele poder guardar como recordação, como eu tenho também. Então, eu achei muito bacana, uma coisa simples assim... As professoras aconselhavam a gente a estudar, a ter pensamento positivo.

- Sempre incentivando vocês?

- Sempre.

O estudo talvez fosse um pouco mais puxado, antigamente a gente sabia, por exemplo, nome de linhas férreas, rios, capitais. Hoje se você perguntar pra determinado aluno qual a capital do Paraguai, ele não sabe, diz que não estudou, a gente sabia aquilo de cor e salteado, era uma cobrança maior. Em geografia você tinha que caprichar na letra, tinha o caderno, não podia escrever garrancho de qualquer jeito, tinha uma cobrança.

Tanto da parte de você ser mais patriota, cantar o Hino Nacional, você conhecer o seu Presidente da República, a parte de civismo, então, tinha essa cobrança, por exemplo, respeito à Bandeira, dia 19, ter um sentido como cidadão.

- Vocês participavam de comemorações nessas datas cívicas?



- Participava, fazia-se poesia, tinham aqueles que eram escolhidos pra falar lá, principalmente dia 7 de Setembro, então, era um negócio gostoso, sabe. Hoje em dia não sei se fazem isso.

Quando eu fui servir o exército, aquele respeito que a gente devia ter pelo Hino Nacional, eu já aprendi na escola, cantar o Hino Nacional e pôr a mão no coração, esse negócio todo, e ficar em silêncio, ter o maior respeito.

Coisa que hoje em dia eu vi um jogo de futebol e os caras pulando e gritando, antigamente não se fazia isso, quem sabia cantar cantava, quem não sabia ficava quieto, ficava em posição correta.

- E esse foi um costume adquirido na escola?

- Na escola e depois quando eu cheguei no exército eu já estava sabendo.

- Então, a escola contribui para você se tornar um cidadão consciente?

- Pra todo mundo né! Se você encontrar com todo mundo que estudou na minha época, que tem a minha idade, você vê que eles pensam diferente, antigamente a gente tinha um respeito com os nossos Mestres; o professor, a gente chamava de Mestre.

Pra você sair, se levantar, ir a algum lugar, fazer qualquer coisa, você pedia licença. Se o professor falasse não, você não saía.

- E mesmo com essa rigidez você tem recordações boas?

- Até porque pela educação que a gente teve em casa, a professora era como se fosse uma segunda mãe. Não é como hoje que a família larga e acha que o professor é que tem que fazer, a gente já saía, sabendo que tinha que respeitar o professor, não só o professor, mas como todas as pessoas mais velhas, e na escola a gente aprendia isso também. Era uma coisa que não era imposta, mas você tomava consciência, você

não tinha medo do professor, você tinha respeito, e o professor também respeitava o aluno porque sabia que era respeitado por ele.

## C2

### **Transcrição da entrevista com Rivaldo de Abreu Serrão**

Ano de nascimento: 1937

- Meu nome é Rivaldo de Abreu Serrão, tenho origem em uma família de operários, meu pai Agnaldo de Abreu Serrão é filho de portugueses, trabalhador portuário, minha mãe era gaúcha, Ondina Cardoso Serrão, e veio do Rio Grande do Sul morar em Santo André; meu pai que jogava futebol, foi em Santo André jogar bola e conheceu a minha mãe no campo de futebol, namoraram, noivaram e casaram. Mas casaram-se somente no religioso, no civil nunca, porque antigamente as pessoas casavam-se somente no religioso.

Eu nasci em 1937, na Rua Lucas Fortunato, número onze, depois fomos morar no Marapé, na Rua Saturnino de Brito, 248.

Eu fui estudar no primeiro colégio, o Olavo Bilac, aí fiz o primeiro e o segundo ano no Olavo Bilac, meu irmão que era um ano mais velho, também estudava no Olavo Bilac, mas ele por uma carga d'água de briga com outro aluno foi expulso. Quando ele foi expulso, meu pai o colocou no Cesário Bastos, minha mãe, por sua vez, achou que eu deveria estudar junto com ele para irmos juntos. Naquela época, nós íamos para o Cesário Bastos de bonde, nós morávamos na Saturnino de Brito, esquina da Carlos

Gomes, então o bonde que levava a gente para o colégio era o trinta e sete, e tinha o reboque que era um preço mais barato que o bonde, então, a gente pegava o reboque.

Minha mãe gostava que fôssemos juntos pois um cuidava do outro, então eu passei a estudar no colégio Cesário Bastos em 1946 para 47, eu entrei lá no segundo ano primário.

- O senhor lembra que idade tinha?

- Eu devo ter entrado no colégio de oito para nove anos de idade, tanto que a minha mãe faleceu em agosto de 1948, nessa mesma casa que morávamos, com a doença tuberculose e na época não havia tratamento quase. Então, com nove anos foi o ano de 1948, foi o último ano que eu estudei lá no colégio, saí no último ano de lá, passando para o quarto ao primário e, por necessidade, fui terminar o quarto ano primário no Liceu São Paulo, na Rua Brás Cubas, perto da Campos Sales, eu terminei o curso à noite porque trabalhava de dia na padaria do meu avô, eu e meu irmão mais velho.

Mas o período que eu estudei no Cesário Bastos foi um período muito bom, porque a minha média sempre foi boa.

A relação de amizade que eu tinha com todos era muito boa, tanto que muitos colegas que conheci na época, nos vemos de vez em quando. Mas o colégio foi um período muito bom, que foi o período da prefeitura, da municipalidade, houve uma eleição de prefeitos; a câmara de vereadores motivou os alunos a estudarem mais, o comportamento era bom.

Os alunos tinham educação cívica, tinha centro de cultura, os alunos contribuía para os mais necessitados terem lanche e almoço. Montamos uma cozinha, compramos um fogão, colocamos uma funcionária do colégio para cozinhar para os

alunos que vinham da Nova Cintra, do campo do Marapé, que não tinha como fazer a refeição em casa, porque no Cesário Bastos tinha três períodos, tinha o período da manhã, que ia até as onze, tinha o período das onze, que ia até as duas, e depois tinha o período das duas, que ia até as cinco e meia, seis horas. Era das oito às onze que eram três horas, depois das onze às duas que eram mais três horas, depois das duas às cinco que eram mais três horas.

Então, aquele pessoal que era do período das onze era carente de uma boa alimentação, então eles vinham para o colégio almoçar. E no período da manhã havia lanche, leite, banana e pão. Depois os alunos da tarde também tinham um lanche no recreio, banana, pão e leite.

- Esses alimentos eram doados pelo governo do estado?

- Os alimentos, leite, banana e pão eram doados pelo governo do estado e, muitas vezes, a prefeitura contribuía com as escolas. Mas a parte da refeição, a cozinha, era feita pelos alunos, nós fizemos um fundo escolar, a gente passava a lista dentro das famílias, arrecadávamos dinheiro que ia para uma caixa escolar; com essa caixa escolar, comprávamos mantimentos, e a cozinheira cuidava da cozinha e da alimentação, ela fazia o almoço e dava para as crianças em pratos metálicos, elas comiam lá fora, depois devolviam os pratos e a cozinheira lavava.

- Era disponibilizado a todos os alunos que quisessem almoçar?

- Os alunos que quisessem, havia almoço para todos, mas a gente dava preferência aos que eram carentes. Havia um grupo de alunos que dirigia, eu era secretário e participava ativamente do grupo que organizava, que auxiliava. Mas a gente também fiscalizava, pois muita gente que podia ir para casa almoçar, a gente fiscalizava.

Mas tudo isso incentivado e motivado por esse diretor, que fez a gente ver o que era o sentido democrático da vida escolar, tanto que não havia violência, não havia vândalo, não havia ninguém destruindo nada, todo mundo trabalhava em sentido de melhorar o colégio e melhorar os alunos, tanto que havia um respeito mútuo entre as moças, as meninas que estudavam e os rapazes. As alas eram separadas, mas ninguém invadia nada, ninguém tomava liberdade com nada, mesmo algum garoto que passava dos limites, a gente chegava, os mais velhos iam lá e chamavam a atenção dele.

Naquela época, o garoto que era malcriado com as professoras tinha a palmatória e tinha que ajoelhar no milho. Os próprios alunos tomavam conta para que não houvesse problema com o comportamento. Eu lembro que, às vezes, a professora saía para fazer alguma coisa e algum garoto tomava liberdade e subia em cima da cadeira, a gente mesmo repreendia o aluno.

No colégio tinha brincadeira, tinha a caneta tinteiro e tinha o mata-borrão, então, a pessoa pegava o mata-borrão e com a régua atirava na cabeça dos outros, ou senão atirava com a régua na lousa, coisa de garoto, mas a gente sempre tentava contornar essa situação pra não avançar e tornar-se um negócio violento e de vandalismo.

- E quanto aos seus pais, como era a educação transmitida por eles?

- Minha mãe faleceu cedo, mas ela sempre deu uma educação de conduta ética e respeito aos nossos semelhantes, tanto que eu e meus irmãos nunca tivemos problema com a justiça, problema criminal, todos foram educados por um prisma ético. As famílias eram educadas, porque eram unidas; por exemplo, meu pai nunca me bateu, mas a minha mãe me batia, mesmo deitada na cama com tuberculose, ela chamava colocava a gente em fila e era um por um, ela tinha uma haste de couro que o

meu avô deu pra ela, então, ela batia na gente deitada. Quando ela podia levantar, ela dava uma surra em todo mundo, ela dizia o seguinte: - “Eu bato em todos, que é pra ninguém dar risada do outro”.

E um cuidava do outro, pois uma vez que apanhava todo mundo junto, se alguém fizesse alguma coisa os outros não deixavam, pois a mãe iria bater em todos.

Então, a gente ia pro colégio com o espírito de aprender, se educar, de valorizar a professora, de valorizar tudo.

- Naquela época havia reunião de pais e mestres?

- Quando necessário, a professora mandava bilhete e chamava os pais.

No meu caso nunca foi preciso, meu pai dizia que a gente tinha que se comportar, senão ele dava castigo, ninguém saía de casa, ninguém ia à praia, ia ao cinema, circo, nada, tinha que ficar em casa pintando as paredes, limpando o quintal, passando o escovão no assoalho com palha de aço, ajoelhado, escovar, escovar, e depois encerar, se não estivesse bom, escovava outra vez, lavava o banheiro, limpava o galinheiro, até o poleiro das galinhas. Então dava castigo e a pior coisa pra gente que era criança, era o castigo, a gente ia no portão, que as casas eram chalé de madeira, víamos a molecada jogando bola, e não poder sair pra brincar. Então, o castigo era pior que apanhar.

- Então o respeito e a educação eram uma exigência dos pais?

- A educação vinha de casa, aquela educação que tínhamos em casa, nós levávamos para a escola, pois sabíamos que, se alguma coisa acontecesse, nós iríamos levar a pior.

Quando o meu irmão foi expulso do outro colégio, ele teve que levar os outros de testemunha para dizer por que ele bateu no outro garoto. O garoto ofendeu minha mãe,

xingou, coisa que não acontecia, não é como hoje que você vê na rua uma moça falar palavrão na frente de todo mundo, um garoto falar palavrão, entram no colégio falando palavrão, xingam os outros, ficam dentro do colégio se abraçando e se beijando... Isso não existia. Essa liberdade tornou-se libertinagem, entendeu! Essa liberdade tornou-se libertinagem. Eles não sabem o que é o direito de um e o direito do outro. Naquela época, você sabia o que era teu direito e direito do outro, tu não ultrapassava teus limites, avançando nos direitos dos outros, você não escutava ninguém xingar, não escutava nome feio, ninguém escutava mesmo, podia ter a maior briga de crianças na rua, mas ninguém xingava, isso não acontecia, e os pais da vizinhança cuidavam dos filhos dos outros, se eu tivesse aprontando, o pai vizinho avisava para o meu pai, então, a gente sabia disso e nos coibia uma série de coisas, entendeu?

- Havia uma união entre os pais?

- Sim, havia, uns cuidando dos filhos dos outros. E também naquela época, não existia ladrão, nos chalés todo mundo dormia de janela aberta, não tinha ventilador ar-condicionado, era o vento mesmo e um pedaço de tecido, que nós aprendemos com os japoneses, colocar um pedaço de tecido na janela, então o vento balança e nos sentíamos melhor psicologicamente, o vento balança a fita então pensávamos: está ventilando. Era assim janela aberta, porta aberta, então era só ladrão de galinha e ladrão de roupa, que as mulheres deixavam roupa no varal ou roupa no quarador para quarar.

Mas a educação era baseada na família.

- E o cotidiano das aulas?

- Você na entrada tinha que cantar o Hino Nacional no galpão, no recreio cada um fazia o seu lanche, depois voltava pra sala. As professoras davam a matéria de

acordo com o dia, geografia, história, caligrafia, tinha caligrafia, e era uma matéria importante, tinha nota, matemática, aritmética. Ela escrevia na lousa o que ela queria e você tinha que escrever e depois você tinha que reproduzir dez, quinze, vinte vezes aquilo que ela escrevia, a matemática ela dava os problemas na lousa. E semanal e mensalmente ela fazia uma sabatina. Sabatina oral, mandava falar a tabuada de pé, fazer conta de dividir no quadro, quem fazia no quadro estava aprendendo e quem estava vendo também aprendia. Então, era uma forma de aula que as professoras davam que para mim era muito boa.

Muitas vezes, tinha substituta, a substituta também acompanhava as aulas dos alunos.

- Ela auxiliava a professora no trabalho ou a substituía quando a professora faltava?

- Ela substituía numa situação de emergência, quando a professora faltava por qualquer questão, o colégio tinha um grupo de substitutas, quando a professora faltava por motivo de transporte, família, doença, qualquer coisa, a substituta ficava no lugar dela. Mas a substituta sabia todo o currículo escolar que ela havia dado, o programa que ela havia dado, então, a substitua já entrava dando aquele programa, então, ela já dava continuidade, não parava nem modificava. Eu acho que era muito bom, tanto é que minhas notas eram boas.

- E como era a relação dos professores com os alunos?

- Havia um respeito e havia uma distância, as professoras respeitavam os alunos e os alunos respeitavam as professoras, então, o que acontecia é que o aluno não ultrapassava aquele limite nunca, muitas vezes podia falar por trás que a professora deu dez, deu quinze, tinha que levar o boletim para casa para os pais assinarem, se



chegassem com nota baixa em casa já sabíamos que os pais iriam bater, então, o cara reclamava, mas reclamava a distância, não ia reclamar junto, brigando, falando palavrão, brigando xingando, como hoje tem aluno que dá soco em professor, maltrata, bate em professor, isso não existia. Então, havia esse respeito, a professora respeitava o aluno e o aluno respeitava a professora.

- Então, o Cesário Bastos marcou bastante o senhor?

- Marcou bastante, eu tive muitas experiências, naquela época, em quarenta e oito, depois que minha mãe faleceu, reuniram os melhores alunos, vinte e cinco ou trinta alunos, não lembro; aí nós fizemos uma viagem de férias, fomos de trem para São Paulo, de lá nos pegamos outro para Pindamonhangaba, de lá fomos para a fazenda Aras Paulista, havia uma colônia de férias lá, e ficamos nessa colônia durante as férias todinhas do final do ano, até final de dezembro.

- Isso foi um prêmio que a escola deu para os alunos?

- Foi um prêmio que a escola deu, os melhores alunos ganharam esse prêmio.

- Esse prêmio era financiado pelo estado?

- Era a fazenda Aras Paulista, era do estado, e a colônia de férias era do estado, tanto que estiveram lá o nosso colégio e mais dois colégios.

Havia um casarão tipo um quartel, um casarão com a cozinha, havia um grande refeitório e atrás havia uma chácara pra quem quisesse aprender a plantar, colher.

Nesse casarão do lado direito, havia um agrupamento que cabia umas sessenta camas; do outro lado cabia mais quarenta ou cinqüenta camas e no meio tinham os quartos dos professores que cuidavam da gente, e das pessoas que trabalhavam lá, e na frente, tinha a casa dos caseiros. Era uma colônia de férias chamada fazenda Aras Paulista, eu lembro o caminho de lá até hoje.

- Então, o estado naquela época tinha o hábito de premiar os melhores alunos com viagens?

-Sim, tinha esse hábito.

- E quanto aos seus colegas de escola? Nas minhas pesquisas notei que a maioria dos alunos era descendente de imigrantes.

- Eu sou pessoalmente descendente de imigrantes, portugueses e húngaros.

- Havia algum problema de relacionamento entre os alunos por causa dessa diversidade cultural?

- Não tinha, brasileiro, português e espanhol sempre se deram bem, eles vinham para cá com carta de chamada para trabalhar, meu avô, quando veio, trouxe dois irmãos, um ficou, o outro voltou, então, a família chamava para trabalhar. Não havia problema nenhum, português e espanhol, italiano também japonês, todos se davam bem. Os japoneses, quando começaram aqui em Santos, adquiriram pequenas áreas de terra no Marapé, ali na Rua Paraguaçu, na Rua Goiás, no Campo Grande, no Macuco, então, o que eles faziam era chácara, havia várias chácaras aqui em Santos onde eles plantavam verduras e vendiam de casa em casa, ou então íamos à chácara comprar verduras, não iam para feira.

Então, não havia problema de relacionamento, nós éramos educados a se dar bem com todo mundo, não tinha esse negócio de maconha, não existia negócio de droga, ninguém bebia, não tinha menor de idade bebendo...em bar passando a noite.

- E o seu relacionamento com os colegas?

- Nos dávamos bem, jogávamos bola íamos a praia, tanto na vizinhança como no colégio, tanto que a maioria deles são meus amigos até hoje. Santos chegou a ter

quarenta e oito campos de futebol, então, a gente passava o dia jogando futebol, quando a gente jogava, às vezes, saía briga...mas era uma briga respeitosa.

- O senhor disse que morava no Marapé, onde moravam os alunos do Cesário Bastos?

- Campo Grande, Vila Belmiro, Marapé, Vila Mathias, Mercado, Nova Cintra, Jabaquara, todo mundo vinha estudar no Cesário Bastos... o pessoal do morro, pois naquela época não tinha tanta invasão como tem hoje e o pessoal vinha estudar ali, porque o Cesário Bastos era uma escola estadual de nome, de projeção para os alunos, todos os pais falavam bem do Cesário Bastos, pela forma educacional, pela forma dos diretores, dos professores e pela nota, pouca gente do Cesário Bastos chegava no fim do ano e não passava porque tinha nota baixa, hoje no estado todo mundo passa direto.

- Então, a preferência era justamente porque era uma escola de nome?

- De nome.

- Se o senhor fosse deixar um recado para a escola Cesário Bastos, o que o senhor diria?

- Do Cesário Bastos só vou falar que foi um bom colégio pra todos que estudaram num período até 1960, mas de 1960 para cá, a escola pública se deteriorou.

Todo mundo que se formou naquela época está bem instalado, eu corri atrás do meu objetivo e consegui, mesmo com dificuldade familiar, mas eu tinha um objetivo.

Quando começou a indústria química e petroquímica, eu disse: "Vou trabalhar na indústria química petroquímica, vou ser um técnico, vou ser supervisor de operações industriais, vou ser instrutor, dar treinamento para formar novos operadores".

Mas a escola foi muito importante, tanto que muitos políticos estudaram lá, a prefeitura escolar ensinou muita gente, essa gente aprendeu que depois da ditadura do Getúlio, foi um bom negócio aprender, nós fizemos uma greve de uma semana para que o diretor voltasse, nós fomos à tribuna, ficamos na porta fazendo a greve, foi a primeira greve de estudante primário feita no Brasil.

- Qual a idade dos alunos na época?

- Doze, treze anos.

Essa gente criou uma lenda, porque o diretor foi banido, porque algumas professoras diziam que ele era comunista, mas ele mesmo falava que não era.

Ele fez uma reunião no auditório com todos os alunos e professores e disse que aquilo era uma aula cívica, para mostrar aos alunos do primário o que é realmente uma democracia. Então, era uma educação cívica que ele estava dando na prática, tanto que nós demos mais valor ao colégio e a todos, tanto que a nota de todo mundo aumentou, fizemos a caixa escolar, arrecadamos dinheiro, compramos fogão, compramos tudo, com o dinheiro arrecadado das famílias.

**C3****Transcrição da entrevista com Marisa Meneses Torres**

Ano de nascimento: 1943

- Meu nome é Marisa de Meneses Torres, estudei no Cesário Bastos em meados dos anos 50 a 60, 60 não, porque em 60, eu já estava quase casada.

- Na década de 50?

- Isso, no início da década de 50. Naquela época, era tudo diferente do que é hoje, os alunos tinham mais respeito pelos professores, a gente não entrava sem uniforme, tinha que ter um laço na cabeça, um laço de fita.

- E para que servia esse laço?

- Era o uniforme do colégio, aventalzinho branco, sapato preto e o laço de fita.

Eu sempre gostei de fita, eu tinha umas colegas que levavam o laço dentro da bolsa, da malinha. Eu não. Sempre andei com o uniforme completo.

E foi uma época muito gostosa, viu!

- A senhora tem boas recordações?

- Ah, tenho!

- Faz pouco tempo que eu deixei de me encontrar com algumas amigas que foram da minha classe, foram de classes vizinhas, eu tinha muita amizade, era uma família, não tinha esse negócio de briga. Foi uma época muito gostosa. Tive bons professores também.

- E os seus colegas, eles eram seus vizinhos, moravam próximos à senhora?

- Eu só tinha uma colega, amiga que, desde pequena, a gente sempre andou juntas, só se desgrudou depois que casou. Eu como casei primeiro, a gente se separou, mas continuamos morando no mesmo bairro, se vendo, nós só nos desgradamos mesmo depois que ela casou, pois a sogra dela não queria ninguém na casa dela. Aí a gente se distanciou um pouco.

- E a senhora, naquela época, morava em que bairro, quando estudava na Escola?

- No Jabaquara, ali na Rua do Contorno, a última rua da Rangel Pestana, contorna-se o morro, era ali que eu morava.

- E os colegas em geral eram ali do Jabaquara?

- Nova Cintra..., era assim: Jabaquara, Nova Cintra, Morro do São Bento, aqui Vila Mathias.

- Eu gostava muito, na época a gente descia pra cantar o Hino Nacional, que hoje já não existe mais isso, o Hino à Bandeira, ficava todo mundo em fila à frente do colégio, cantando o Hino à Bandeira.

- E era todo dia isso?

- Era duas vezes na semana, que o pessoal descia pra cantar.

- A senhora estudava de manhã ou à tarde? Qual o período?

- Eu sempre estudei de tarde. Das 10 ou 11 até às 2 h da tarde, eu sempre estudei naquele horário.

- No horário que a gente chama de intermediário, não é?

- Havia intervalo, recreio ou era horário corrido?

- Tinha recreio, a gente descia pro recreio, depois tomava o lanche e depois subia.

- Eram salas mistas, meninos e meninas?
- Não, na época eram só meninas.
- Todos estudavam no mesmo horário, mas em salas diferentes?
- Isso mesmo, meninas numa sala e meninos na outra.
- E os intervalos eram juntos?
- Era tudo junto.
- E no intervalo, vocês costumavam brincar? Havia merenda? Como era?
- A gente levava merenda de casa, aí depois a gente brincava no galpão que tinha, aí depois tocava o sino e a gente subia novamente pra sala.
- E havia certa rigidez com relação ao horário, o aluno podia chegar atrasado?
- Não. Tinha que estar na fila pra poder subir todo mundo junto. Caso precisasse ir ao médico, aí chegava atrasado, mas fora isso, não.
- A mãe ou o pai acompanhava os alunos até a escola?
- A maioria das crianças iam todas sozinhas, moravam ali pertinho.
- Como era a relação da senhora e os seus pais com o ambiente escolar, havia reunião de pais e mestres?
- Não, não havia, no fim do mês a gente levava o boletim, pra os pais olharem e assinarem.
- Havia algum problema de comportamento a ponto de ser necessário chamar os pais?
- Tinham alguns alunos que precisava acionar os pais, os que eram bem levados mesmo. Fora isso, nunca.

- Eu notei nas minhas pesquisas que existia uma grande quantidade de filhos de imigrantes. A senhora notou algo em relação a isso, alunos que eram filhos de portugueses, espanhóis, italianos?

- Na classe que eu peguei, tinham muitos filhos de portugueses.

- E era uma convivência boa entre os colegas, mesmos sendo filhos de estrangeiros?

- Sem restrição nenhuma, todo mundo era amigo.

- Então, o grupo era bem unido e a convivência boa?

- Sim, era.

- E a senhora lembra dos professores que teve?

- Tinha a Zilda, que era uma professora rígida, ela gostava muito de dar reguada. Tinha uma menina que o nome dela era Teresa, ela era filha de portugueses, volta e meia ela ia pro corredor ficar com a cara na parede.

- Os alunos ficavam de castigo, então?

- Ficavam.

- E como eram os castigos?

Era ficar em pé até dar na telha dela mandar buscar a gente. Tinha um negocio de colocar guarda-chuva, capa, então, a gente ficava assim em pé, aí as outras crianças que ficavam em outras salas, ficavam dando tchau.

Tinha a professora Dona Zilda, era muito brava, tinha uma professora muito legal que era a Dona Alice.

Teve até uma época que o morro caiu, eu tinha 11 pra 12 anos, e ela pensou...

A gente era pobre naquela época, mas ela pensou que eu era muito, muito pobre, aí o morro caiu e ela queria falar com a minha mãe pra ela poder me adotar, ela



era sozinha, era solteira, né! Aí eu comentei com a minha mãe: “Mãe, a professora Dona Alice quer me adotar”. E a minha mãe disse: “Eu não estou pra dar filho pra ninguém.”.

Ela era muito boazinha, ela morava ali na Senador Feijó, num apartamento, muitas vezes eu ia no apartamento dela, pois ela dava reforço.

Tive Dona Zilda, tive Dona Maria Alice, tive Dona Dalva, eu achava ela tão bonita que eu queria sempre ser da classe dela, a mais bonita de todas era ela. Até que um dia eu fui da classe dela, foi uma época muito gostosa do colégio.

- Então havia uma relação de amizade entre alunos e professores? A ponto dos alunos freqüentarem a casa dos professores, e dos professores conhecerem as famílias dos alunos?

- A professora falava comigo: - Ai, Marisa, fala pra sua mãe deixar você ir morar comigo!

E eu respondia: - Ai, professora, minha mãe não vai deixar.

- E a sala? Era cheia, havia muitos alunos?

- Havia uma base de quarenta.

- E mesmo assim o andamento da aula era normal, tranqüilo?

- Era sim. Às vezes, a professora virava e a gente dava aquela fugida, corria para o corredor, mas, fora isso, a gente teve sempre bom relacionamento com as professoras.

- Como era o seu dia a dia na Escola? Como era o andamento?

- Era normal, tinha dia que era aquela sabatina oral, às vezes, era escrita.

- A senhora falou que cultivou muitos desses amigos. A senhora notou se eles continuaram na cidade, o que aconteceu?

- De uns tempos pra cá, eu não tive mais contato.
- Havia comemorações cívicas como o Dia da Bandeira, Semana da Pátria?

Os alunos participavam?

- Participavam, a gente comemorava, ou antes de subir pra classe ou então antes do recreio, ficava todo mundo em fila e comemorava lá no galpão.

- Havia festas com a participação de toda a família como quermesse, festa junina, festa do Dia das Crianças?

- Eu não me recordo, pois eu nunca participava.

- Eu notei que a Escola Cesário Bastos dava muita ênfase às comemorações cívicas. Passava-se a idéia da necessidade da participação cívica do aluno, da participação dele como cidadão. Isso contribuiu pra formação da senhora como adulta?

A senhora adquiriu uma responsabilidade maior de cidadania?

- Pra mim foi, pois desde pequena aprendendo, eu creio que sou uma boa cidadã.

O que a gente não vê hoje em dia, os colégios não incentivam as crianças a cantar os Hinos.

Eu gostava muito do Hino da Independência, do Hino Nacional, do Hino da Bandeira.

Hoje em dia é difícil ver uma criança saber o Hino todo.

- E vocês naquela época sabiam?

- Todo e de cor, porque se a gente errasse chamavam a atenção da gente.

- A gente ainda tinha aula de piano, a gente ensaiava num salão enorme no segundo andar do Cesário Bastos, e a gente tinha professora pra ensaiar a gente.

- Então, vocês tinham aula de música?

- Tínhamos aula de música.
- Havia aulas relacionadas a bordado, pintura?
- Tinha bordado, pintura não; mas bordado sim... eu fiz muito bordado, a gente comprava esses paninhos na feira, riscados né, pra gente bordar.
- A senhora lembra se existia um apoio com médicos, dentistas?
- Tinha sim, dentistas.
- E como funcionava? Os alunos passavam por consulta periódica, ou se tivessem algum problema se consultavam?
- Todo mês a gente passava no dentista, todo mês.
- E médico?
- Que eu me lembre, não.
- E vocês consultavam sempre o dentista da própria escola?
- Sempre.
- Se a senhora pudesse participar de uma comemoração com os ex-alunos, o que a senhora gostaria de falar sobre a Escola?
- Que foi uma época muito boa pra mim, ali eu tive a minha base de formação, eu não cheguei a fazer o ginásio porque meu pai dizia que mulher era pra casar e tomar conta da casa. Ele deu mais prioridade pro meu irmão, meu irmão chegou a fazer ginásio, fez faculdade. Eu só fui até a quarta série.
- O seu irmão estudou no Cesário Bastos?
- Estudou.
- Ele estudava no mesmo horário?

- Não, ele pegava das 8 às 10 horas, pois eram três períodos, de manhã das 8 às 10 horas, depois tinha das 11 às 2 horas da tarde, e depois das 2 às 5 horas da tarde, eram três períodos.

Eles eram muito rígidos. Se não fosse com o uniforme completo, você não entrava na sala.

- E nesse caso voltava pra casa?

- Voltava pra casa.

- A senhora acha que essa rigidez contribuiu na formação do caráter dos alunos?

- Ah, influenciou! Hoje em dia a criançada está muito largada. Se você tem um filho no colégio, você tem que fazer o possível pra criança ir completinha. Hoje em dia a criança vai de chinelo, tem escola que dá uniforme, e os pais não cuidam, deixam ir de qualquer jeito.

Lá não. Depois do laço de fita, veio um chapéu, o chapéu era bonitinho, era de abinha com um cordão pra amarrar pra não voar.

- E vocês usavam esse chapéu em sala de aula?

- Não, botava pra trás ou dobrava e colocava na malinha.

- Então, a senhora acha que essa rigidez contribuiu na formação do caráter dos alunos?

- Sim, contribuiu. Dos alunos que estudaram nessa época, poucos não deram pra nada, se desviaram do caminho.

Hoje em dia é aluno batendo no professor. Também a educação vem de dentro de casa né. Não é porque num tem educação dentro de casa que vai fazer na rua.

**C4****Transcrição da entrevista com Hilda da Costa Gonçalves**

Ano de nascimento: 1933

- Hilda da Costa Gonçalves, eu tenho 74 anos, nasci no ano de 1933, no dia 20 de abril, mês quatro, depois entrei com sete anos no Cesário Bastos, repeti o primeiro ano por motivo de doença, repeti o terceiro porque não entendia certas coisas, também não tinha quem me ajudasse, mas terminei, está até aqui o meu diploma...

Muito velhinho...

- Trinta de novembro de 46.

A senhora fez da primeira à quarta série?

- Naquele tempo não tinha oitava série, era só da primeira à quarta série. Tínhamos um diretor que era o senhor Bellegarde, um senhor alto, forte. Aquele homem quando chegava na escadaria...a escola ficava muda, era uma pessoa de respeito. A dona Ebrantine, que era a diretora, outra coisa... a gente não tinha medo, tinha respeito.

E tinha o seu Pena que acho que era vice e tinha a dona Gilda que era a mulher dele, então, essas eram as autoridades maiores.

Tinham as professoras, tinha um casal que tomava conta da escola, que moravam lá na escola. Então, deste lado ficavam as meninas, daquele ficavam os meninos. Porque não eram juntas as classes, então chegava na hora, a gente fazia as filas, não precisava mandar, já todo mundo sabia o lugar, nós cantávamos os hinos, naquele tempo tinha até nos cadernos. Subíamos direitinho, e eu tinha uma bronca

porque eu queria subir a escada e eu sempre estudei na parte de baixo, e eu não queria, porque eu ficava perto do médico e do dentista.

- Tinha médico e dentista na época?

- Tinha médico, tinha dentista, mas que médicos e que dentistas!!!! Era tudo na parte de baixo.

Aí a gente obedecia àqueles horários...

Aqui o que eu falei...

- A foto da turma?

- Eu falo que era um bando de índios, olha esse laçarote aqui na cabeça, um avental branco... eu nunca gostei disso... essa aqui era a dona Hilda, a professora...

- Era uma única professora pra tudo?

- Pra tudo, quando mudava de ano é que mudavam as professoras, eu tive Dona Hilda, eu tive Dona Salomé, eu tive Dona Maria Antônia, eu tive Dona Lúcia.

Um dia, eu encontrei com ela na feira entre o canal dois e o canal um, eu morei ali perto da linha do trem. Aí, eu falei assim: “Dona Lúcia, lembra de mim?” Ela disse: “Fala alguma coisa”, aí, eu falei. Aí, ela disse: “Filha, naquele tempo, quando a gente ia à escola e dava aula, a gente descia na frente com o primeiro aluno, a escadaria... tudo, hoje, a gente desce atrás, porque senão eles jogam a gente pela escada abaixo.”

- Por que ela descia com o primeiro aluno da fila?

- É ela iniciava com o primeiro aluno da fila, mas hoje ela é a última a descer, porque se não, jogavam ela pela escada abaixo, acabou o respeito, não é?

E eu até admito, não sei se estou falando certo? Que isto tudo acabou, quando começaram a chamar os professores de tios, porque nós entrávamos na sala de aula, primeira coisa que a gente fazia, a gente levantava e rezava o Pai Nosso e Ave-Maria.

- Isso todo dia?

- Todo santo dia, e depois começava a aula; se entrasse alguém, não precisava nem mandar, a gente levantava, mas levantava a classe inteira, quando saía, ou ele mandava sentar, a gente sentava. Hoje você não vê mais nada não, hoje você vê jogar bolinha de papel, você vê jogar tudo.

- E quando era na hora de descer, a mesma coisa, aquela fila direitinha, ia embora, né? Quando acabou a guerra, nós estávamos em sala de aula.

- E como foi, a senhora lembra?

- A diretora entrou em sala de aula e disse : “Olha aqui , acabou a guerra ,vocês peguem os seus materiais, as suas coisinhas, diretos para casa, não conversem com ninguém. Direitinho para casa, para não acontecer nada com vocês.”

Todo mundo pegou as coisinhas ...para casa, foi todo mundo embora.

Ela foi lá e avisou para a gente sair. Aquele período foi quando fizeram a Santa Casa, era um terreno só, tudo quando eu estudava ali.

Então, ela foi lá e avisou, e nós arrumamos tudo e fomos embora para casa.

- E vocês foram para casa por algum motivo, havia algum perigo iminente?

- Ela estava com medo que tivesse algum revoltado que fizesse alguma coisa com as crianças

- Então, pediu que fossem todos para casa, aí foram todos para casa

- A senhora morava ali nas proximidades da escola?

- Morava na Comendador Martins,Vila Mathias.

Isso, quer dizer que eu morei lá, casei lá e saí de lá com dois filhos.

- E como é que era o cotidiano da senhora na escola?

- Olha, eu...não é dizer que eu tinha muitas amigas, porque eu sempre fui meio reservada, mas tinha aquelas pessoas que a gente gostava, e vinha da escola, né. Uma vez, nós íamos em quatro ou cinco que estudavam todas lá, é um fato que marcou muito na minha vida, então, um dia uma vizinha chegou perto da minha mãe e disse assim: “Dona Ermelinda, a Hilda não está vindo mais com as meninas da escola”. E no dia seguinte, minha mãe foi espiar, eu em vez de vir pela Júlio Conceição, eu saí da escola, pois eu saía do lado da City, ali onde era o Cine TV , eu saí pela Avenida Ana Costa com uma outra coleguinha , cheguei na Prudente de Moraes, virei até chegar na Comendador Martins, depois virei e fui para casa, aí minha mãe chegou perto de mim e disse assim:” Por que você está vindo por aqui? E eu disse: “Olha, eu estou vindo por aqui, porque tem ali a padaria e o pai da... vou nem dizer o nome , que é pra não ... e o pai da fulana, ele tem conta naquela padaria, e naquele tempo, a padaria não era balcão de doces, sabe aqueles balcões que tinha, que levantava uma coisinha, que tinha os doces, mas doce não era, como é agora, era pudim de pão, era cocadinha, era tudo assim..., aquelas coisas, e ela ia lá comprava e pagava o dela, e quem ia com ela, chegava lá e pegava o doce e saía sem pagar.

E aquilo para mim machucava, eu achei que era roubo, então eu deixei de ir com elas.

Então, a mãe da menina chegou perto da minha mãe e disse assim: “Descobriu?”

A minha disse: “Descobri.”, e ela perguntou “o que foi?” Então, minha mãe respondeu: “Se a senhora quiser saber a senhora siga a sua filha, eu já sei por que que a minha vem por esse caminho, e ela vai vir todo dia por esse caminho, agora se a senhora quiser saber, faça como eu” .



- E a senhora tinha amizades na escola, na vizinhança?

- Não, Eu brincava na minha casa sozinha, na minha casa tinha goiabeira, tinha mamoeiro, tinha uva, que a gente tinha quintal grande, mas a minha mãe dentro do quintal, não queria ninguém.

- A senhora é filha única?

- Somos quatro, agora somos só duas.

- Mas todos tinham a mesma idade mais ou menos?

- Então, tinha uma só de amizade, quando eu fiz aniversário agora em abril, meu filho fez uma festinha para mim, lá no apartamento dele, e levou essa amiga minha lá , para me ver.

- Estudava com a senhora?

- E ela não era da minha classe, mas era vizinha, e a gente se dava bem.

Então, nunca fui de sair com amigas, porque eu fiz o meu enxoval todinho.

Então, o tempo que eu tinha, eu ficava em casa bordando, sentada na escada lá, bordava tudo, lençol, tudo fui eu que fiz.

E quando eu saí da escola, eu pensei que eu ia lá para o Escolástica Rosa. A minha irmã quando saiu foi para a Cruzada das Senhoras Católicas, e minha mãe não me pôs na escola , me pôs numa oficina de costura para trabalhar.

Depois que com quinze anos fiz corte e costura, só que a moça não ensinava direito, porque a dona foi para Portugal e deixou ela tomando conta, e ela não tinha, coitada, como ensinar, porque ela também era ajudante, aí eu não aprendi, depois eu fui aprender com 55 anos.

- Quando senhora saiu do Cesário Bastos, tinha quantos anos?

- Olha, eu entrei com sete, eu fiz seis anos, né, porque repeti dois, trinta e três, mais seis trinta e três, entrei com sete, com quase treze anos.

- E as suas colegas prosseguiram os estudos?

- Quase todas continuaram na Escolástica Rosa. Eu não, a minha mãe me pôs no costura.

O meu irmão estudou lá também, seguiu também no Escolástica Rosa, era para o Escolástica Rosa que eles iam, usavam aquele... tanto que o meu marido é formado na Escolástica Rosa, e eu não conhecia ele de lugar nenhum e tá aí, comigo há 60 anos já, que a gente se conhece.

- E como era seu cotidiano familiar?

- Olha, o meu pai trabalhava de fiscal de bondes, a minha mãe costurava pra fora, era calceira e camiseira, que era para sustentar, a gente morava em casa alugada. A minha mãe comprava o enxoval para eu fazer em casa, meu pai diz que não queria que a gente trabalhasse fora, que era para não levar desaforo de patrão, queria que a gente fosse de costurar em casa, trabalhar em casa, foi o que eu fiz.

- E o seu cotidiano escolar? Conte-me um pouco.

- Um dia por semana era trabalho manual, eu bordava toalha, fazia tudo, e uma vez por semana tinha aula de religião. Tanto que naquele tempo as crentes ficavam no corredor, não assistiam.

Porque eu era católica, era não, sou católica.

- E a professora que dava aula de religião ou era uma freira?

- Pra ser franca agora, eu nem lembro direito se era professora ou se ia alguém lá. Se eu falar agora eu minto, que eu não lembro mesmo, mas tinha, né, tanto que eu fiz a Primeira Comunhão, tanto que, de lá a gente já ia fazer a Primeira Comunhão.

Hoje em dia tudo é diferente.

- Mais alguma coisa que venha na lembrança, na memória da senhora?

- Tem a Dona Maria Antonia, quando ela estava lá dando aula, ela teve uma crise muito forte de...desse negócio que eu operei também.

- Vesícula?

- Vesícula, ela também tirou e a gente pensava que ela ia morrer, e eu depois que vi isso...

- Era professora?

- Era professora, e quem foi fazer a vez dela foi essa Dona Lúcia.

- Que era a que gravou porque eu era muito amiga dela. Tinha uma que morava lá na Julio Conceição, não sei se era Dona Madalena. Eu ia todo dia na casa dela, que eu morava desse lado da Comendador Martins, e ela do lado de lá da Júlio Conceição. Eu ia lá e a esperava, e ia com ela para a escola e vinha.

- Então, a relação do aluno com o professor era uma relação boa?

- Pra mim era, gostava muito dela.

Tinha a Dona Hilda, Dona Salomé, mas era tudo aquelas senhorinhas assim, que a gente via que a ... não era que nem hoje , que as professoras são deslumbradas, né?

- Era um padrão, de como vestir, se comportar?

- Tanto que quando eu comecei, era rede elástica na cabeça.

- Todas as alunas?

- Todas as alunas. Depois era um chapéu, sabe aquele chapéu que tem aquela cúpula depois aquelas abas largas assim...

Era chapéu engomado branco, aquilo, eu não gostava daquilo, mas tinha que usar.

- Mas não dentro da sala de aula?

- E que a gente depois colocava para as costas, tinha um cordão aqui.

- Havia comemorações cívicas?

- Tinha a parada, que o bonde ia pegar a gente na porta da escola, a gente ia no desfile da praia, né? Depois o bonde com o reboque vinha e deixava a gente no mesmo lugar, que a mãe ia sossegada, porque sabia que a gente depois voltava direitinho.

- A senhora falou desse laço do cabelo, ele tinha finalidade de distinguir as séries?

- Não. Isso era no distintivo, e no distintivo, parece que tinha assim risquinhos assim ... primeiro, segundo, terceiro e quarto.

- E o ensino era rígido?

- Quando eu ficava doente, na escola, tinha aula de História, eu dizia assim: \_ Pra que eu quero saber quem descobriu o Brasil, mas a gente tinha que saber. Então, a gente ia lá, elas davam aula, para a gente e diziam: - Amanhã vocês estudem que vai ter prova.

A gente tinha que decorar tudo aquilo, pra ela perguntar e a gente responder oralmente, que hoje ninguém faz nada disso. Era fazer mapa, contar os estados, colocar aquilo tudo, tinha que desenhar o mapa e depois colocar tudo aqueles coisinhos que tem no mapa, com os lugares, tudo a gente tinha que fazer. Então, o que eu fiz uma vez? Eu peguei assim uma luz, risquei o mapa no caderno, quer dizer, quando eu ia fazer, eu pegava aquele modelo, desenhava aquele modelo e aí colocava as coisas. Mas tinha que colocar tudo, daqui até em cima, tudo, tudo valia pra nota.

E você aprendia..., no meu tempo aprendia a prova dos nove, hoje esqueci tudo, porque muita coisa eu esqueci mesmo agora com esse negócio eu fiquei meio tonta,

que eu bordo e desmancho, bordo, às vezes, eu conto nove, às vezes, tem dez, doze, aí tem que desmanchar tudo, uma teima!

- Havia aulas de culinária?

- Não, assim... eu não lembro. Eu sei que tinha dentista, tinha médico.

Faziam sacolas com aqueles cordões.

Com aquelas cordinhas, faziam sacolas, faziam bolsas.

- As alunas ou os meninos?

- Os meninos, a gente mais os bordados.

- Então, os meninos trabalhavam com artesanato, e as meninas com bordados?

Fazia parte do currículo de vocês?

- Isso.

História, Matemática, Língua Portuguesa e tudo...

E tinha no final do ano a exposição dos trabalhos que a gente fazia.

Então, a gente tinha aquele estímulo.

- Havia comemorações no final do ano entre pais professores e alunos?

- Não, os pais todos não, era mais...a coisa era mais com os professores e os alunos.

- Eu notei em minhas pesquisas que grande parte dos alunos e alunas eram descendentes de imigrantes, isso se confirma na sua época escolar?

- Sou filha e esposa, meu marido é português.

- Havia alguma preferência em agrupar os filhos na escola?

- Eu estudava lá porque morava perto, e os meus irmãos, nós quatro fomos pro

Cesário Bastos.

Não posso indicar meus irmãos porque os dois já morreram e minha irmã, também não aconselho.

- Mas a preferência era porque as pessoas moravam perto?

- Ali por perto.

- Ali perto havia uma grande concentração de portugueses?

- Isso, e mesmo por causa da City, do tempo da City, muitos trabalhavam lá, meu pai era trabalhador lá, meu marido também era, mas era função de motorista.

- E ali era aquela coisa, tudo por ali era aquela gente, não é?

- Então, a Vila Mathias agrupava muitos imigrantes?

- Eram portugueses, espanhóis, tinha uma família ali muito grande de espanhóis, que até o sobrinho era o Pepe, jogador do Santos.

- Em frente tinha uma quitandinha, do lado tinha uma senhora que usava aqueles caixotes de feira pra carregar aqueles caminhões todo dia, tinha uma padaria, tinha a linha do trem, do lado de cá tinha uma vendinha.

Aí depois era a nossa casa.

No tempo da guerra, tinha aquele negócio de apagar a luz, de noite.

- Como assim?

- Diminuía a luz, aí a gente brincava na porta. Os pais da gente também sentavam na porta em uma cadeira, porque não tinha televisão, a gente brincava de roda de pegador, de bola atrás...

- A senhora e os seus irmãos?

- A criançada toda, era apostar corrida, tudo ali...meninas e meninos e quase não tinha movimento, chegava oito, oito e pouco, já levantava tudo mundo e ia dormir, porque aí ficava tudo escuro.

- A praia só uma luz aqui outra lá...na rua diminuía, tinha luz , mas muito fraquinha

E tinha fila da carne, a gente ia quatro e meia, cinco horas da manhã para lá, tinha a fila do pão, fila do açúcar, no tempo da guerra.

- Então, era assim. Eu e minha avó íamos para uma padaria, minha irmã ia ara outra padaria, a minha mãe ia para o açougue, quer dizer que a gente levantava de madrugada para ficar nas filas, pra pegar...

- E o que diziam para a senhora nessa época?

- Eles passavam que a gente não podia falar nada, nem o que eles conversavam a gente não podia comentar na rua e tinha outra coisa, quer ver, é isso e...não falar nada, mas nada mesmo de comentário de guerra, nada. Aí eu entrava em casa, tava dando aquele jornal falado e dizia assim: - Aviso aos navegantes, não há aviso aos navegantes. Era o que se passava na guerra, e aí eu tinha medo de escutar aquilo, eu não entendia, mas tinha medo. A gente dormia cedo, dormia com as galinhas.

- O seu marido, quando veio de Portugal, também estudou no Cesário Bastos?

- Não, o meu marido estudou no Colégio Santista, que era perto do Correio, depois ele caiu, bateu com a cabeça, afundou, porque lá eram uns cavalos ingleses, porque aquele colégio era só os "pinta-brava". Ele tinha vindo de Portugal há pouco tempo, com sete anos.

Aí depois ele estudou, parece que foi no São Leopoldo e quando terminou, ele estudou no Escolástica Rosa.

- A senhora falou que os seus pais são portugueses?

- Meus avós, meu marido, meu irmão mais velho eram português,

- E de onde seus pais são, eram lá de Portugal?

- A minha mãe, acho que ela viveu no sítio de Tondelo, uma coisa assim, e o meu pai era de lá de Lisboa. Meu pai, quando era novo, tocava em uma orquestra, tocava violino e tocou muito violino aqui pra gente, a minha mãe era empregada do curso Adriano Ramos Pinto, é bebida, né? Era empregada deles.

- Isso no Brasil, ou em Portugal?

- Em Portugal, minha mãe casou lá e saiu casada da casa deles.

- Depois ficou grávida do meu irmão, o negócio piorou, aí ela veio para cá.

- E seus pais moravam na região de Lisboa?

- A minha mãe. Meu marido era de Leiria.

Mas a minha avó trabalhava também, meu avô veio pra cá, ficou dezessete anos aqui e, quando voltou, a minha avó já tinha criado os filhos, quem criou foi minha avó.

- Como é que era o recreio na escola?

- A gente levava lanche de casa, não é que nem agora que nós,, a gente levava de casa.

- Vocês brincavam durante o recreio?

Ficava lá depois voltava, mas era pouco tempo, né? Porque eu não quero teimar, mas parece que tinha dois períodos.

- Acho que eram dois, eram dois, sim. Tanto que, meu Deus do céu, quando eu passo por aquela escola... e eu gostava de lá, o Adilson disse assim:

- Qualquer dia eu levo a senhora lá. Gostava de ir, subir aquela escadaria, onde eu nunca subia pra ir ver como era lá em cima.

- Eu, quando passo de carro, eu digo assim: "A minha escola".



A gente entrava lá com o material, quando começavam as aulas, e tinha armários e o material ficava lá.

- O material era guardado na escola?

- A gente usava os cadernos e só trazia pra casa o caderno de casa.

Ninguém mexia, nada, chegava tinha uma menina que sempre fazia isso distribuía os cadernos...

- Era colega de classe?

- Colega fazia aquilo, tem uma que até tá...

Olha aqui a foto.

Essa aqui tá vendo? Esta discursava sempre. Essa aqui era a Sara Curi, mas quase tudo morreu já. Essa é Dona Hilda, era Dona Amália. Veja o jeito delas se vestirem? Era tudo assim.

Sempre desse jeito.

Essa de sapato e pulseirinha

Por isso que eu falei parece tudo um bando de índio, tudo umas crianças...

- Como era o uniforme?

- Era uma pala assim, daqui saia duas pregas, acho que atrás também, tanto que minha mãe não podia comprar, fazia de saco de padaria.

Tudo igual, tudo igual, manguinha assim, tudo igual.

Tudo igual, tudo branco tudo igual e o distintivinho aqui.

Geralmente a gente tinha sempre dois.

- Sempre estavam com o uniforme.

- Tinha esse senhor que tomava conta lá, ele e a mulher dele, Nossa Senhora...

ele era um diretor, ele era amigo de todos, mas tudo dentro do respeito.

- Ele que organizava a entrada dos alunos?

- Tudo, fechava a porta, porque, quando começava a aula, fechava a porta aí quem tivesse fora podia ir embora porque não entrava mais, mas era difícil alguém ficar do lado de fora.

- Mas a senhora falou, por exemplo, que tinha médico, dentista. Havia consultas normais ou somente quando a criança sentia-se mal ia ao médico, ao dentista?

- Quando a gente fazia tratamento, que eu ia fazer, obturações e tudo, aí tinha aquele dia certo, cada pessoa chegava lá e esperava a vez.

Era embaixo.

E era muito bom.

- E o médico também do mesmo jeito?

- Se precisasse a gente...

Se passasse mal, se acontecesse alguma coisa.

Tinha quem atendesse.

- Então, era tudo muito bem organizado?

- Tanto que quando o seu Belegard foi embora, ele chorou e a gente chorou também, quando ele foi se despedir da gente. Depois foi a mulher do seu Pena, e aí depois eu saí e não sei mais quem.

- E como era o seu dia-a-dia?

- E é assim... eu sempre fui muito de casa, era macaco que pulava em árvores para pegar frutas, tudo no meu quintal, eu era um menina feliz.

Eu era uma menina feliz, que tive infância.

Eu morava na Joaquim Nabuco e assim em frente, era a casa de uma velhinha que tinha um quintal, lá havia uma videira, uma árvore de goiaba, um pé de manga,

mas não dava manga, e eu sempre levantei muito cedo, aí menina, eu levantava punha o meu tamanquinho, porque eu andava de tamanquinho, não andava de sapato nem de chinelo, era de tamanquinho feito, e a sandália da escola era aquela que fazia nhec, nhe, nhec, e eu levantava cedo, pulava lá no meio da linha da maquina, me metia no meio do mato, e eu ia com o balde cheio, não era pra comer, mas era aquele prazer, que caia no meio da mato e não quebravam, as melhores goiabas quem comia era a minha turma, né.

- E na escola havia árvore?

- Tinha, mas nada de fruta, eram só aquelas árvores que ainda tem.

Que agora subiram os muros lá, aquilo eram grades, em volta.

- Porque as meninas saiam por aqui e os meninos saiam por ali.

- Não tinha contato entre meninas e meninos?

- Não, não tinha contato.

- Nem se viam, na entrada?

- Não, porque uns ficavam de um lado, outros ficavam do outro.

- Tem mais alguma coisa que a senhora queira falar sobre escola?.

- Não, lá tinha lá do lado a Magistral, né? Que ainda tem, do outro lado era um negócio de vender livros, que agora nem lembro o nome daquilo.

Era lá e do lado tinha um negócio de vender máquinas, freios a máquina.

A volta era por trás.

Era naquela parte do prédio de frente pro morro.

Porque ali já ficava esse senhor, vendo quem entrava e não entrava.

Tinha bancos, em toda a volta, para quem quisesse sentar.

Eu faltei muito, não sei se dá para você ver aqui na minha...

Aqui era preto.

Eu tinha cólica de fígado e vomitava bÍlis, menina. Tinha que ir médico em casa, aquela coisa, o médico disse pra mim:

- Vai aparecer uma mancha, ela vai melhorar, mas a mancha vai ficar, e pegou tudo aqui, tanto que eu nunca usei decote, nunca usei nada de menina, de mocinha, por causa disso. AÍ, eu faltava muito, foi no primeiro ano, aí depois no terceiro eu repeti porque eu não entendia uma matéria lá e aquela eu repeti. Agora no quarto ano...

E lá era muito rÍgido né, repetiam mesmo, sem dó.

- Os estudantes moravam próximos à escola?

- Vinha gente da Nova Cintra, então era tudo por ali mesmo, depois já começou a ter outras escolas ali também, né, quando saiu o TarquÍnio Silva.

Que ali onde fizeram a escola nova, era um beco sem saída, quebraram aquilo tudo, aumentaram a escola, tudo no tempo que eu estava lá.

É que agora mudou bastante, tanto que agora, quando eu passo por lá, às vezes, eu nem... Fizeram a Santa Casa, eu lembro da inauguração da Santa Casa, tudo... Tanto que, quando inaugurou a Santa Casa, nós ficamos ali, na frente da Rangel Pestana, fila de um lado e do outro esperando passar, não sei quem é que veio inaugurar, nós ficamos lá com bandeirinha na rua.

- Então, vocês participavam de comemorações cÍvicas?

- Sim, Sete de Setembro, tudo a gente participava, o ônibus ia cheio.

Ônibus não era bonde.

- Havia aula de Educação Física pra vocês?

- Tinha, tinha.

Tinha, mas era simples, era o calçãozinho fofinho, azul-marinho, a blusinha branca e tênis, era simples, mas tinha.

- E como era?

- Tinha gente que participava de muita coisa, eu nunca dei muito pra isso, por isso eu nunca participei muito, mas tinha gente que fazia as coisas, eu nunca fui de jogar vôlei, fazer nada disso.

- Mas tinha que participar das aulas?

- Tinha, isso tinha.

Fazer o exercício que a professora mandava. Tudo.

- E era professora de Educação Física que dava aula?

- Não, era professora de... aí, também não tô muito lembrada, mas eu acho que era professora, sim, de educação física. É, porque ela ia de uniforme também, acho que era sim, ia com apito. Então, tinha, sim, agora, outro pormenor eu não lembro muito.

- Então, o componente curricular da escola era bem diversificado?

- Havia muita coisa sim.

- Comparado aos dias de hoje, era melhor?

- O que eu penso, não sei se tô certa, a educação é em casa que se dá. Você tem que educar o seu filho em casa, não é querer que a professora eduque, a professora vai ensinar a ler e a escrever. Agora como é que uma... Eu tô indo na escola pra isso. Pra isso não, ele já vai com educação, que não tem em casa, vai querer que a professora dê?

Eu acho isso muito errado.

**ANEXO D****QUADRO DE ATIVIDADES E PROFISSÕES**

Quadro a que se refere o art. 577 da Consolidação das Leis do Trabalho, 1º de maio de 1943

<b>CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA</b>	<b>CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NA INDÚSTRIA</b>
<b>1º GRUPO - Indústria da alimentação Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>1º GRUPO - Trabalhadores na indústria de alimentação Categorias profissionais</b>
Indústria do trigo Indústria do milho e da soja Indústria da mandioca	Trabalhadores na indústria do trigo, anilho e mandioca
Indústria do arroz	Trabalhadores na indústria do arroz
Indústria do açúcar Indústria do açúcar de engenho	Trabalhadores na indústria do açúcar
Indústria de torrefação e moagem do café Indústria de refinação do sal Indústria de panificação e confeitaria Indústria de produtos de cacau e balas Indústria do mate Indústria de laticínio e produtos derivados Indústria de massas alimentícias e biscoitos	Trabalhadores na indústria de torrefação o moagem de café Trabalhadores na indústria da refinação do sal Trabalhadores na indústria de panificação e confeitaria Trabalhadores na indústria de produtos de cacau e balas Trabalhadores na indústria do mate Trabalhadores na indústria de laticínio e produtos derivados Trabalhadores na indústria de massas alimentícias e biscoitos
Indústria da cerveja de baixa fermentação Indústria da cerveja e de bebidas em geral	Trabalhadores na indústria de cerveja e bebidas em geral

<p>Indústria do vinho  <i>Indústria de águas minerais</i>  Indústria de azeite e óleos alimentícios  Indústria de doces e conservas alimentícias  Indústria de carnes e derivados</p>	<p>Trabalhadores na indústria do vinho  Trabalhadores na indústria de águas minerais  Trabalhadores na indústria do azeite e óleos alimentícios  Trabalhadores na indústria de docas e conservas alimentícias  Trabalhadores na indústria de carnes e derivados</p>
<p>Indústria do fio  Indústria do fumo  Indústria da imunização e tratamento de frutas</p>	<p>Trabalhadores na indústria de fio  Trabalhadores na indústria do fumo  Trabalhadores na indústria de imunização e tratamento de frutas</p>
<p><b>2 °GRUPO - Indústria do vestuário</b>  <b>Atividades ou categorias econômicas</b></p>	<p><b>2.º GRUPO - Trabalhadores nas indústrias do vestuário</b>  <b>Categorias profissionais</b></p>
<p>Indústria de calçados  Indústria de solado palmilhado  Indústria de camisas para homem e roupas brancas  Indústria de alfaiataria e de confecção de roupas de homem</p>	<p>Trabalhadores na indústria do calçado  Trabalhadores na indústria de tamancos, saltos, formas de pau  Oficiais alfaiates, costureiras e trabalhadores na indústria de confecção de roupas</p>
<p>Indústria de guarda-chuvas e bengalas  Indústria de luvas, bolsas e peles de resguardo  Indústria de pentes, botões e similares  Indústria de chapéus  Indústria de confecção de roupas e chapéus de senhora</p>	<p>Trabalhadores na indústria de guarda-chuvas e bengalas  Trabalhadores na indústria de luvas, bolsas e peles do resguardo  Trabalhadores na indústria de pentes, botões e similares  Trabalhadores na indústria da chapéus  Trabalhadores na indústria de confecção de roupas e chapéus de senhora</p>
<p><b>3 °GRUPO - Indústrias da construção e do mobiliário</b>  <b>Atividades ou categorias econômicas</b></p>	<p><b>3 °GRUPO - Trabalhadores nas indústrias da construção e do mobiliário</b>  <b>Categorias profissionais</b></p>
<p>Indústria da construção civil</p>	<p>Trabalhadores na indústria da construção civil (pedreiros, carpinteiros, pintores e estucadores, bombeiros hidráulicos e trabalhadores em geral, de estradas, pontes, portos e canais)</p>

Indústria de olaria Indústria do cimento, cal e gesso Indústria de ladrilhos hidráulicos e produtos de cimento	Trabalhadores na indústria de olaria Trabalhadores na indústria do cimento, cal e gesso Trabalhadores na indústria de ladrilhos hidráulicos e produtos de cimento
Indústria da cerâmica para construção Indústria de mármore e granitos Indústria de pinturas, decorações, estuques e ornatos	Trabalhadores na indústria de cerâmica para construção Trabalhadores na indústria de mármore e granitos Trabalhadores na indústria de pintura, decorações, estuques e ornatos
Indústria de serrarias, carpintarias e tanoarias Indústria da marcenaria (móveis da madeira) Indústria de móveis de junco e vime e de vassouras Indústria de cortinados e estofos	Oficiais marceneiros e trabalhadores nas indústrias de serrarias e de móveis de madeira Trabalhadores na indústria de móveis de junco e vime e de vassouras.
<b>4º GRUPO - Indústrias urbanas</b> <b>Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>4º GRUPO - Trabalhadores nas indústrias urbanas</b> <b>Categorias profissionais</b>
Indústria da purificação e distribuição de água Indústria de energia hidroelétrica Indústria de energia termoelétrica Indústria da produção do gás Serviços de esgotos	Trabalhadores na indústria da purificação e distribuição de água. Trabalhadores na indústria da energia hidroelétrica. Trabalhadores na indústria da energia termoelétrica. Trabalhadores na indústria da produção do gás. Trabalhadores em serviços de esgotos.
<b>5º GRUPO - Indústrias extrativas</b> <b>Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>5º GRUPO - Trabalhadores nas indústrias extrativas</b> <b>Categorias profissionais</b>
Indústria da extração do ouro e metais preciosos	Trabalhadores na indústria da extração de ouro e metais preciosos.
Indústria da extração do ferro e metais básicos Indústria da extração do carvão Indústria da extração de diamantes e pedras preciosas	Trabalhadores na indústria da extração do ferro e metais básicos. Trabalhadores na indústria da extração do carvão. Trabalhadores na indústria da extração de diamantes e pedras preciosas.
Indústria da extração de	Trabalhadores na indústria da extração de



mármore, calcários e pedreiras	mármore, calcários e pedreiras.
Indústria da extração de areias e barreiras Indústria da extração do sal Indústria da extração do petróleo Indústria da extração de madeiras Indústria da extração de resinas Indústria da extração da lenha Indústria da extração da borracha Indústria da extração de fibras vegetais e do descaroçamento do algodão	Trabalhadores na indústria da extração de areias e barreiras. Trabalhadores na indústria da extração do sal. Trabalhadores na indústria do petróleo. Trabalhadores na indústria da extração de madeiras, Trabalhadores na indústria da extração de resinas, Trabalhadores na indústria da extração da lenha. Trabalhadores na indústria da extração da borracha. Trabalhadores na indústria da extração de fibras vegetais e do descaroçamento do algodão.
Indústria da extração de óleos vegetais e animais	Trabalhadores na indústria da extração de óleos vegetais e animais.
<b>6º GRUPO – Indústria de fiação e tecelagem</b> <b>Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>6º GRUPO – Trabalhadores nas indústrias de fiação e tecelagem</b> <b>Categorias profissionais</b>
Indústria da cordoalha e estopa	Mestres e contramestres na indústria de fiação e tecelagem
Indústria da malharia e meias Indústria de fiação e tecelagem em geral Indústria de especialidades têxteis (passamanarias, rendas, tapetes)	Trabalhadores na indústria de fiação e tecelagem
<b>7º GRUPO - Indústria de artefatos de couro</b> <b>Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>7º GRUPO – Trabalhadores nas indústrias de artefatos de couro</b> <b>Categorias profissionais</b>
Indústria de curtimento de couros e de peles	Trabalhadores na indústria de curtimento de couros e peles
Indústria de malas e artigos de viagem Indústria de correias em geral e arreios	Trabalhadores na indústria de artefato de couro
<b>8º GRUPO - Indústria de artefatos de borracha</b>	<b>8º GRUPO – Trabalhadores nas indústrias de artefatos de borracha</b>

<b>Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>Categorias profissionais</b>
Indústria de artefatos de borracha	Trabalhadores na indústria de artefatos de borracha
<b>9 °GRUPO - Indústria de joalheria e lapidação de pedras preciosas</b> <b>Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>9º GRUPO - Trabalhadores nas indústrias da joalheria e lapidação de pedras preciosas</b> <b>Categorias profissionais</b>
Indústria de joalheria e ourivesaria Indústria da lapidação de pedras preciosas	Oficiais joalheiros e ourives Oficiais lapidários.
<b>10 °GRUPO - Indústrias químicas e farmacêuticas</b> <b>Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>10 °GRUPO - Trabalhadores nas Indústrias químicas e farmacêuticas</b> <b>Categorias profissionais</b>
Indústrias de produtos químicos para fins industriais	Trabalhadores na indústria de produtos químicos para fins industriais
Indústria de produtos farmacêuticos Indústria de preparação de óleos vegetais e animais	Trabalhadores na indústria de produtos farmacêuticos Trabalhadores na preparação de óleos vegetais e animais
Indústria de resinas sintéticas Indústria de perfumarias e artigos de toucador Indústria de sabão e velas Indústria da fabricação do álcool Indústria de explosivos Indústria de tintas e vernizes Indústria de fósforos Indústria de adubos e colas Indústria de formicidas e inseticidas Indústria de lavanderia e tinturaria do vestuário	Trabalhadores na indústria de resinas sintéticas Trabalhadores na indústria de perfumarias e artigos de toucador Trabalhadores na indústria de sabão e velas Trabalhadores na indústria de fabricação do álcool Trabalhadores na indústria de explosivos Trabalhadores na indústria de tintas e vernizes Trabalhadores na indústria de fósforos Trabalhadores na indústria de adubos e colas Trabalhadores na indústria de formicidas e inseticidas Trabalhadores na indústria de lavanderia e tinturaria do vestuário
Indústria de destilação e refinação de petróleo Indústria de material plástico	Trabalhadores na indústria de destilação e refinação de petróleo Trabalhadores na indústria de material

	plástico
<b>11 °GRUPO - Indústrias do papel, papelão e cortiça Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>11 °GRUPO - Trabalhadores nas Indústrias do papel, papelão e cortiça Categorias profissionais</b>
Indústria do papel Indústria do papelão Indústria de cortiça	<del>Trabalhadores na indústria de artefatos de papel, papelão e cortiça</del> Trabalhadores na indústria de papel, papelão e cortiça (Redação dada pelo Decreto Lei nº 6.353, de 1944)
Indústria de artefatos de papel, papelão e cortiça	Trabalhadores na indústria de artefatos de papel, papelão e cortiça
<b>12 °GRUPO - Indústrias gráficas Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>12 °GRUPO - Trabalhadores nas Indústrias gráficas Categorias profissionais</b>
Indústria da tipografia Indústria da gravura	Oficiais gráficos
Indústria da encadernação	Oficiais encadernadores
<b>13 °GRUPO - Indústrias de vidros, cristais, espelhos, cerâmica de louça e porcelana Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>13 °GRUPO - Trabalhadores nas Indústrias de vidros, cristais, espelhos, cerâmica de louça e porcelana Categorias profissionais</b>
Indústria de vidros e cristais planos Indústria de vidros e cristais ocios (frascos, garrafas, copos e similares) Indústria de espelhos de polimento (lapidação de vidro)	Trabalhadores na indústria de vidros, cristais e espelhos
Indústria de cerâmica de louça de pó de pedra, da porcelana e da louça de barro	Trabalhadores na indústria de cerâmica de louça de pó de pedra, da porcelana e da louça de barro
<b>14 °GRUPO - Indústrias metalúrgicas, mecânica e de material elétrico Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>14 °GRUPO - Trabalhadores nas Indústrias metalúrgicas, mecânica e de material elétrico Categorias profissionais</b>
Indústria do ferro (siderurgia) Indústria da fundição	Trabalhadores metalúrgicos (siderurgia e fundição)

Indústria de artefatos de ferro e metais em geral Indústria da serralheria	
Indústria da mecânica Indústria da galvanoplastia e de niquelação Indústria de máquinas Indústria de cutelaria Indústria de balanças, pesos e medidas Indústria de funilaria Indústria de estamparia de metais Indústria de móveis de metal Indústria da construção e montagem de veículos Indústria de reparação de veículos e acessórios Indústria da construção naval	Trabalhadores em oficinas mecânicas
Indústria de lâmpadas e aparelhos elétricos de iluminação Indústria de condutores elétricos e de trefilação Indústria de aparelhos elétricos e similares Indústria de aparelhos de radiotransmissão	Trabalhadores na indústria do material elétrico
<b>15 °GRUPO - Indústrias de instrumentos musicais e brinquedos Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>15 °GRUPO - Trabalhadores nas Indústrias de instrumentos musicais e brinquedos Categorias profissionais</b>
Indústrias de instrumentos musicais	Trabalhadores na indústria de instrumentos musicais
Indústrias de brinquedos	Trabalhadores na indústria de brinquedos
<b>CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO</b>	<b>CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES NO COMÉRCIO</b>
<b>1 °GRUPO - Comércio atacadista Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>1 °GRUPO - Empregados no comércio Categorias profissionais</b>

Comércio atacadista de algodão e outras fibras vegetais	Empregados no comércio (prepostos do comércio em geral) Empregados vendedores e viajantes do comércio
Comércio atacadista de café	
Comércio atacadista de carnes frescas e congeladas	
Comércio atacadista de carvão vegetal e lenha	
Comércio atacadista de gêneros alimentícios	
Comércio atacadista de tecidos, vestuário e armarinho	
Comércio atacadista de louças, tintas e ferragens	
Comércio atacadista de maquinismos em geral	
Comércio atacadista de material de construção	
Comércio atacadista de material elétrico	
Comércio atacadista de minérios e combustíveis minerais	Trabalhadores em empresas comerciais de minérios e combustíveis minerais
Comércio atacadista de produtos químicos para a indústria e lavoura	
Comércio atacadista de drogas e medicamentos	
Comércio atacadista de pedras preciosas	
Comércio atacadista de jóias e relógios	
Comércio atacadista de papel e papelão	
<b>2 °GRUPO - Comércio varejista</b> <b>Atividades ou categorias econômicas</b>	

Lojistas do comércio (estabelecimentos de tecidos de vestuário, adorno e acessórios, de objetos de arte, de louças finas, de ótica, de cirurgia, de papelaria e material de escritório, de livraria, de material fotográfico, de móveis e congêneres)	
Comércio varejista de carnes frescas	
Comércio varejista de gêneros alimentícios	
Comércio varejista de produtos farmacêuticos	Práticos de farmácia
Comércio varejista de maquinismos, ferragens e tintas (utensílios e ferramentas)	
Comércio varejista de material elétrico	
Comércio varejista de automóveis e acessórios	
Comércio varejista de carvão vegetal e lenha	
Comércio varejista de combustíveis minerais	
Comércio de vendedores ambulantes (trabalhadores autônomos)	
Comércio varejista dos feirantes	
<b>3 °GRUPO - Agentes autônomos do comércio Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>2 °GRUPO - Empregados de agentes autônomos de comércio Categorias profissionais</b>
Corretores de mercadorias	Empregados de agentes autônomos do comércio
Corretores de navios	
Corretores de imóveis	
Despachantes aduaneiros	
Despachantes de estrada de ferros	

Leiloeiros	
Representantes comerciais	
Comissários e consignatários	
<b>4 °GRUPO - Comércio armazenador Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>3 °GRUPO - Trabalhadores no comércio armazenador Categorias profissionais</b>
Trapiches	Trabalhadores no comércio armazenador (Trapiches, armazéns gerais e entrepostos)
Armazéns gerais (de café, algodão e outros produtos)	Carregadores e ensacadores de café
Entrepasto (de carnes, leite e outros produtos)	Carregadores e ensacadores de sal
<b>5 °GRUPO - Turismo e hospitalidade Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>4 °GRUPO - Empregados em Turismo e hospitalidade Categorias profissionais</b>
Empresa de turismo	Intérpretes e guias de turismo
Hotéis e similares (restaurantes, pensões, bares, cafés, leiterias e confeitarias)	Empregados no comércio hoteleiro e similar (inclusive porteiros e cabineiros de edifícios)
Hospitais, clínicas casa de saúde	Enfermeiros e empregados em hospitais e casas de saúde, inclusive duchista e massagistas
Casas de diversões	Empregados em casas de diversões
salões de barbeiros e de cabeleireiros, institutos de beleza e similares	Oficiais, barbeiros, cabeleireiros e similares
Empresas de compra e venda e de locação de imóveis	
Serviços de lustradores de calçados	Lustradores de calçados
<b>CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRANSPORTES MARÍTIMOS, FLUVIAIS E AÉREOS</b>	<b>CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES EM TRANSPORTES MARÍTIMOS, FLUVIAIS E AÉREOS</b>
<b>1 °GRUPO - Empresa de navegação marítima e fluvial Atividades ou categorias</b>	<b>1 °GRUPO -Trabalhadores em transportes marítimos e fluviais Categorias profissionais</b>

<b>econômicas</b>	
Empresa de navegação marítima	<p>Oficiais de náutica da Marinha Mercante  Oficiais de máquinas da Marinha Mercante  Comissários da Marinha Mercante  Motoristas e condutores da Marinha Mercante  Conferentes de carga da Marinha Mercante  Práticos, arrais e mestres de cabotagem em transportes marítimos  Contramestres, marinheiros e moços em transportes marítimos  Radiotelegrafistas da Marinha Mercante  Taifeiros, culinários e panificadores marítimos  Foguistas na Marinha Mercante (inclusive carvoeiros)  Médicos da Marinha Mercante  Enfermeiros da. Marinha Mercante  Empregados em escritórios das empresas de navegação marítima  Mestres e encarregados de estaleiros das empresas de navegação marítima  Operários navais (trabalhadores em estaleiros de navegação marítima e calafates navais)  Carpinteiros navais</p>
<p>Empresa de navegação fluvial e lacustre</p> <p>Agências de navegação</p>	<p>Oficiais de náutica em transportes fluviais  Oficiais de máquinas em transportes fluviais  Comissários em transportes fluviais  Motoristas e condutores em transportes fluviais  Conferentes de carga em transportes fluviais  Práticos, arrais e mestres de cabotagem em transportes fluviais  Contramestres, marinheiros e moços em transportes fluviais  Radiotelegrafistas em transportes fluviais  Taifeiros, culinários e panificadores em transportes fluviais  Foguistas em transportes fluviais (inclusive carvoeiros)  Médicos em transportes fluviais  Enfermeiros em transportes fluviais  Empregados em escritórios das empresas de navegação fluvial</p>



	Mestres e encarregados de estaleiros das empresas de navegação fluvial Operários fluviais (trabalhadores em estaleiros de navegação fluvial e calafates fluviais) Carpinteiros fluviais Enfermeiros da Marinho Mercante.
<b>2 °GRUPO - Empresas aeroviárias Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>2 °GRUPO - Trabalhadores em transportes aéreos Categorias profissionais</b>
Empresas aeroviárias	Aeronautas Aeroviários
<b>3 °GRUPO - Empresários e administradores de portos Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>3 °GRUPO - Estivadores Categorias profissionais</b>
Empresários e administradores de portos	Estivadores
Carregadores e transportadores de bagagem dos portos (trabalhadores autônomos)	Trabalhadores em estiva de minérios
<b>4 °GRUPO</b>	<b>4 °GRUPO - Portuários Categorias profissionais</b>
	Trabalhadores nos serviços portuários Motoristas em guindastes dos portos Conferentes e consertadores de carga e descarga nos portos
<b>CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRANSPORTES TERRESTRES</b>	<b>CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS TRANSPORTES EM TRANSPORTES TERRESTRES</b>
<b>1°GRUPO - Empresas ferroviárias Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>1°GRUPO -Trabalhadores ferroviários Categorias profissionais</b>
Empresas ferroviárias Carregadores e transportadores de bagagens em estações ferroviárias (trabalhadores autônomos)	Trabalhadores em empresas ferroviárias
<b>2°GRUPO - Empresas de transportes rodoviárias</b>	<b>2°GRUPO -Trabalhadores em transportes rodoviárias</b>

<b>Atividades ou categorias econômicas</b>	<b>Categorias profissionais</b>
Empresas de transportes de passageiros Empresas de veículos de carga Empresas de garagens	Empregados em escritórios de empresas de transportes rodoviárias
Carregadores e transportadores de volumes de bagagens em geral (trabalhadores autônomos)	Condutores de veículos rodoviários (inclusive ajudantes e carregadores, trocadores de ônibus, lavadores de automóveis)
<b>3º GRUPO - Empresas de carris urbanos (inclusive cabos aéreos)</b> <b>Atividades ou categorias econômicas</b>	

**MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO**  
**SECRETARIA DE INSPEÇÃO DO TRABALHO**